

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

RODRIGO ROCHA MONTEIRO

**TERRITORIALIDADE E MEMÓRIA TROPEIRA EM SÃO PAULO:  
O CAMINHO PAULISTA DAS TROPAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro

Rio Claro

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

RODRIGO ROCHA MONTEIRO

**TERRITORIALIDADE E MEMÓRIA TROPEIRA EM SÃO PAULO:  
O CAMINHO PAULISTA DAS TROPAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof<sup>a</sup>. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Casto (IGCE/ Unesp – Rio Claro)

Prof<sup>a</sup>. Dra Silvia Ap. Guarnieri Ortigoza (IGCE/Unesp – Rio Claro)

Prof. Dr. Fabrício Gallo (IGCE/ Unesp – Rio Claro)

Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa (UnB – Brasília)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Neusa de Fátima Mariano (Ufscar – Campus Sorocaba)

Rio Claro

2013

***Dedico esse trabalho à Deus, minha família e amigos***

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado todas as condições necessárias para a realização deste trabalho.*

*À Profa. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro pela orientação, pela sua amizade e pelo apoio que me deu em todos os momentos que precisei.*

*À minha família que mesmo nos períodos que estivemos longe, sempre encontraram formas de se fazer presente. Principalmente a minha mãe (Eunice Rocha), minha irmã (Michelle Rocha Monteiro), meu pai (Nilton Monteiro da Silva) e minha tia (Maria Aparecida Rocha).*

*Aos meus amigos de todos os momentos, principalmente Luis Carvajal, Talita Caetano, Bruno Corrêa, André Coltre, Nayara Rosa, Michelle Roveri, entre outros.*

*Á todos da família Carvajal e Boza da Costa Rica que me receberam em momentos importantes desta pesquisa.*

*Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Rio Claro. Pelas condições e apoio que forneceram para realização do trabalho.*

*À todos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que auxiliaram na construção dos conhecimentos necessários para o trabalho e para minha formação.*

## ***O TROPEIRO***

***Eu sou tropeiro e adoro essa vida  
A gente vai para onde quiser  
Não tenho amores, querência nenhuma  
Eu nunca me prendo por uma mulher.  
Que liberdade um pingô de raça  
Essa é a vida que sempre eu quis  
Levando a tropa eu vou pelo mundo  
Vagando e cantando sou muito feliz.***

***Muitas mulheres bonitas me querem  
Muitas promessas de amor recebi  
Mas meu destino é vagar pelo mundo  
Sempre cantando sou muito feliz.***

***"É isso aí amigo, não tenho culpa se nasci  
com o destino de viver tropeando por este  
mundo de Deus"***

***Quando sozinho eu cruzo as campinas  
Ou quando estou nos confins do sertão  
Tenho saudade de uma linda china que  
ficou pra sempre em meu coração.***

***Milionário e José Rico***

## RESUMO

O tropeirismo foi uma atividade extremamente importante para o Brasil no período colonial. As regiões meridionais principalmente, tiveram nessa atividade uma alternativa para sua estagnação econômica. Devido a essa importância, os espaços da região sul do Brasil e sudoeste de São Paulo incorporaram elementos e se transformaram para atender a essa dinâmica. Também a população local com sua cultura e costumes, revela uma herança tropeira que ainda está presente na memória das pessoas. Na região sudoeste do estado de São Paulo vimos surgir iniciativas para resgate de cultura e tradição tropeira. Estas são impulsionadas pelas memórias de grupos que buscam refazer os principais caminhos das tropas do passado, demarcando espaços que permitem uma reconstrução da história com a intenção de reafirmar identidades. É o caso, por exemplo, da Tropeada Paulista, um evento anual que busca refazer o trecho paulista do antigo caminho de Viamão. Os participantes da tropeada percorrem o trajeto de Itararé a Sorocaba, buscando reconstruir experiências. O tropeirismo produziu relações socioeconômicas que estiveram associadas à produção de gêneros e produtos comercializáveis em diversas áreas do sul do país, como os faxinais, por exemplo, que possivelmente tiveram estruturas semelhantes na região paulista integrada à essa dinâmica, como as chamadas 'invernadas abertas'.

Palavras-Chave: tropeirismo, memória, territorialidade, invernadas abertas.

## RESUMEN

El troperismo fue una actividad muy importante para Brasil durante el período Colonial. Las regiones meridionales, sobre todo, tuvieron en esta actividad una alternativa al estancamiento económico. Debido a esta importancia, las zonas del sur de Brasil y suroeste de São Paulo incorporaron elementos y se transformaron para suplir a esta dinámica. Además, la gente local, su cultura y sus costumbres, revelan una herencia que todavía se encuentra en la memoria de las personas. En la región suroeste del estado de São Paulo vimos surgir iniciativas para rescatar la cultura y la tradición tropeira. Estos son impulsados por las memorias de los grupos que intentan rehacer las rutas de los tropeiros en el pasado, demarcando espacios que permiten reconstruir la historia con la intención de reafirmar identidades. Este es el caso, por ejemplo, de la Tropeada Paulista, un evento anual que busca reconstruir la parte paulista del camino de Viamão. Los participantes viajan por el camino de Itararé hasta Sorocaba, tratando de reconstruir experiencias. El tropeirismo produjo relaciones sociales y económicas que estuvieron asociadas a la producción de géneros y productos comercializables en diversas regiones del sur del país, como en los Faxinais, por ejemplo, que posiblemente tuvieron estructuras similares en la región paulista integrada a esa dinámica, como las conocidas como “invernadas abiertas”.

Palabras-Clave: Troperismo, Memoria, Territorialidad, invernadas abiertas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE TROPEIRA NO BRASIL.....</b>	<b>16</b>
1.1 Antecedentes da atividade tropeira no Brasil.....	16
1.2 A atividade tropeira regional.....	28
1.3 O tropeirismo e seu legado cultural.....	39
<b>2. TERRITORIALIDADE DA ATIVIDADE TROPEIRA EM SÃO PAULO.....</b>	<b>50</b>
2.1 Territorialidade tropeira no sudoeste paulista.....	62
<b>3. NO CONTEXTO DO TROPEIRISMO: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO LOCAL EM SOROCABA – SP.....</b>	<b>75</b>
3.1 Caracterização do município de Sorocaba – SP.....	76
3.2 Sorocaba no contexto do tropeirismo.....	85
3.3 O imaginário tropeiro em Sorocaba.....	98
3.3.1 O Jornal Cruzeiro do Sul.....	99
3.3.2 Academia Sorocabana de Letras – ASL.....	106
3.3.3 O Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba – IHGGS.....	111
<b>4. O CAMINHO ITARARÉ-SOROCABA: MEMÓRIAS DE TROPEIROS.....</b>	<b>116</b>
4.1 Tropeada Paulista: Memória e territorialidade tropeira no sudoeste do estado de São Paulo.....	122
4.2 A 8ª Tropeada Paulista.....	130
4.2.1 Itararé – Itaberá (Agrovila III) – Sexta-Feira dia 17/05.....	132
4.2.2 Itaberá – Itapeva – Sábado dia 18/05.....	139

4.2.3 Itapeva – Taquarivaí – Domingo dia 19/05.....	148
4.2.4 Taquarivaí – Bairro Bom Retiro (Itapetininga) Segunda-Feira dia 20/05.....	154
4.2.5 Bairro Bom Retiro (Itapetininga) – Recinto Expo-Agro (Itapetininga) Terça-Feira dia 21/05.....	163
4.2.6 Recinto Expo-Agro (Itapetininga) – Tatuí –Quinta-Feira dia 23/05.....	175
4.2.7 Tatuí – Fazenda Ipanema (Iperó) Sexta-Feira dia 24/05.....	180
4.2.8 Fazenda Ipanema (Iperó) – Sorocaba – Sábado dia 25/05.....	186
<b>4.3 Reflexões sobre a territorialidade e a memória da 8ª Tropeada Paulista.....</b>	<b>193</b>
<b>5. TERRITORIALIDADE, TROPEIRISMO E TERRAS DE USO COMUM NO ESTADO DE SÃO PAULO.....</b>	<b>195</b>
<b>5.1 Tropeirismo e uso comum de terras no estado de São Paulo: possibilidades para novas pesquisas .....</b>	<b>197</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>206</b>
<b>ANEXO A – Carta de Ipoema.....</b>	<b>214</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de anuência prévia para realização do projeto....</b>	<b>218</b>
<b>APÊNDICE B – Termos de autorização para entrevista e gravação de voz.....</b>	<b>224</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Viajante paulista com poncho – Ilustração de Thomas Ender (1817).....	42
<b>Figura 2.</b> Mapa das rotas das tropas no sul do Brasil até Sorocaba.....	66
<b>Figura 3.</b> Mapa do percurso da cavalgada anual Itararé-Sorocaba/ 2010 - Associação Intermunicipal Circuito Cultural Caminho Paulista das Tropas.....	70
<b>Figura 4.</b> Mapa de localização do Município de Sorocaba – SP.....	77
<b>Figura 5.</b> Mapa do primeiro caminho das tropas que atravessava Sorocaba..	97
<b>Figura 6.</b> Reportagem do Jornal Cruzeiro do Sul de 17 de maio de 1999.....	105
<b>Figura 7.</b> Cartaz Oficial da 8ª Tropeada Paulista Itararé – Sorocaba.....	125
<b>Figura 8.</b> Mapa do trajeto e pousos da 8ª Tropeada Paulista.....	131
<b>Figura 9.</b> Trecho da Carta de Ipoema.....	181

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1.</b> Jantar no pouso de tropas na Fazenda Ipanema em Iperó/SP...72	
<b>Fotografia 2.</b> Missa realizada na Fazenda Ipanema em Iperó no dia 30/05/2010.....	73
<b>Fotografia 3.</b> Missa no pouso de Itapetininga.....	172
<b>Fotografia 4.</b> Tralhas sendo comercializadas entre participantes da tropeada.....	174
<b>Fotografia 5.</b> 8ª Tropeada paulista se deslocando em trecho asfaltado.....	179
<b>Fotografia 6.</b> Benção aos tropeiros no largo do Divino em Sorocaba – SP.....	188

## INTRODUÇÃO

O tropeirismo foi uma atividade econômica que permitia o desenvolvimento de setores mais proeminentes da economia colonial brasileira. Não obstante, ela se configurou como uma alternativa para as regiões localizadas ao sul, tomando uma proporção que permitia a transformação do espaço e a configuração da paisagem do sul do Brasil. Devido a essa importância no passado, as áreas que apresentam contato entre campos e matas no sul do Brasil foram fortemente marcadas pelo tropeirismo, dentre as quais a região sudoeste paulista.

Esse trabalho teve como objetivo o levantamento de memórias sobre o tropeirismo ao longo do antigo caminho paulista das tropas, buscando articulá-las com a territorialidade da oitava tropeada paulista. Portanto, teve como pressuposto um estudo sobre a territorialidade da memória tropeira, como ela se fortaleceu e se reconstruiu com o advento do surgimento de eventos ligados ao resgate da cultura tropeira, criando formas e estratégias espaciais específicas.

Essa inquietação que levou ao estudo do tropeirismo e desses eventos ligados à memória dessa atividade faz parte de uma preocupação de pesquisa maior. Essa diz respeito ao tradicionalismo que vêm se impondo em nossa sociedade urbano-industrial através de manifestações da cultura imaterial. Esse retorno é facilmente verificável quando percebemos que frente a uma tentativa de homogeneização da cultura há resistências à perda de identidades e a incorporação dessas a um modo de vida moderno. Essa situação tem feito emergir novas formas de lutas e de resistência ligadas à reafirmação de

identidades que vinham sendo desagregadas. Durante meu percurso de pesquisa até o mestrado trabalhei com as comunidades faxinalenses no estado do Paraná. Essas ganhavam cada vez mais visibilidade e atenção por parte do poder público que instaurava políticas públicas para salvaguarda dessas comunidades. Na ocasião do mestrado, estudei as transformações sócio espaciais de comunidades faxinalenses e pude perceber uma estreita ligação, no passado, com a atividade tropeira que se desenvolvia no sul do Brasil. Isso levou a um olhar mais cuidadoso sobre a atividade tropeira e sua produção do espaço na região sul do Brasil. Dada essa situação, percebi que no estado de São Paulo estavam começando a aparecer diversas iniciativas para resgate da cultura e tradição tropeira. O tema vinha ganhando cada vez mais visibilidade no circuito turístico e cultural por meio das chamadas tropeadas, que seriam cavalgadas promovidas para lembrar o tropeirismo em alguns dos principais caminhos de tropas do passado. Portanto, a preocupação se voltou para as memórias que são reativadas e recriadas na ocasião dessas tropeadas e como se dá a territorialidade tanto do tropeirismo, no passado, quanto das tropeadas hoje, e como isso se liga com a questão da produção do espaço regional. Para tanto, a Tropeada Paulista Anual que é feita entre Itararé e Sorocaba se mostrou como um bom problema de pesquisa.

Para realização da pesquisa e do trabalho foram mantidos os seguintes procedimentos. Primeiramente, após a definição do tema de pesquisa, partimos para um levantamento bibliográfico teórico e conceitual que permitiu sedimentar as bases sobre as quais se construiria a pesquisa empírica. Em seguida, passamos para a definição da estratégia para busca de dados e informações. Para tanto, foi definido que faríamos pesquisa no arquivo histórico

do Jornal Cruzeiro do Sul, tanto físico quanto virtual. A escolha por esse jornal se deu pelo fato desse ser o jornal diário mais antigo da cidade de Sorocaba, atendendo toda a sua região. Também por ser esse jornal um veículo de comunicação importante para a construção do imaginário local. Em seguida passamos para uma pesquisa em instituições históricas e de memória importantes na cidade e que têm trabalhado com a questão do tropeirismo: a Academia Sorocabana de Letras e o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Em seguida foi estabelecido que seria necessário acompanhar uma tropeada paulista de Itararé a Sorocaba, durante os 10 dias de sua realização, para colher entrevistas dos participantes e resgatar a memória do tropeirismo no/pelo evento.

A tese encontra-se estruturada em cinco capítulos que contém as discussões para construção dos argumentos.

No primeiro capítulo optou-se por um levantamento histórico sobre o tropeirismo. Buscamos trazer os principais autores que trabalham com a temática, trazendo questões como antecedentes, origens e apogeu da atividade tropeira, bem como sua decadência. É um capítulo de cunho histórico marcando a importância dessa atividade para a região sul do Brasil. Apesar de encontrarmos o desenvolvimento do tropeirismo em outras regiões, a escolha pela região sul e por São Paulo se deve pela relevância que essa atividade teve por ali, bem como para dar sustentação à discussão da tese que enfoca a região sudoeste paulista.

No segundo capítulo apresentamos um referencial teórico sobre os conceitos de Território e Territorialidade. Com isso buscamos dar suporte para

investigação, análise e construção da argumentação a respeito do objetivo do trabalho.

No terceiro capítulo enfocamos a cidade de Sorocaba. A escolha por esse local se dá pela importância que o município teve no contexto do tropeirismo. Ali essa atividade tomava grandes proporções devido à feira anual de muares. São enfocados aspectos como a importância de Sorocaba com o advento da atividade tropeira, bem como a construção do imaginário local por algumas instituições e organizações. É um lugar importante e de referência para os estudos históricos acerca do tropeirismo.

No quarto capítulo a preocupação se volta para a oitava edição da tropeada paulista. Para tanto, primeiramente trazemos um referencial sobre o conceito de memória, que embasará o estudo de campo que se caracterizou pelo acompanhamento dos dez dias de evento. Durante essa viagem de Itararé a Sorocaba junto com os participantes da tropeada foi possível levantar material de entrevistas, observações de campo e fotos para compor esse capítulo. Apresentar-se-á uma narrativa da tropeada permeada por depoimentos e relatos de experiência e memórias dos participantes.

O quinto capítulo traz uma discussão sobre algumas terras de uso comum que no estado do Paraná estiveram intensamente ligadas à atividade tropeira. Os Faxinais (como são chamadas essas comunidades) e sua formação estão bastante relacionados com o tropeirismo na região que apresenta essa dualidade de mata e campos. Nesse quinto capítulo lançamos a hipótese, para “futuras investigações”, de que no estado de São Paulo também existiram terras de uso comum que atenderam às demandas tropeira, que foram identificadas na pesquisa como ‘invernadas abertas’. Portanto,

buscamos construir argumentos que incitem novas pesquisas sobre esse tema que ainda é bastante incipiente.

Como um dos resultados do trabalho, buscamos associar a antiga atividade tropeira no sudoeste paulista, à existência de terras de uso comum nos moldes dos faxinais presentes no Paraná e Santa Catarina. Também que a memória do tropeirismo na região compõe um patrimônio cultural vivenciado por grupos locais. Por outro lado, esse patrimônio cultural vem sendo apropriado por iniciativas de cunho turístico pelos poderes públicos municipais.

Entretanto reconhecemos que a tropeada paulista aparece ressignificada como identidade regional, seja pela manutenção de simbolismos e de um imaginário que se nutre do passado, mas também pela efetivação de relações sociais concretas – como o comércio de animais – que acontece durante o evento.

## **CAPITULO 1. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE TROPEIRA NO BRASIL**

Pretende-se, aqui, apontar a origem da atividade tropeira no Brasil, ressaltando a forma como ela foi tomando importância dentro do cenário do Brasil Colonial. Primeiramente aborda-se o contexto anterior ao surgimento dessa atividade para, posteriormente, apresentar o seu surgimento como atividade acessória e alternativa para uma região. Em seguida, discute-se o legado deixado pelo tropeirismo na cultura regional.

### **1.1 Antecedentes da atividade tropeira no Brasil.**

A primeira atividade agrícola desenvolvida na colônia foi a da cana-de-açúcar. Isso se explica, em grande parte, pelo preço que esta mercadoria alcançava no mercado externo, mas também pelas condições físico-naturais propícias ao desenvolvimento dessa atividade. Outro fator também decisivo foi a necessidade de garantir uma atividade rentável para a colônia, que não se tornava viável sem uma atividade que pudesse reverter em lucro para os colonizadores.

Caio Prado Júnior (1980), afirma que já se notava que as condições climáticas do Brasil seriam favoráveis ao desenvolvimento da atividade açucareira. Sobre isso, ele comenta que:

Já se conhecia o bastante do Brasil para esperar que nele a cana-de-açúcar dar-se-ia bem. O clima quente e úmido da costa ser-lhe-ia

altamente favorável; e quanto à mão-de-obra, contou-se a princípio com os indígenas que, como vimos, eram relativamente numerosos e pacíficos no litoral. Estas perspectivas seriam amplamente confirmadas; o único fator ainda ignorado antes da tentativa, a qualidade do solo, revelar-se-ia surpreendentemente propício, em alguns pontos pelo menos da extensa costa. Foi o caso, particularmente do Extremo Nordeste, na planície litorânea hoje ocupada pelo Estado de Pernambuco; e do contorno da baía de Todos os Santos (o Recôncavo baiano, como seria chamado). Não seriam aliás os únicos: de uma forma geral, toda a costa brasileira presta-se ao cultivo de cana-de-açúcar. (PRADO JUNIOR, 1980, p.32)

A ocupação efetiva da colônia passou a ser dada a partir dessa atividade. Assim, pela quantidade de terra disponível na colônia, e pelo caráter da cultura de cana que somente se viabilizava em grandes plantações, o regime para ocupação da área presumia-se na doação de grandes lotes de terra que se estendiam por milhares de léguas. A necessidade de estabelecimento de uma empresa agrícola em um meio ainda, em certa medida, virgem e hostil para os europeus, fazia com que esta empreitada se tornasse muito onerosa. Assim, lança-se as bases para que o tipo de exploração agrária que iria predominar no Brasil fosse o da grande propriedade (PRADO JUNIOR, 1980).

Dentro do contexto da atividade canavieira que o trabalho escravo foi mais amplamente utilizado. Como nos lembra Celso Furtado (1999), a ideia inicial era a de utilizar a escravidão indígena atender as demandas, porém, o aproveitamento do mesmo se tornou inviável para atender a empresas, nas escalas requeridas para produção. A princípio a escravidão indígena funcionou, porém, com a intensificação da atividade açucareira e com a afluência de maior número de colonos aportando e se integrando no setor que estava se desenvolvendo, este tipo de mão-de-obra mostrou-se incipiente. Também, a resistência indígena parecia não colaborar com os projetos que se

tinha para o mesmo, pois sua natureza nômade poderia mais ou menos funcionar com a atividade extrativista do pau-brasil, porém, com uma atividade agrícola que requer uma fixação na terra, este se mostrava bastante relutante. As trocas de produtos com os indígenas, buscando manter seu trabalho, pareciam também não funcionar e estes acabavam ficando sob uma grande vigilância, para que seu trabalho pudesse ser garantido – principalmente pela prática do escambo. Essa situação acabou por gerar conflitos diretos entre colonos e indígenas, se mostrando cada vez mais difícil a utilização dessa mão-de-obra para o trabalho na atividade açucareira (PRADO JUNIOR, 1980).

Caio Prado Júnior (1980) afirma que esta troca do trabalhador indígena pelo escravo seria feito muito rapidamente em regiões como Pernambuco e Bahia, regiões de maior dinâmica da atividade açucareira. Em contrapartida, regiões menos dinâmicas ficaram ainda tendo na escravidão indígena a base do trabalho local.

É importante notar que a forma de ocupação e de exploração da colônia sempre seguiu a lógica do estabelecimento de grandes unidades produtivas, assentadas sobre grandes propriedades. Portanto, essa característica inicial no processo de colonização irá deixar suas marcas na organização do território e na sociedade brasileira até hoje. O importante, por ora, é notarmos que o trabalho escravo se constituiu na principal forma para produção e exploração dessas áreas até então centrais para a economia da colônia.

A região do Nordeste, no século XVI e XVII, se caracterizava por ser a mais rica e dinâmica da colônia. As outras regiões, como já mencionado

anteriormente, não desenvolviam nenhuma atividade importante que pudesse levar a um enriquecimento e um desenvolvimento maior de suas áreas.

Assim era a situação de Piratininga, que afastada da faixa litorânea, e longe das áreas onde se instalavam os grandes engenhos com suas dinâmicas, permanecia numa situação de abandono. Assim, longe das áreas onde era possível uma utilização maior da mão-de-obra escrava africana, o paulista ainda utilizava a mão-de-obra indígena, sendo que também se especializou na sua busca e captura.

Longe da riqueza agrária gerada pelos engenhos, os bandeirantes paulistas precisam recorrer ao enorme sertão para procurar e aprisionar o indígena, que inicialmente lhe servia de mercadoria para troca em áreas mais dinâmicas, mas, posteriormente, passou a realizar serviços para os próprios paulistas. Esta situação de pobreza e abandono acarretou numa maior mobilidade do paulista, como afirma Sergio Buarque de Holanda, ao mencionar que:

é verdade que essas diferenças têm caráter relativo e que dela não é lícito tirar nenhuma conclusão muito peremptória. A mobilidade dos paulistas está condicionada, em grande parte, a certa insuficiência do meio; insuficiência para nutrir os mesmos ideais de vida estável, que nas terras da marinha puderam realizar-se quase ao primeiro contato mais íntimo entre o europeu e o mundo novo. Distanciados dos centros de consumo, impossibilitados, por isso, de atrair em grande escala os negros africanos, deverão eles contentar-se com o braço indígena, com os “negros” da terra; para obtê-los é que serão forçados a correr sertões inóspitos e ignorados. Em toda parte é idêntico o objetivo dos colonos portugueses. Diverge unicamente, ditado pelas circunstâncias locais, o compasso que, num e noutro caso, regula a marcha para esse objetivo (HOLANDA, 2005, p.9 – 10).

Podemos notar que o isolamento e a situação econômica em que se encontrava a região do Piratininga entre os séculos XVI e XVII, esta não

poderia atrair escravos africanos para serem utilizados como mão-de-obra, pois o preço desses no mercado, como já mencionado anteriormente, inviabilizava a sua utilização na região. Assim, a saída foi a exploração do grande sertão ainda pouco conhecido e desbravado. Nesse sentido, o paulista acaba desenvolvendo uma aptidão para o deslocamento e para as viagens pelos grandes sertões que se mostravam cheios de possibilidades.

Sergio Buarque de Holanda (2005) afirma, ainda, que é possível verificar em mapas do século XVII que a vila de São Paulo se apresentava como o centro de um amplo sistema de vias e estradas que se abriam rumo ao sertão. Essas estradas, muitas vezes precárias, serviam como deslocamento do paulista pelo sertão, muito influenciado pelos caminhos e pela mobilidade do próprio indígena. Portanto, como afirma o autor, essa capacidade de orientação nas brenhas selvagens, se explica pela afinidade com o gentio. Era o paulista, então, capaz de transpor pelas passagens mais convenientes as matas espessas ou montanhas aprumadas, bem como também escolher o local para pouso e abastecimento.

É possível, aqui, abrir um parêntese para mencionar que o indígena foi forçado a trabalhar como escravo pelos paulistas. Como afirma John Monteiro (1987), os bandeirantes se deslocavam para áreas onde poderiam encontrar o gentio nativo para capturá-lo e o submeter a um regime de aculturação. Como afirma o autor acima citado, “alianças, relações de troca e mesmo relações de parentesco movimentavam cativos para a esfera europeia” (MONTEIRO, 1987, p. 154). As estratégias para dominação incluíam o apadrinhamento que mais do que aproximar o indígena do senhor, realçava essa relação de dominação do primeiro pelo segundo. Os senhores assumiam o papel de administradores

do gentio, já que estes eram tidos como não aculturados. Dessa forma, a relação escravista se apresentava maquiada na forma de favores que estavam sendo prestados a esses indígenas capturados (MONTEIRO, 1987).

O principal meio de transporte de carga na Capitania de São Paulo continuava a ser o ombro de escravos e administrados. Os escravos indígenas constituíam-se, portanto, no principal meio de transporte da capitania, pois a marcha a pé ainda configurava-se na forma de deslocamento possibilitada pelos caminhos abertos. Também, esses escravos transportavam não somente carga, mas também passageiros, como afirma Sérgio Buarque de Holanda (2005). O autor ainda menciona que a carruagem ideal para vencer o escabroso caminho do mar seria, então, uma rede que seria sustentada por dois índios. Dessa forma, o autor ainda afirma que:

os quadros de artistas e cientistas estrangeiros que visitaram o Brasil em princípios do século passado familiarizam-nos com a cena do fazendeiro rico voltando para à casa nessa espécie de bangüê rústico. No trajeto de São Paulo a Santos ela fora durante longo tempo o único meio de locomoção seguro e cômodo de que dispunham os que não quisessem viajar a pé. Em 1769 ainda era impossível fazer-se a cavalo o percurso, conforme depoimento de d. Luis Céspedes (HOLANDA, 2005, p. 126).

A posse de cavalgaduras correspondia mais a um luxo do que a necessidade prática, pois os caminhos de São Paulo ainda não estavam adaptados a esse tipo de transporte. Como afirma o autor supracitado, as estradas do sertão e do mar adaptavam-se mal às cavalgaduras, pois estas forma construídas essencialmente para o deslocamento a pé.

A situação descrita revela um abandono e uma estagnação dessa região de Piratininga com relação à região açucareira do Nordeste. Foi assim, então, que o paulista se lançou aos sertões, fazendo surgir, em certa medida,

um espírito aventureiro que acabará por configurar as características do mesmo como bandeirante.

Essa situação permanecerá até o momento em que as atividades açucareiras se mostrarem altamente lucrativa e garantirem uma função produtiva importante para a Colônia. Pelo tempo que perdurou a atividade açucareira, São Paulo e seus habitantes continuaram a se encontrar fora do circuito econômico mais desenvolvido e lucrativo da Colônia.

Porém, dado o declínio da atividade açucareira, tão importante até esse momento, a situação começa a mudar. Na primeira metade do século XVII, a atividade açucareira e seu desenvolvimento passam a ser interrompido pelas invasões holandesas. Como afirma Celso Furtado (1999), esse fato fez com que a rentabilidade da colônia tivesse um decréscimo, o que gerou, ainda, dificuldades de administração e de defesa.

Então, a atividade que garantia uma boa rentabilidade passou a decair, fazendo com que a Colônia apresentasse uma condição de baixa rentabilidade e grandes custos para sua manutenção. Dessa forma, parecia necessário o desenvolvimento de uma nova atividade que garantisse uma rentabilidade para aquela região. Sabia-se, também, que seria difícil encontrar uma alternativa na agricultura tropical para que houvesse uma rentabilidade similar a da cana de açúcar.

Portanto, as atenções passam, agora, para a busca de Metais preciosos na Colônia. Essa busca já havia sido feita, mas não com a intensidade que se observaria. A Espanha por algum tempo já explorava esses recursos em suas Colônias no México e no Perú, o que trazia grande rentabilidade para ela. Ainda, tornou-se mais forte a ideia de que todo o

território Americano deveria conter reservas de metais preciosos, fazendo com que a imaginação fosse alimentada, iniciando buscas e explorações na tentativa de encontrar essas áreas para exploração.

Assim, o paulista, com seu espírito aventureiro e explorador, que mobilizava na procura e captura dos índios e também metais preciosos em menor escala, foi tido como grupo que poderia se empenhar na busca mais intensiva pelo amplo território Colonial. Sobre isso, Celso Furtado (1999) comenta que:

Os governantes Portugueses cedo se deram conta do enorme capital que, para a busca de minas, representavam os conhecimentos que do interior do país tinham os homens do planalto de Piratininga. Com efeito, se estes já não haviam descoberto o ouro em suas entradas pelos sertões, era por falta de conhecimentos técnicos. A ajuda técnica que então receberam da Metrópole foi decisiva (FURTADO, 1999, p.73).

Portanto, o paulista que anteriormente se encontrava fora do eixo mais dinâmico e desenvolvido da economia, na época, passa agora a figurar como uma alternativa para a exploração do território em busca dos tão desejados metais preciosos. Portugal passará a fornecer ajuda para essas explorações que serão feitas por parte dos paulistas.

É importante destacar, ainda, a existência das bandeiras paulistas, que se caracterizavam por serem expedições com a finalidade de buscar e apreender indígenas para o trabalho como escravo, já que a região de Piratininga ainda não poderia contar com a presença tão forte de escravos africanos. Essas bandeiras chegaram a atacar Missões Jesuíticas, pois estas representavam grandes quantidades de índios já pacificados e que poderiam ser usados para o trabalho. Essas bandeiras passam, então, a não somente

buscar e aprisionar indígena, mas sim explorar o território na busca de possíveis áreas de exploração de metais preciosos. Dessa forma,

justamente na ocasião estavam diminuindo rapidamente os lucros proporcionados pelo apresamento dos índios, devido à crescente importação dos escravos africanos e à decadência das lavouras açucareiras no litoral de São Vicente. E uma nova fonte de promissoras aventuras se oferecia a esses verdadeiros desbravadores dos sertões. É conveniente lembrar, aqui, que as turmalinas e águas-marinhas de Fernão Dias Pais, embora muito menos rendosas que as sonhadas esmeraldas, ainda assim eram vendidas por preço regular. Esta circunstância parece ter influído bastante para as outras expedições paulistas, que, aproveitando os roteiros já conhecidos, se embrenharam pelo interior em busca de ouro (LOBO, 1969, p. 60).

As primeiras descobertas de ouro na colônia se dariam pelo final do século XVII. O explorador Brás Rodrigues Arzão partiu de São Paulo para achar ouro em Caeté. Esse acabou descendo o Rio Doce e comunicando ao Governador do Espírito Santo sobre o achado. A partir de então, começaram a ser organizadas buscas por novas jazidas. Essas jazidas, tidas como ricas em metais preciosos, passarão, posteriormente, a modificar a economia e as condições sociais e políticas da colônia. Essa região em que se deu a descoberta, logo passará a ser conhecida com o nome de “Minas Gerais” (LOBO, 1969).

As minas que foram descobertas não possibilitaram a retiradas desses metais preciosos das rochas, como eram feitos em outras jazidas, em colônias espanholas. O ouro encontrado estava próximo da camada de solo, sendo que o subsolo e as camadas rochosas mais internas eram relativamente pobres desse recurso. Portanto, para exploração, procurava-se o metal nas areias e

no cascalho dos rios, utilizando-se de equipamentos rudimentares que pudessem separar desse material o ouro tão desejado.

Pela natureza relativamente simples da forma de exploração do ouro que aqui se deu, não eram necessários grandes investimentos técnicos para a formação de uma lavra. Esse fato fez com que se começasse a se desenhar um deslocamento em massa de pessoas interessadas na exploração dessas minas, buscando um enriquecimento significativo.

Pela primeira vez iria começar a se desenhar um processo de imigração de Portugal para a Colônia, pois esta acabou se configurando como uma nova promessa para enriquecimento rápido. Celso Furtado comenta que:

A economia mineira abriu um ciclo migratório europeu totalmente novo para a colônia. Dadas suas características, a economia mineira brasileira oferecia possibilidades a pessoas de recursos limitados, pois não se exploravam grandes minas – como ocorria com a prata no Peru e no México – e sim o metal de aluvião que se encontrava depositado no fundo dos rios. Não se conhecem dados precisos sobre o volume da corrente emigratória que, das ilhas do Atlântico e do território português, se formou com direção ao Brasil no correr do século XVII. Sabe-se, porém, que houve alarme em Portugal, e que se chegou a tomar medidas concretas para dificultar o fluxo migratório. Se se tem em conta as condições de estagnação econômica, que prevaleciam em Portugal – particularmente na primeira metade do século XVII, quando se desorganizaram suas poucas manufaturas – para que a emigração suscitasse uma forte reação evidentemente deveria alcançar grandes proporções. Com efeito, tudo indica que a população colonial de origem europeia decuplicou no correr do século da mineração. Cabe admitir, demais, que o financiamento dessa transferência de população em boa medida foi feito pelos próprios imigrantes, os quais eram pessoas de pequenas posses que liquidavam seus bens, na ilusão de alcançar rapidamente uma fortuna no novo eldorado (FURTADO, 1999, p. 74-75).

Podemos perceber que essa nova atividade econômica que ia se desenhando se tornou extremamente atrativa. Pela primeira vez, começava-se a ter um fluxo de imigração para a Colônia, que oferecia, então, a possibilidade

de exploração desses recursos por aqueles que não dispunham de tanta riqueza.

Em razão desse intenso fluxo de pessoas que aportavam nas regiões das minas, esta iria se tornar, em pouco tempo, na região mais povoada da Colônia. Em seu auge, a economia mineira chegou a ultrapassar em muito a rentabilidade da economia açucareira de outrora.

De acordo com Caio Prado Júnior, desde o início da mineração, esta foi submetida a um intenso controle por parte de Portugal. Quando da descoberta de uma jazida, essa deveria obrigatoriamente ser relata às autoridades competentes para que fossem demarcadas em lotes, que ficaram conhecidos como “datas”, que seriam distribuídos aos mineradores. Aquele que fez a descoberta teria o direito de escolher primeiramente a sua data; em seguida a Fazenda Real escolhia uma para si; somente depois e que seriam distribuídas as outras, onde cada minerador seria contemplado com uma área que seria proporcional ao número de escravos que possuía (PRADO JÚNIOR, 2011).

Pelo local onde se deu a descoberta e a exploração do ouro e pela precariedade dos meios de transporte, o abastecimento da região passa a ser precário no início da atividade mineira. A região, incrustada em um meio extremamente acidentado e com alta dificuldade de penetração, não favorecia o deslocamento de pessoas e de animais que pudessem transitar para abastecimento de alimentos e escoamento da produção.

Os escravos indígenas e negros eram, então, utilizados para transportarem todo o tipo de mercadorias entre as minas e as outras áreas que serviam de abastecimento e de comércio. Como menciona Straforini (2001),

nesse momento “a mineração só foi possível graças a exploração desumana dos negros e índios que eram obrigados a carregar de donzelas enriquecidas a lingotes de ferro” (STRAFORINI, 2001, p. 22). Este autor ainda coloca que a região aurífera surge com uma grande contradição. Esta consistia na exploração máxima das minas e a utilização de um meio de transporte extremamente desumano e ineficaz, que não era capaz de atender as demandas que foram criadas. Também, o preço desse meio de transporte, o escravo, que era extremamente caro, tornava extremamente onerosa pouco eficiente este transporte.

Porém, a economia mineira alcançou uma expansão muito grande. A exploração atingiu um nível tal, que o elemento humano passou a não conseguir atender a necessidade de transporte. Era necessário encontrar uma alternativa para transporte e abastecimento dessas áreas, pois a demanda por esses serviços aumentava a cada dia.

Dessa forma, os animais encontrados ao sul passaram a apresentar-se como uma possibilidade para substituição dos escravos na tarefa de transporte que esses desempenhavam. Assim, os escravos eram, cada vez mais, levados ao trabalho da exploração das minas, enquanto em seu lugar entrava o animal como meio de transporte.

Surge, assim, uma nova fase que aponta para a articulação das terras meridionais às atividades desempenhadas na área de mineração, permitindo que a região sul, e particularmente São Paulo, passassem a desempenhar um papel importante dentro da lógica colonial que se desenrolava.

## 1.2 A atividade tropeira regional.

A atividade mineira se expandia e demandava uma capacidade de transporte maior e mais eficiente que o elemento humano. Era preciso encontrar meios mais eficientes para realizar essa tarefa. Então, os animais encontrados no sul passaram a chamar a atenção dos paulistas que agora passariam a trazê-los para serem vendidos para as áreas mineiras.

Primeiramente, como afirma Sergio Buarque de Holanda (2005), os paulistas passaram a despojar-se de seus próprios cavalos. Dado o preço elevado, tornaram-se cada vez mais raros os cavalos em São Paulo, já que esses eram vendidos nas minas.

Os paulistas começaram a perceber que os animais, principalmente muares, que existiam em grande quantidade no sul poderiam se tornar alternativa para a nova demanda de animais que havia sido criada nas minas. Sobre isso, Sergio Buarque de Holanda comenta que:

só pelo terceiro decênio do século seguinte, com a abertura do caminho por terra que de Curitiba ia dar às campinas do Viamão e à colônia do Sacramento, é que o cavalo começa a ter lugar no ritmo ordinário da vida paulista (HOLANDA, 2005, p. 129).

Para o autor, a abertura de um caminho ligando Curitiba à Viamão e a colônia de Sacramento, iria fazer com que a presença dos muares e equinos passe a ser maior em São Paulo, que se encontrava no caminho para as Minas. Assim, logo a quantidade de animais em trânsito passaria a aumentar substancialmente.

Com essa nova realidade, a utilização do índio como meio de transporte passa a ser cada vez menos utilizada. Afirma-se, ainda, que:

já por essa época não seriam muitos numerosos, em São Paulo, os índios de carga, substituídos, cada vez mais, pelos cavaleiros e muares. O que representaria, sem dúvida, progresso notável na rapidez dos negócios, além de poupar trabalhadores, em um momento em que a mão-de-obra indígena era menos abundante, e em que os negros, excessivamente dispendiosos, ficavam geralmente reservados às fainas agrícolas. Já se indicou como um primeiro obstáculo a esse progresso tinha sido a insuficiência das estradas, criadas unicamente para uso de pedestres. Além disso, à escassez de cavaleiros corresponderia, durante longo tempo, a existência de índios de serviços especialmente dedicados ao transporte de fardos e passageiros, sobre tudo através da Paranapiacaba. Sem falar nos bastardos e mamelucos, que faziam o mesmo trabalho mediante remuneração. Em que situação não iria ficar essa gente, quase imprestável, muitas vezes, para outro mister, uma vez suprimido seu principal meio de vida? O recurso exclusivo aos animais de transporte teria, sem dúvida, uma consequência desastrosa: a de aumentar consideravelmente o número de desocupados e vadios, que sempre foram uma grave preocupação das autoridades coloniais (HOLANDA, 2005, p. 130-131).

Assim, os muares e equinos passam representar um avanço no tempo de transporte e na capacidade do mesmo. Não demoraria, então, para a atividade de comércio de animais se tornar um bom negócio, articulando a região meridional do Brasil com as áreas onde se desenvolvia a principal atividade econômica, a mineração. Seria dada, então, uma alternativa econômica importante para uma região que até aquele momento não estivera tão inserida dentro dos contextos econômicos considerados mais importantes.

E para tal tarefa de buscar esses animais em terras do sul, ninguém mais adaptado a empreitada do que o próprio paulista, tão conhecedor e desbravador dos sertões. Porém, os caminhos até então utilizados não permitiam o trânsito tão intenso de animais para serem vendidos.

A cidade de Sorocaba, localizada praticamente no meio do caminho entre as terras do sul, de onde provinham os muares e cavalares, e a região das minas, era até a época, uma cidade predominantemente agrícola, mas praticamente a única capaz de abastecer os viajantes com os recursos que esses necessitavam. Portanto, nesta cidade foi instalado um registro, onde se deveria pagar certa quantia pelo trânsito de animais do sul em direção às minas. Até então, não havia tido início a feira de muares que iria mudar o perfil e a dinâmica da cidade (STRAFORINI, 2001).

De acordo com Straforini (2001), a criação dos registros para taxaçaõ dos animais em trânsito, refletia já a preocupação da Coroa em arrecadar e fiscalizar o mesmo, dado o volume que a atividade já vinha atingindo. O primeiro registro foi estabelecido em Rio Negro, em 1732, já taxando os animais (cavalar e mular) que saíam das províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul com destino aos consumidores que se localizavam no Brasil Central. Por causa dessa lógica de articulação de áreas e alternativa econômica para uma região periférica, a Coroa Portuguesa não media esforços para incentivar a atividade que vinha se desenrolando, pois atenta para os objetivos expansionistas da mesma e para uma importante reserva de capital.

Até meados do século XVIII, Sorocaba seria apenas um registro de animais para fiscalização, porém, como a cidade passava a oferecer certas condições e serviços essenciais, ela foi se tornando cada vez mais importante dentro da atividade tropeira. Um exemplo é a própria feira anual de muares que iria tomar corpo na cidade, alterando a vida e a dinâmica da mesma. Straforini (2001) afirma ainda que a data da primeira feira de Sorocaba não é bem precisa, sendo que se acredita que esta tenha ocorrido entre os anos de 1750

e 1790. De qualquer forma, inicia-se nessa área uma atividade essencial para a dinâmica da atividade tropeira que se encontrava em expansão, pois com a feira os serviços ligados aos animais em trânsito, e àqueles que os levavam, começam a se intensificar e a se complexificar, dando um ânimo maior para a economia dessa região que estava, como mencionada outras vezes, marginalizada e fora do eixo de desenvolvimento econômico que se dava até o momento.

O tropeirismo iria se configurar numa atividade de grande importância para a região do Brasil Meridional, permitindo que toda essa área seja diretamente conectada ao restante do Brasil. Também incentivou o estabelecimento de outras atividades acessórias que abasteciam essas áreas por onde passavam os principais caminhos, permitindo, assim, que a própria atividade tropeira possa ter continuidade.

Com relação à palavra tropa, esta estaria ligada a uma ideia de bando de animais ou de homens. De acordo com Aluísio de Almeida (1981), o primeiro significado da palavra “tropa” é a de rebanho ou multidão, seja de homens, seja de animais. No sentido mais comum, tropa esteve sempre associada à multidão de animais ou homens em expedições militares, mas como afirma o autor supracitado, neste contexto que surgia tropa poderia ser tanto de cavalos, bois, muares e até de porcos. Porém, para além da acepção da palavra, esta atividade veio a se configurar como uma importante atividade acessória e que garantiria uma lógica econômica para as áreas por onde se desenvolvia.

Acredita-se que o primeiro caminho aberto, ligando o Sul até a região de Sorocaba, tenha sido feito por Cristovão Pereira de Abreu, em 1730,

caminho por onde seriam trazidos os animais que passariam pela região. Logo, com a intensificação da quantidade de animais em trânsito além de chamar a atenção, passaria a ser controlada, pois esta se tornaria a principal fonte de renda da região. No registro de Curitiba, que pertencia ao território paulista, era cobrado imposto por animal, sendo que em Sorocaba os encarregados da tropa deveriam apresentar o recibo de pagamento para poderem continuar viagem (JOB, 1999).

A partir de então, passa-se a observar a intensificação cada vez maior do fluxo de animais provenientes do sul. Isso se intensifica ao ponto de se estabelecer em Sorocaba, como mencionado anteriormente, uma feira anual de muaras que possibilitava o encontro entre compradores e vendedores de animais. Essa feira, ligada então à dinâmica do tropeirismo que vinha se desenvolvendo, apesar de ser uma atividade secundária, acessória para a economia da época, acaba por ser responsável pela prosperidade econômica que a cidade e a região experimentariam. Assim, a empreitada de buscar gado no sul e trazê-los para serem negociados passa a se tornar cada vez mais atrativo, incentivando ainda mais a atividade e aumentando exponencialmente o fluxo de animais que saíam dos campos do sul até a feira de Sorocaba.

As tropas que vinham do sul poderiam ser classificadas em dois grupos, o das tropas xucas (ou solta) e as tropas arreadas ou cargueiras. O primeiro grupo consistia nos animais que eram capturados e trazidos soltos pelos tropeiros. Esses animais acompanhavam, por instinto, um outro animal guia que era colocado a frente (égua madrinha). Esse tipo de tropa necessitava ser amansada antes de chegarem à feira de Sorocaba para serem comercializadas. Para tanto, nos campos nas redondezas da feira, haviam

estâncias que se ocupavam desse trabalho de amansamento das tropas xucras, deixando-as prontas para serem comercializadas e utilizadas como animais de carga. O segundo grupo, a tropa arreada ou cargueira, era composta pelos animais que eram já amansados e habituados à pesada tarefa de levar suspensa em suas cangalhas, as canastras que continham mercadorias a serem negociadas (JOB, 1999). Assim, podemos perceber que a existência desses dois tipos de tropa mostra que a atividade tropeira não significou apenas trânsito de animais para comercialização, a serem utilizados, posteriormente, na região das minas. O tropeiro, além dessa tarefa, desempenhava, ele mesmo, a função de comerciante, fazendo circular mercadorias, pessoas e informações entre regiões distantes, servindo, também, como elo entre áreas separadas por longas distâncias.

As áreas do sul do Brasil, além de fornecer animais que haviam em abundância de forma praticamente selvagem, também possibilitou, pelas suas condições naturais, o desenvolvimento da atividade pecuária. De Sorocaba, em direção ao sul, foram se estabelecendo ranchos esparsos pela imensidão dos campos de Sorocaba, Itapetininga, Itararé, os Campos Gerais e os campos de Lages. Nessas áreas se reproduziam as excelentes condições que já haviam propiciado a pecuária no Prata e os animais eram enviados a São Paulo, Rio e Minas (ALMEIDA, 1981).

Dessa forma, as condições para um período de grande prosperidade da atividade tropeira estavam lançadas, intensificando, cada vez mais, a intensidade de passagem de animais e tropeiros pelos caminhos abertos em direção à Sorocaba.

Straforini (2001) também afirma que a palavra tropeiro pode induzir a se pensar que todos envolvidos nessa atividade tinham a mesma função e a mesma hierarquia. Segundo comentário do autor, entende-se que há controvérsia, pois havia uma divisão social do trabalho bastante acentuada. Assim, “dono da tropa era o que levava boa parte dos lucros, pois os condutores, camaradas, cozinheiros e aprendizes, quando assalariados, com certeza não recebiam grandes quantias em dinheiro, além de terem tarefas bem definidas” (STRAFORINI, 2001). Portanto, a atividade tropeira possuía essa divisão que permitia que alguns homens pudessem lucrar mais do que outros na empreitada a que se dispunham. Havia, inclusive, tropeiros que se enriqueceram com a atividade que estava se desenvolvendo a passos largos. Além dessa divisão social do trabalho, o autor sustenta ainda que havia uma divisão “territorial do trabalho”, onde cada região especializava-se em alguma atividade que se ligava ao tropeirismo como um todo. Desse modo, aponta para a existência de uma divisão espacial do trabalho, afirmando que aos gaúchos cabia a criação dos animais, aos paranaenses o aluguel de campos para as invernadas, além de terem campos criatórios. Cabia, dessa forma, aos paulistas, a comercialização nas feiras que eram realizadas em Sorocaba. A partir dessas feiras que os animais eram levados para abastecer outras áreas da economia colonial (STRAFORINI, 2001). Ainda, nos arredores de Sorocaba, onde se incluíam as vilas de Itapetininga e Itapeva, houve, como mencionado, uma especialização em domar os animais, pois os compradores que negociavam na feira de Sorocaba preferiam comprar os animais já amansados e preparados para realizarem a tarefa de transporte de mercadorias.

Straforini (2001) comenta, ainda, que uma vez enriquecidos, os negociantes deixavam a árdua tarefa de buscarem animais no sul e passavam a administrar os seus negócios a partir das vilas que habitavam. Para garantir o negócio, era colocado sempre um homem de sua confiança, o capataz, que passou a ser encarregado de controlar todo o trabalho e evitar riscos à tropa.

Assim como acontecia com a divisão do trabalho, o tropeirismo permitiu que uma série de atividades pudessem garantir a permanência e o abastecimento das tropas ao longo dos caminhos que ligavam às áreas fornecedoras de animais. As áreas de comercialização dos mesmos e, ainda, até as áreas onde esses animais seriam utilizados. Assim, algumas atividades acessórias apareciam para dar suporte ao desenvolvimento da atividade principal. Foi o caso, por exemplo, da agricultura de abastecimento dos caminhos para fornecer às tropas e aos tropeiros, os gêneros alimentícios para continuarem a longa viagem que os esperavam. Também na cidade de Sorocaba, centro de convergência dos animais que seriam negociados nas feiras de muares, se desenvolvia uma agricultura para abastecimento dessas tropas e tropeiros.

Por essa época, Sorocaba, apesar de se configurar como uma área predominantemente rural, estes eram muito rústicos e impossibilitavam o desenvolvimento de grandes atividades agrícolas. Por esse período, o tropeirismo veio a dar um incentivo muito grande para a produção agrícola local, incentivando a produção de gêneros da terra, tanto no período das famosas feiras, época em que a cidade apresentava um movimento muito superior de pessoas e capitais, quanto em outras épocas do ano, o que permitia, então, a sobrevivência de alguns pequenos produtores locais. Ainda,

houveram alguns produtores que se beneficiaram tanto dessa nova oportunidade que se apresentava, que conseguiram se enriquecer e investir em outras atividades (STRAFORINI, 2001).

Portanto, o tropeirismo que surgiu como atividade acessória para abastecer a necessidade de animais para transporte nas minas, passa a se configurar, ele mesmo, como uma atividade que desencadearia uma dinâmica das áreas meridionais, permitindo uma alternativa para uma região que até então pouco se inseria dentro da lógica colonial que se estava desenvolvendo. Assim, passou a articular não só esses espaços, mas também pessoas e atividades outras que permitiram um suporte ao desenvolvimento da atividade tropeira, dando fôlego à economia regional.

No final do século XVIII, região das minas começa a apresentar sinais de desaceleração, fazendo com que muitos daqueles que estavam diretamente envolvidos nas tarefas deixem de exercê-las. Apesar disso, o trânsito e comércio de muares não acompanha o declínio dessa atividade, pois surgem novas oportunidades, novas áreas que passam a demandar os muares para utilizarem como animais de carga. Primeiramente, cabe mencionar que a vinda da família real ao Brasil em 1808 já causa uma grande alteração nos destinos dos muares, sendo que o Rio de Janeiro passa a se configurar, então, como um importante centro de afluência desses animais. Também, a expansão da atividade canavieira por São Paulo, notadamente na região sudoeste do mesmo, passa a demandar um grande número de animais. O sudoeste paulista passa a se configurar, então, como um grande consumidor dos muares vindos do sul, fazendo com que a atividade tropeira se tornasse ainda mais dinâmica (STRAFORINI, 2001).

Assim, enquanto o tropeirismo experimenta seu auge, a economia de Sorocaba passa, também, a se dinamizar ainda mais. Essa cidade, centro de convergência de caminhos que levavam a sua grande feira anual de muares, experimentava, do mesmo modo, um aumento da afluência de pessoas, animais e capitais, fazendo com que esta se configurasse num importante polo para a época.

Os muares e cavalares tinham se tornado o principal meio de transporte no Brasil, indispensável para a circulação de mercadorias de toda sorte, bem como de informações e pessoas. Permitia, então, que várias áreas distantes fossem conectadas e organizadas segundo sua lógica, por meio dos seus caminhos e de sua territorialização. Ainda, com a expansão da cultura do café pelo Vale do Paraíba, o tropeirismo passa a servir também como abastecimento para circulação dessas mercadorias das áreas produtoras até sua exportação para outras partes. Antonio Filho (2009) mostra a importância dos tropeiros e dos caminhos da região do Vale Histórico da Serra da Bocaina para, inicialmente, transporte do ouro, mas que posteriormente serviu também para o escoamento do café produzido na região do Vale do Paraíba. O autor mencionado também discute a proliferação de serviços ao longo desses caminhos para atender o fluxo tropeiro que passava para a região, dinamizando os núcleos populacionais que se encontravam ao longo desses caminhos percorridos pelas tropas.

É certo que no quarto final do século XIX, o tropeirismo começa a entrar em uma fase de declínio, mostrando sinais de uma crise que iria terminar com grande atividade tropeira que vinha se desenrolando. A ferrovia tornava mais barato e lucrativo o transporte. Apesar disso, é importante frisar que a

discussão sobre os motivos que levaram o fim do tropeirismo nas dimensões que se experimentava é bastante complexa (STRAFORINI,2001). A seguir, apresentam-se algumas formas de interpretação, sendo que neste trabalho não há a pretensão de entrar no campo desta discussão, que pode ser muito amplo e fugir dos objetivos estabelecidos. Também é importante mencionar que apesar da grande atividade tropeira ter se extinguido, não podemos afirmar que ele tenha encerrado, pois por muito tempo e ainda hoje, podemos encontrar áreas em que os animais são utilizados como principais meios de transportes, configurando outras características e outras realidades à atividade tropeira.

Straforini (2001) afirma que no final do século XIX as linhas ferroviárias que vinham se expandindo caracterizaram-se como um primeiro golpe para o tropeirismo. Este meio de transporte mais moderno era capaz de transportar em um tempo incrivelmente menor, uma quantidade muito superior de mercadorias. Então, a concorrência com o muar parecia bastante injusta, já que este meio de transporte se mostrava muito mais eficiente e promissor. Porém, o autor afirma que não pode se afirmar que esta forma de transporte tenha se sobreposto ao tropeirismo. Isso porque que as linhas ferroviárias são fixas e não passam por todas as áreas produtoras, sendo que os muares passaram a ser bastante utilizados para escoar a produção das áreas produtoras para os troncos principais das linhas férreas.

Mattos (1984) afirma, ainda, que os estudiosos sobre o Tropeirismo tem a inclinação de apontar a substituição do muar por novas formas de transportes, mais modernos. Porém, ele afirma ainda que na verdade há uma transformação do perfil da atividade, que gradativamente passa a deixar de ser uma atividade subsidiária. Segundo o autor supracitado, com o advento da

República, há uma maior descentralização administrativa, e os estados passam a gozar de uma autonomia maior. Dessa forma, foram criadas condições para a eliminação gradual do caráter subsidiário da criação de gados no sul, sendo que as Secretarias da Agricultura passaram a incentivar, através de assistência técnica, a criação de animais por todo o território. Porém, o autor afirma que apesar do fim da feira de Sorocaba, em 1897, os animais ainda continuaram a ser negociados em feiras menores nos arredores de Itapetininga.

Assim, a importante atividade tropeira que abria caminhos do sul do Brasil até Sorocaba, e desta para outras regiões, passa a sofrer uma transformação e a concorrer com outros meios de transportes. Porém, o tropeirismo imprimiu uma cultura rica e bastante significativa nos espaços por onde se desenvolveu.

### **1.3 O tropeirismo e seu legado cultural.**

Como discutimos anteriormente, o tropeirismo caracterizou-se por ser uma atividade de grande importância para o abastecimento de algumas áreas que necessitavam de alternativas para o transporte. Dessa forma, os homens e animais percorriam grandes distâncias, vencendo longas viagens ao longo de caminhos que percorriam o Brasil. Também, o tropeirismo, pela sua abrangência espacial, permitiu a integração de algumas áreas dentro do contexto econômico que se desenvolvia e, também, permitiu a propagação de

uma cultura tropeira que acabou por integrar ainda mais as áreas que acompanharam o desenrolar dessa atividade.

Foram muitas as heranças desse movimento tropeiro para a cultura regional. Tanto a cultural material, quanto a simbólica, permitiu que se unissem diferentes frações de um território que antes encontrava fragmentado e desconexo. Assim, a cultura tropeira, como veremos, funcionou como um amálgama dessas regiões, permitindo que espaços muitas vezes distantes, pudessem compartilhar de usos e costumes semelhantes, de formas de falar e de se manifestar que se tornaram próximas e, inclusive, formas de manifestações artísticas e religiosas que passaram a ser compartilhadas também. No caso paulista, os traços da cultura caipira estão presentes no tropeirismo.

Assim, desde a o início do tropeirismo, foram sendo gestadas condições para o aparecimento de uma cultura única, possibilitando a criação de uma identidade tropeira em algumas regiões brasileiras. Vieira (1983) menciona ainda que:

Desde que a primeira tropa, de Cristovão Pereira de Abreu, que passou por Sorocaba em 1733, até a última que daqui partiu em 1897, quando a Febre Amarela espantou os vendedores, compradores e exploradores das Feiras, que os tropeiros disseminaram a cultura por todo o território nacional. Nas suas bruacas, junto com seus pertences; nos lombos despídos das mulas ainda indomadas ou nas algibeiras dos madrinheiros, peões e capatazes, vinham também os usos e costumes das muitas ilhas de civilizações esparsas por aquele imenso Brasil tão despovoado. Aos poucos foram ensinando o que sabiam e aprendendo outros costumes que levavam mais além, inconscientemente. Era uma cantiga rio-grandense do sul que ensinavam aos paulistas e fluminenses, era uma dança goiana mostrada na Bahia e no Rio Grande do Sul, eram os versos e músicas cantados ou recitados nos pousos, por todos os cantos da Pátria ou ainda o “cotejo”, lugar de facão de mato que os paulistas exercitavam até o começo deste século, duelo que praticavam como diversão ou treinamento para

prepará-los para as agruras a enfrentar por estas estradas que começavam a rasgar os nossos territórios. (VIEIRA, 1983, p.19).

Como observado, os tropeiros possibilitaram trocas e propagações de usos e costumes. Pela sua grande mobilidade no território, e por entrarem em contato com regiões distantes e bastante distintas, estavam lançadas as bases para o tropeirismo se configurar como um elo entre as diferentes regiões, não só na articulação e deslocamento de pessoas e mercadorias, mas também, na configuração e irradiação de uma cultura tropeira que começa a se solidificar com mais força.

Desde a forma como se vestiam, as comidas que levavam e preparavam, as danças que realizavam e as músicas que entoavam, bem como as práticas religiosas que desenvolviam, os tropeiros puderam se configurar num elemento importante para formação cultural de uma boa parte das áreas que se encontravam nas margens desses caminhos e estavam, dessa forma, diretamente ligadas ao seu desenvolvimento.

Logo que se abriram os primeiros caminhos e o movimento das tropas se intensificava, foi possível verificar um tipo específico, com uma vestimenta bastante particular, que passaram a cruzar as regiões em que o tropeirismo se desenrolava. Assim, o traje mais encontrado era a calça e o paletó de pano grosso, a camisa de mangas longas, os lenços no pescoço, as botas que chegavam até os joelhos, além do chapéu de abas largas.

É importante mencionar que a forma como estes se vestiam se apresentava como uma necessidade frente às exigências naturais do seu trabalho, que consistia, muitas vezes, em vencer longas distâncias, por

caminhos ainda muito precários e inóspitos, fazendo com que fossem refletidas nas roupas as necessidades que se apresentavam aos tropeiros, homens desbravadores e que percorreram boa parte do nosso território (Figura 1). Também, levavam consigo o facão sorocabano, largo e de ponta curvada que estava, frequentemente, enfiado na bota. Pelo período em que durou esta atividade, foi possível verificar a presença desse tipo pelas estradas e caminhos, bem como em seus espaços associados. Hoje, porém, esta forma de se vestir ainda é bastante lembrada em alguns centros e associações que realizam atividades e buscam resgatar um pouco da cultura tropeira.



**Figura 1.** Viajante paulista com poncho – Ilustração de Thomas Ender (1817)  
FONTE: Blog de Tropeiros (2013) – Acessado em 21/03/2013

Também a alimentação foi uma grande contribuição do tropeirismo para as áreas onde este se desenvolveu. Dessa forma, parte da culinária brasileira de hoje caracteriza-se por ser uma herança dos tempos do tropeirismo, na qual a alimentação estava adaptada às condições e aos ritmos dessa atividade. De acordo com Frioli (1999),

a alimentação dos viajantes consistia no famoso e eterno feijão tropeiro, cujo cardápio era alterado do tradicional pirão ou angu, de longe em longe, com algum bom pedaço de carne fresca ou algum frango. A caça era muito praticada entre os tropeiros, e nela não se perdoavam as aves como papagaio e outros pequenos animais. A morte de um tamanduá-bandeira significava festa por alguns dias. Nas margens dos caminhos as frutas silvestres ou cultivadas como laranja melhoravam a vida desses tropeiros (FRIOLI, 1999, p. 39).

Como apresentado pelo autor, a alimentação do tropeiro, as comidas que eram preparadas por eles eram pesadas, pois esta deveria garantir a energia necessária para que esses homens pudessem atravessar grandes distâncias. Também, cabe mencionar que esta forma de alimentação deveria estar adaptada às necessidades de longas viagens. Porém, como menciona também o autor, a caça de pequenos animais como aves e, ainda, tamanduá, também era praticada, além da coleta de frutas que se localizavam nas margens dos caminhos.

Ainda com relação à alimentação, cabe ressaltar a importância das áreas localizadas nas margens desses caminhos de tropas. Nessas, a agricultura de subsistência era praticada, sendo que o excedente era vendido principalmente nos locais determinados como pouso de tropas, que posteriormente se transformaram em vilas e cidades. Nesses pousos, alguns

gêneros alimentícios podiam ser encontrados, e os tropeiros buscavam nesses locais os insumos e alimentos que necessitavam para continuarem na jornada que se propunham. Nesses pousos, a comida era preparada e muitas vezes regada a muita música e descontração.

Dessa forma, a influência tropeira se faz sentir, em grande parte, na culinária regional de várias áreas do território brasileiro. Assim,

a culinária brasileira apresenta influência do movimento tropeiro. A comida do tropeiro era preparada para durar uma longa viagem sem se deteriorar e para ser forte o suficiente para alimentar os peões depois de uma jornada extensa. Aos poucos, foi deixando raízes e misturando-se à alimentação das localidades por onde passavam as tropas. Dessa forma, contribuiu significativamente na formação de uma culinária regional em diversas regiões do país (MATIAS e MASCARENHAS, 2008, P. 22).

Como afirma o autor, a importância do movimento tropeiro para o Brasil e sua característica de articulação e ligação de áreas, ele foi entendido como um transmissor de cultura, sendo que a alimentação, como expressão e herança de um grupo foi uma delas.

Outra forma de manifestação cultural realizada e difundida pelos tropeiros foi com relação às danças e músicas que entoavam. Assim, ao longo dos caminhos longos que percorriam, se aventurando e vencendo obstáculos, os tropeiros encontravam nos pousos de tropa, o momento para se entreterem e exaltarem suas glórias através da música e da dança.

A música caipira que se originava nas áreas interioranas, nos sertões brasileiros, deve muito de sua formação aos tropeiros, que influenciaram na formação de uma expressão cultural regional.

As músicas que eram entoadas no cair da noite, nos pousos de tropas, seriam como uma forma de “causo” cantada, nos quais os tropeiros narravam, por meio de versos, as suas aventuras passadas ou imaginadas. Como menciona Nepomuceno (1999), à noite a música esquentava os corações e relaxava os corpos, haja visto o grande percurso diário percorrido e o esforço para vencer esses obstáculos. Então, o momento dos pousos, com suas músicas e danças, serviam como uma forma de lazer e entretenimento, recarregando as forças dos tropeiros para as jornadas seguintes.

Também contribuindo para a efetivação de uma cultura tropeira, as danças realizadas pelos tropeiros - essas acabaram até hoje persistindo e são realizadas por grupos tradicionalistas que visam manter a cultura tropeira e gaúcha. De acordo com Vieira,

Na dança persiste até hoje o fandango, o bailado típico dos países hispânicos, que se modificou e tomou a característica rara de ser dançado só por homens, onde vejo resquícios das noites passadas nos pousos, quando os peões se divertiam durante as horas que se passavam desde a sua chegada até o sono chegar. Enquanto alguns pontilhavam a viola, outros dançavam, homem com homem, por não haver mulheres que os acompanhassem (VIEIRA, 1999, p.77).

Também as tropas levavam consigo uma religiosidade que foi se tornando bem característica do movimento tropeiro. Ao longo das passagens, foi se firmando uma série de práticas e manifestações religiosas que, muitas vezes, contrariavam os ditames exigidos pela linha oficial da igreja, possibilitando o surgimento de uma religiosidade popular e mais voltada à emoção do que à razão ditada pela igreja.

Aloísio de Almeida (1981), afirma que ao longo dos caminhos que cortavam nosso território, não havia pouso de tropa sem a sua capelinha ou oratório, mesmo que, em último caso, houvesse uma cruz sobre um ranchinho. Essa situação expressa, então, a necessidade de um aporte religioso ao longo desses caminhos percorridos. O autor ainda cita o caso da cidade de Ponta Grossa, no Paraná, que surgiu como pouso de tropa nas proximidades do oratório, de um galpão de tropeiros onde se realizava a festa anual à Sant'Ana.

Apesar de a atividade tropeira produzir espaços que não estejam diretamente ligados a uma religiosidade, como foi o caso de vilas que surgiram e se expandiram ao redor de igrejas, por exemplo, o tropeiro mantinha essa necessidade de devoção. Ao longo dos caminhos, foi se desenvolvendo um catolicismo popular, com suas crendices que, muitas vezes, não eram reconhecidas pelos setores oficiais da igreja.

Assim, afirma ainda Aloísio de Almeida (1988), que a religiosidade do tropeiro era muito mais sentimental do que instruída. Ele menciona que após a ladainha, iniciavam-se as danças e cantorias nos pousos das tropas. Portanto, a festividade era constante e não havia a necessidade de seguir um calendário oficial de igreja.

A festa do Divino é uma expressão dessa religiosidade popular que acontecia nas áreas por onde o tropeirismo se propagava. Essa era a principal festividade religiosa que estava associada a essa atividade. Com suas práticas e as atividades típicas dessa festa, a religiosidade dessas áreas foi se tornando uma faceta cultural que a diferenciava das áreas onde o catolicismo oficial imperava.

De acordo com Vieira (1983),

Antecedendo-a, aconteciam as Folias do Divino, quando os festeiros saiam pelos sítios e fazendas, cantando, tocando violão e dançando, a pedir esmolas para que sua festa fosse melhor que a do ano anterior. Era praxe dos nossos campônios oferecer a melhor hospedagem, mesmo quando não pudessem das esmolas pela sua pobreza. Como essas andanças duravam semanas, a comitiva pernoitava, quando acontecia o Pouso do Divino, reunindo-se os componentes e toda a vizinhança do sítio escolhido para o pouso, em volta de uma fogueira, tocando, dançando e cantando até o cansaço chegar (VIEIRA, 1983, p. 22-23).

Como observado, a festa do Divino era um grande evento que possuía a capacidade de integrar pessoas e espaços, fazendo surgir uma manifestação importante que esteve bastante associada ao Tropeirismo. As andanças reproduziam, de certa forma, a atividade tropeira, inclusive com suas pernoites e com o Pouso do Divino, onde aconteciam as festividades até a hora de descansar.

Por exemplo, também nas cidades a rotina da festa do divino se repetia. Avisa-se antecipadamente o itinerário e os festeiros do Divino passavam de casa em casa. O povo esperava a comitiva com impaciência a “Visita do Divino” e, ainda, reservava-se um trocado para se colocar dentro da coroa (VIEIRA, 1983).

Ainda, durante as festividades do Divino, aconteciam as Cavalhadas. Essa era a principal comemoração da festa, que se realizava principalmente na cidade de Sorocaba, onde aconteciam no Largo da Matriz, local da atual praça Fernando Prestes. Nessa festividade, os participantes se dividiam em dois grupos que representavam os Cruzados e os Mouros, que lutavam de forma simbólica para representar a derrota dos Mouros. Em seguida, começavam as

provas que buscavam demonstrar as habilidades dos cavaleiros nas montarias. A prova mais esperada era a da argolinha, na qual o cavaleiro deveria arrebatá-la, com a lança, no colo de uma dama. Essa, por sua vez, retribuía com uma jóia de ouro.

Essas cavalhadas eram tão famosas que os paulistas, notadamente os Sorocabanos, acabaram por levar em outras áreas a demonstração de suas habilidades. Ainda hoje, encontramos em festas do peão, heranças dessas provas que buscam demonstrar a habilidade do cavaleiro, mostrando que essa atividade diretamente ligada ao tropeirismo deixou seu legado na nossa cultura.

Entrando em acordo com Halbwachs (2006), é possível pensar que essas festas e eventos ajudam a construir e fortalecer a memória de grupo. Indivíduos que estão imersos em uma coletividade com uma identidade compartilhada, que se interagem por meio dessas, tendem a trocar informações e experiências que auxiliam no fortalecimento de sua memória como indivíduo, bem como a do seu grupo.

Outro aspecto da manifestação cultural, herança dos tropeiros, é com relação às crenças e o folclore que foi surgindo com esse grupo. As histórias e “causos” contados pelos tropeiros durante sua viagem e especialmente nos pousos, onde alimentavam a imaginação do grupo e acabaram se propagando e encontrando lugar no imaginário popular de hoje.

De acordo com Aloísio de Almeida (1981), podemos encontrar como herança dos tropeiros histórias como a do “Negrinho do Pastoreio”, a dos “Sumidouros”, que eram terras ou banhados que engoliam animais e tropeiros, as lendas sobre assombrações, entre tantas outras. Dessa forma, a

importância simbólica do tropeiro se faz presente hoje, através de toda cultura e de todo legado incorporado na cultura regional.

## **CAPÍTULO 2. TERRITORIALIDADE DA ATIVIDADE TROPEIRA EM SÃO PAULO**

Para a Geografia, os conceitos como espaço, região, paisagem, lugar e, também, território, funcionam como categoria de análises, que permitem um olhar geográfico sobre a realidade que para ela se apresenta. Dessa forma, o conceito de Território apresenta uma importância significativa dentro do quadro conceitual da Geografia. Aqui, pretende-se traçar em linhas gerais a noção de território e territorialidade que deverá permear o desenvolvimento do trabalho, buscando dar suporte, posteriormente, ao entendimento da dinâmica do tropeirismo e de suas territorialidades.

O Território é usualmente associado à questão do poder exercido por um grupo em determinado território. Como define, por exemplo, Marcelo Lopes de Souza (2005), quando afirma que território é um espaço delimitado por e a partir de relações de poder. Também, vale expressar que essas relações de poder que se projetam no espaço podem se apresentar de diferentes maneiras, sendo que o poder aparece de diferentes maneiras e diferentes intensidades, configurando expressões de territórios de toda sorte.

Porém, antes de entrarmos nos domínios do território propriamente dito, precisamos entender que esta parte, primeiramente, do conceito de Espaço Geográfico, do qual deriva, então, a noção de Território. Sobre essa constatação, Raffestin (1993) afirma que é necessário entender que o Espaço é anterior ao Território, sendo que este é resultante de uma ação conduzida por um ator/agente que exerce sua ação em qualquer nível. Para o autor, ainda, a “territorialização” acontece quando o ator se apropria concreta ou

abstratamente do espaço. Portanto, ele permite o entendimento de que o Território seria como uma variação qualitativa do Espaço, onde o poder exercido através da apropriação efetiva ou abstrata do mesmo garantiria sua condição de território.

Ainda, segundo Raffestin (1993), Território se caracterizaria também por ser um espaço onde o trabalho foi projetado na forma de energia e informação. Dessa forma, o espaço passa a revelar relações que são marcadas pelo poder, em todas as suas formas de manifestação. Então, o território passa a ser uma produção a partir do espaço, mas não ele e em si. Raffestin (1993) afirma ainda que sendo produção, por todas as relações que estão envolvidas, inscreve-se também no campo de poder.

Pudemos perceber que o autor expressa um território como uma variação do espaço a partir de relações que se dão no mesmo. Estas relações que produzem o território configuram-se como a expressão do poder de um grupo. Nesse sentido, podemos começar a pensar na forma de como um poder simbólico pode também configurar territórios e territorialidades, definindo espaços e impondo uma forma de atuação.

Devemos considerar, também, que para além dos domínios da Geografia, a noção de território é também de uso corrente. Em outras áreas do conhecimento como a biologia, sociologia, entre outras, aparece o conceito de território com outras acepções. Também, não só dentro do âmbito acadêmico, mas também no uso cotidiano, a noção de território é bastante utilizada. Como afirma Haesbaert (2004),

Apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade por dizerem respeito à espacialidade humana, têm uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (HAESBAERT, 2004, P.37).

Podemos perceber, então, que a discussão sobre território, tão presente na Geografia, não se restringe a esse campo do conhecimento. Mesmo dentro da própria Geografia a forma como o Território é discutido pode variar bastante de acordo com o posicionamento teórico do autor. Portanto, é imprescindível tomar uma posição quanto ao conceito para ser utilizado na abordagem do trabalho. Sobre essa necessidade conceitual com relação à concepção de território que se utiliza, Rogério Haesbaert (2004), em sua obra “O mito da desterritorialização: do ‘fim dos territórios’ à multiterritorialidade”, afirma que:

Dependendo da concepção de território muda, conseqüentemente, a nossa definição de desterritorialização. Assim, podemos perceber a enorme polissemia que acompanha sua utilização entre os diversos autores que a discutem. Como já enfatizamos, muitos sequer deixam explícita a noção de território com que estão lidando, cabendo a nós deduzí-la. (HAESBAERT, 2004, p.35-36).

Assim, percebemos pela passagem que o autor expressa a necessidade de um posicionamento teórico para posicionar a discussão que se pretende traçar. Apesar da enorme polissemia, como afirma o autor, é preciso explicitar a noção de território que será utilizada, para evitar uma dedução por parte do leitor.

Haesbart (2004) buscou ainda uma síntese no sentido de agrupar as concepções de território existentes dentro de algumas vertentes básicas. Dessa forma, ele acabou agrupando em quatro grupos de acordo com a forma como era abordado o conceito. A primeira vertente é a *política*, que é entendida por ele como a concepção que privilegia o espaço delimitado e controlado, no qual o poder é exercido, usualmente, pelo Estado. A segunda é a *cultural*, que dá prioridade à dimensão simbólica do território, que é produto da valoração simbólica do espaço vivido pelo grupo. A terceira é a vertente *econômica*, ligada à ideia de território como fonte de recursos para desenvolvimento de alguma atividade ou, ainda, como ele afirma, como produto da divisão territorial do trabalho, por exemplo. Por fim, o autor menciona ainda a uma vertente naturalista, na qual território é tomado com base na relação entre sociedade e natureza, mais especificamente no que se refere ao comportamento do homem com relação ao seu ambiente (HASBAERT, 2004). Dessa forma, o autor acaba por agrupar as diferentes noções sobre território que aparecem dentro das diversas áreas do conhecimento, mostrando as principais noções que aparecem dentro de cada grupo por ele estabelecido.

Antes de entrarmos na definição de território proposta pelo autor e tomada aqui, neste trabalho, apresentamos o que o mesmo entende por territorialização. Neste sentido, ele afirma que:

territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais (para alguns também enquanto indivíduos), poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de “dominação” e “apropriação” ao mesmo tempo. O que seria fundamental “controlar” em termos espaciais para construir nossos territórios no mundo contemporâneo? Além de sua enorme variação histórica, precisamos considerar sua variação geográfica: obviamente territorializar-se para um grupo indígena da Amazônia não é o mesmo que territorializar-se para os grandes executivos de uma empresa transnacional. Cada um desdobra relações com ou por meio do espaço de formas as mais diversas. Para uns, o território é construído muito mais no sentido de uma área-abrigo e fontes de recursos, a nível predominantemente local; para outros, ele interessa enquanto articulador de conexões ou redes de caráter global. (HAESBAERT, 2004, p. 97).

Percebemos que o autor ao tratar da territorialização, afirma que esta deve ser entendida de forma diferente para cada grupo de interesse. Assim, ele mostra que a forma como se dá o exercício do poder, seja ele material ou não, varia de grupo para grupo. Há uma multiescalaridade e multidimensionalidade do poder que deve ser sempre considerada.

Para todos os efeitos, utilizaremos aqui a concepção de território de Rogério Haesbaert que aparece na obra “Territórios Alternativos”. Nesta, o autor afirma que:

podemos, então, sintetizar, afirmando que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando. Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios. Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. Isto resulta em uma geografia

complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial) que se busca traduzir em novas concepções, como os termos hibridismo e “glocal”, este significando que os níveis global e local podem estar quase inteiramente confundidos (HAESBAERT, 2002, p. 121).

Território, como visto acima, envolve uma relação de forças desiguais que se combinam para formar a realidade territorial em questão. Esta relação de forças se expressa, como afirmou Haesbaert, na dominação ou controle de determinado espaço, seja de forma política, econômica, como também simbólica. Nesse sentido, cada território pode se caracterizar por apresentar uma complexa gama de relações de poder de toda ordem.

Apesar do que o autor menciona, usualmente vemos a noção de território geralmente associada à questão da apropriação política de um espaço. Porém, o exercício do poder, com toda sua complexidade que lhe é característica, muitas vezes se dá de forma diferente nas diversas escalas. Essa característica permite combinações ímpares, configurando territórios bastante diversos.

Saquet (2010), menciona que dentro de uma abordagem territorial, é central apreender os movimentos, que segundo ele são produtos de determinações as mais diversas, como as (i) materiais, forças econômicas, políticas e culturais. Ainda, esse movimento seria relacional, processual e daria a condição da (i) materialidade da nossa vida cotidiana. Estaria a ideia e a matéria em constante interação e movimento, promovendo articulações internas e externas em cada território, bem como descontinuidades, fluidez e identidade (SAQUET, 2010). Como visto, dentro da proposta de território desse autor, é imprescindível compreender o movimento dado pela combinação de

fatores os mais diversos, que darão à condição de existência do território. Materialidade e Imaterialidade devem ser levadas em consideração numa abordagem territorial.

Saquet também menciona a importância da relação da sociedade com seu território. Afirma que:

território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade (SAQUET, 2010, p.24)

Dessa forma, o autor afirma também que isto significa a existência de interações inerentes ao processo de territorialização, ligados a processos sociais semelhantes e diferentes. Então, cada combinação específica de cada relação espaço-tempo acaba condicionando e acompanhando os processos territoriais. Isso quer dizer que a contradição se estabelece no processo de territorialização. Podemos pensar, por exemplo, no caso de tentativas de modernização agrícolas que muitas vezes encontram resistências em formas de organização tradicionais. Esse choque de formas de uso e apropriação do espaço, bem como de valores e ideais, leva a uma territorialização impar desse espaço.

Através dessa combinação de fatores, podemos perceber que cada sociedade acaba por apresentar e combinar forças e interações que permitirão uma configuração territorial única. A partir do momento que uma sociedade se territorializa, ela acaba por combinar e articular relações de poder e

significados que lhes são próprios com outros diferentes, promovendo um arranjo territorial que lhe será característico. Com isso, território deixa de caracterizar-se como espaço subordinado à um poder central, para abarcar outras possibilidades que apontam para a combinação de forças e relações que se estabelecem com um grupo específico.

Sobre essa característica do território, Saquet (2010) afirma que

é preciso ter sutileza e habilidades, pois cada sociedade produz seu(s) território (s) e territorialidade(s), a seu modo, em consonância com suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com suas atividades cotidianas. O arranjo específico sob o MCP difere substancialmente do feudal, do escravista e do primitivo. Os indígenas estabeleciam territorialidades singulares a parígenas estabeleciam territorialidades singulares a partir da necessidade de alimentação e proteção/refúgio de cada tribo; no escravismo se dá uma certa difusão e expansão das técnicas de apropriação e dominação de extensas áreas de terras; nos feudos e burgos ocorre uma coesão, interna, com a efetivação de tênues redes externas (a unidade era dada pelas pequenas cidades), o que é rompido profundamente com o evento do capitalismo mercantil, com o Renascimento e posterior expansão e reprodução ampliada do capital (a unidade é dada pelas redes de circulação e comunicação). É um movimento histórico e multiescalar, que assume sempre *novas* obras e relações sociais, *ideias*, territorialidades, desde uma ocupação e apropriação aparentemente desordenadas e móveis até a definição de vastos impérios, de cidades-estado, do Estado-Nação, de empresas e demais instituições da era moderna (SAQUET, 2010, p. 24)

Como discutido pelo autor, cada sociedade produz seu próprio território, pois são mobilizados tanto normas, regras, além de crenças e representações que acabam por transformar o território em sua marca. Portanto, é preciso ainda superar a forma simplista como o território geralmente é tomado, pois este abarca outras dimensões que escapam à noção de centralidade e autoridade do poder, esta é uma forma reducionista de entender o território. Assim, o poder aparece não só centrado em um único grupo, ou em

uma única instituição que organiza e gere o território. O território é movimento, relações que são complementares ou, ainda, contraditórias e que incorporam formas de entender, de explicar e interpretar o mesmo. Dessa forma, o poder deixa de ser centralizado, pois ele está tanto no Estado, quanto nas famílias, nas universidades, nas empresas, nas igrejas, nos grupos excluídos, entre outros. As relações são vividas e sentidas de formas diferentes por esses grupos (SAQUET, 2010). São “substantivados por relações, homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem, por diversidade e unidade; (i)materialidade” (SAQUET, 2010, p.25)

Dentro desta abordagem territorial que aqui se apresenta também o conceito de territorialidade aparece com uma centralidade nesta discussão. Territorialidade estaria ligada às atividades que dão sentido, aos acontecimentos, relações cotidianas que dão sentido ao território. De acordo com Saquet (2010),

a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola, etc., o resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2010, p.129).

O cotidiano, as atividades desenvolvidas pelos grupos que se expressam em práticas, modos de vida, expressões simbólicas que caracterizam a produção de um território, portanto, a territorialidade de um

grupo. Nesse sentido, as complexidades das relações se expressam na territorialidade que se apresentará.

Como menciona ainda Saquet (2011), é preciso entender o território e o tempo para compreender territorialidade e temporalidade. Estas últimas são históricas e coexistem, garantindo o processo de formação expansão de um território. Nesse sentido, uma análise territorial deve levar em conta a combinação de temporalidades e territorialidades, que garantem uma gama complexa de relações espaciais que acabam por se materializar no território que é de interesse. Portanto, dentro da análise é preciso a compreensão de ritmos e temporalidades distintas, assim como territorialidades que acabam por também se distinguirem, mas que se relacionam para dar a coesão e a lógica territorial de um determinado espaço.

As práticas espaciais e territoriais são complexas e temporais, e visam, constantemente, a reprodução das relações sociais e, por conseguinte, dos territórios. Nesse sentido, territorialidade só pode ser entendida também como as relações territoriais propriamente ditas, as práticas que são estabelecidas a fim de estabelecer, manter ou garantir um determinado território. São práticas cotidianas do poder, que se expressam de diferentes formas, seja política, econômica, ou culturalmente.

Ainda, entende-se também territorialidade por meio de quatro níveis que são correlatos. De acordo com Saquet (2011), esses níveis são:

a) como **relações** sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitos; b) como **apropriações** do espaço geográfico, concreta e simbolicamente, implicando dominações e delimitações precisas ou não; c) como comportamentos, **intencionalidades**, desejos e necessidades e, por fim, d) como **práticas** espacio-temporais, multidimensionais, efetivadas nas

relações sociais dos homens entre si (de poder) e com a natureza exterior por meio de mediadores materiais (técnicas, tecnologias, instrumentos, máquinas...) e imateriais (conhecimentos, saberes, ideologias...). A territorialidade é processual e relacional ao mesmo tempo (SAQUET, 2011, p.78).

Esses quatro níveis da territorialidade trazidos pelo autor mostram a complexidade inerente a esse processo. Com isso, esses níveis estão abarcados dentro desse processo que se torna único, configurando territórios os mais diversos possíveis.

Como evidenciado anteriormente, tanto território como territorialidade também abrange dimensões do espaço que não são propriamente materiais, mas simbólicas. Mas apesar disso, essa dimensão simbólica do espaço acaba por se incorporar na produção do espaço, incorporando ao território elementos substantivos, simbólicos e representativos que são também importantes. Nesse sentido, o poder simbólico incorporado ao espaço permite uma análise territorial do mesmo.

Para ilustrar, cabe mencionar o trabalho de Sylvio Fausto Gil Filho e de Ana Helena Corrêa Gil (2001), intitulado “Identidade Religiosa e Territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso”. Neste trabalho, os autores procuraram estabelecer uma discussão em torno do conceito de sagrado, a identidade religiosa como construção histórica e cultural, bem como a territorialidade desse sagrado, promovendo o espaço da representação. Assim, os autores comentam que:

a busca do monopólio das coisas sagradas e do controle do espaço sagrado revela sua própria territorialidade criada e recriada em diversas temporalidades. A territorialidade do sagrado evidencia uma conexão pertinente entre as estruturas dos sistemas simbólicos e as

do territorial. O território é o objeto (restrição do espaço), o sistema territorial é a lógica desse conjunto estrutural, e a territorialidade é o atributo de determinado fato social onde circula o poder (GIL FILHO e CORRÊA GIL, 2001, p.53).

Assim, a territorialidade do sagrado, estudada pelos autores, revela sua criação através de diversas temporalidades. Essa territorialidade ainda combina elementos simbólicos, centrais nessa análise territorial. Seria uma restrição efetiva através de um espaço de representação, por meio de uma apropriação simbólica do espaço do sagrado. Os autores afirmam que a territorialidade do sagrado envolve três aspectos principais que são: uma sacralidade através do fato religioso; uma temporalidade baseada nas relações históricas construídas e, por fim, uma espacialidade, já que essa territorialidade se materializa (GIL FILHO e CORRÊA GIL, 2001).

Portanto, pelas discussões aqui levantadas, pudemos perceber que há uma interação bastante forte entre as noções de Território e Cultura. Cada sociedade, cada grupo humano mobiliza símbolos, representações, mitos, práticas, ou seja, dimensões simbólicas do poder, que acabam por se relacionar com as dimensões mais materiais do espaço e do poder, acabando por refletir numa diferenciação territorial bastante significativa.

Dessa forma, a seguir, buscaremos discutir o processo histórico do tropeirismo ligado à sua territorialidade por entre as regiões onde essa atividade se fez presente, focando principalmente o caminho paulista das tropas, foco desse estudo. Nesse sentido, serão levantados a seguir, elementos da territorialidade no que diz respeito às práticas espaciais e simbólicas desse grupo que tanto foi importante no passado.

## **2.1 Territorialidades tropeira no sudoeste paulista.**

Com base na discussão que foi acima apresentada, pretende-se nesse momento formular a compreensão sobre a territorialidade da atividade tropeira. Levantaremos algumas características dessa atividade, suas territorialidades que acabaram configurando a região por onde se desenvolveram.

Como apresentado anteriormente, a atividade tropeira foi de grande importância, principalmente para a região sul do Brasil, que se encontrava marginalizada. Assim, as tropas e os tropeiros que precisavam vencer longas caminhadas acabaram demandando a necessidade de alguns serviços para poderem atingir com sucesso o fim de sua jornada.

Destarte, uma das principais características dessa atividade tropeira foi a grande mobilidade dessas tropas e tropeiros. Assim, o deslocamento sempre caracterizou esse grupo, que necessitava vencer grandes distâncias para chegar ao centro consumidor desses animais. Essa característica fez com que o tropeirismo estivesse presente em uma área bastante ampla, configurando o espaço regional, imprimindo sua lógica no espaço por onde se movia.

Essas características apresentadas acima configurariam as principais características que incidiriam na territorialidade tropeira. Assim, o espaço e o território passaram a ser produzidos com conteúdos que expressam essa mobilidade no espaço.

É preciso levar em conta, como menciona Straforini (2001), que as tropas, desde o sul, até a feira de Sorocaba, necessitavam percorrer grandes distâncias, sendo que eram necessários os diversos pousos de tropas ao longo

do caminho. Ainda, “essas paradas foram se tornando cada vez mais fixas e definitivas. No início da caminhada, já se estabelecia com o objetivo, atingir, no final da tarde, o pouso seguinte” (STRAFORINI, 2001,p.31). Portanto, esses pousos passaram a se tornar referências para os viajantes que se deslocavam por entre esses caminhos. Uma das principais características, então, da territorialidade tropeira foi esse deslocamento de tropas em caminhos que, necessitavam, para vencer a longa jornada, estabelecer pousos que acabavam se dinamizando e incorporando elementos da cultura e do modo de vida tropeiro.

Cada vez mais, esses pousos passam a se dinamizar e apresentar serviços para o atendimento e abastecimento desses viajantes. Straforini (2001) comenta que:

nas proximidades dos pousos, alguém construía uma palhoça, tornando-se um morador fixo, atendendo-se ao trabalho agrícola de subsistência, produzindo gêneros da terra como feijão, mandioca, além do milho que era também fornecido como ração para os animais. Essa foi uma das poucas alternativas dada aos homens do campo, já que sua presença tornara-se indispensável para a permanência e continuação do tropeirismo. Prosperando, montava-se uma venda, abastecia-se melhor com outros produtos necessários para o cotidiano tropeiro e, lentamente formava-se um povoado ao seu redor. Progredindo e aumentando o número de casas ganhava autonomia política e administrativa até tornar-se vila e posteriormente cidade (STRAFORINI, 2001, p.32).

Toda essa dinamização que surgiu a partir do tropeirismo vai fazer com que as atividades desenvolvidas nessas áreas sejam voltadas ao abastecimento dessas tropas. Essas tropas passam a configurar-se no principal elemento estruturador da economia e do espaço regional, sendo que

promoveu o aparecimento de atividades de subsistência, permitindo, posteriormente, o aparecimento de núcleos populacionais.

Nas vendas podiam ser encontradas mercadorias simples e básica, como feijão, farinha, carne seca, cachaça, bem como milho e alfafa para os animais. Porém, em algumas vendas era possível encontrar mercadorias mais sofisticadas como tecidos, celas, arreios, ferramentas, etc. Os ranchos eram, então, destinados à acolher e permitir a pernoite dos tropeiros (STRAFORINI, 2001).

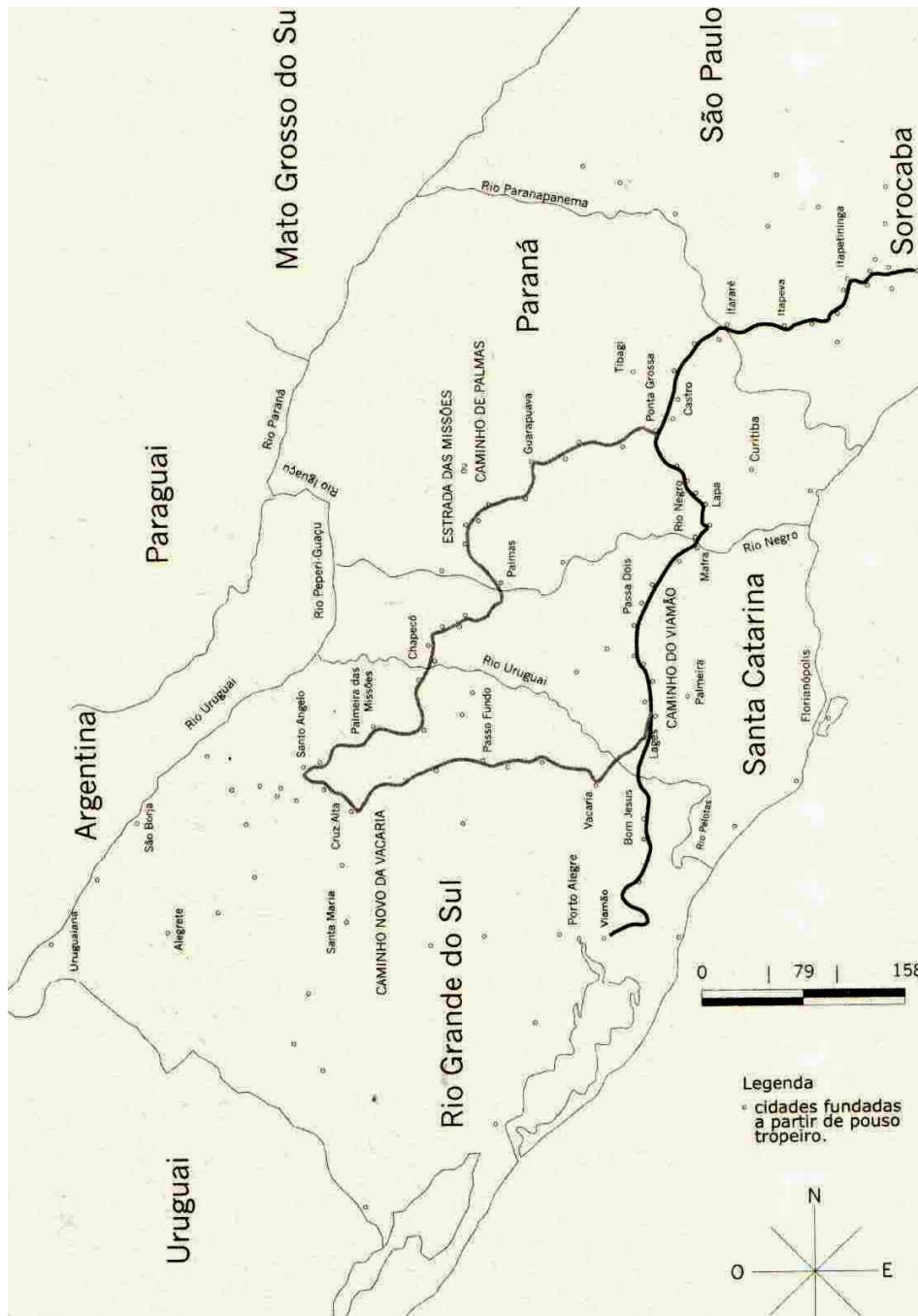
Straforini (2001) afirma ainda que era comum o aparecimento do complexo “fazenda-rancho-comércio”. Esses combinavam, em uma única estrutura, a exploração da terra e posteriormente, a atração de compradores e a colocação de seus produtos para a venda.

Portanto, pode-se perceber que o espaço local passa a incorporar fortemente elementos característicos da atividade tropeira. A sua territorialidade passa a se fazer cada vez mais presente, pois esses espaços passam a expressar uma organização e uma dinâmica própria que lhes foi possibilitada graças à expansão dessa atividade pelos caminhos traçados.

Com relação à disposição dos pousos de tropas ao longo dos caminhos, esses estavam localizados numa distância de aproximadamente uma jornada diária de deslocamento. Os caminhos traçados e percorridos foram de suma importância na organização espacial dessas áreas. Dessa forma, as cidades que iam surgindo a partir da atividade tropeira, possuíam uma disposição simétrica. Outra característica dessas cidades é que a atividade tropeira foi muito importante na configuração das malhas urbanas ao longo desses caminhos. Straforini (2001) afirma que:

as cidades originadas pela atividade tropeira não tiveram na religião o elemento primordial para configuração da malha urbana e distribuição dos elementos no espaço. Isso quer dizer que as vilas não se formaram em torno de uma praça central, mas sim a partir de um pouso e/ou ponte. A rota ou a estrada era o elemento que desencadearia todo o processo de produção daquele espaço específico e singular na colonização do sul do Brasil. A maior característica daquele espaço foi a simetria na distribuição dos pousos, vilas e cidades ao longo das rotas. Esse espaço materializado simetricamente foi resultado de um tempo diário, ou seja, o tempo percorrido diariamente pelos tropeiros (STRAFORINI, 2001, p. 32 -33).

Na configuração das vilas e posteriormente cidades, os caminhos utilizados pelos tropeiros foram se incorporando à malha urbana. Dessa forma, estes caminhos passaram a desempenhar importância não só para os tropeiros, mas também para a configuração do espaço local e regional. A atividade tropeira passa, então, a se destacar na organização do espaço tanto local, quanto regional, como mostra o mapa a seguir, de Rafael Straforini (2001).



**Figura 2.** Mapa das rotas das tropas no sul do Brasil até Sorocaba  
 FONTE: TRINDADE (1992)  
 ADAPTAÇÃO: STRAFORINI (2001)

Por todos os caminhos percorridos, esses grupos enfrentavam riscos nas longas viagens, rasgando matas, serras e atravessando áreas inóspitas para atingir os pontos estabelecidos. Por essa razão, o tropeirismo se

caracterizou por configurar uma teia de caminhos que se espalhava pelas regiões onde se desenvolvia, ligando núcleos populacionais distantes, porém conectados a uma mesma lógica imposta por esse grupo. Era o tropeiro, de certa forma, um agente que promovia a consolidação de fronteiras, permitindo o estabelecimento e conexão entre áreas afastadas, mas que não se mantinham mais isoladas, pois esse grupo as conectava (JOB, 1999)

Do atual Rio Grande do Sul, até Sorocaba, muitas cidades, como já mencionado, foram constituídas a partir da atividade tropeira. A principal estrada tropeira do Sul, o caminho do Viamão, levava até a feira de Sorocaba. Sobre a disposição desse caminho, JOB (1999) mostra que:

O caminho do Sul, considerado a partir do Rio Grande do Sul, se iniciava por Viamão, origem da atual cidade de Porto Alegre; Cruz Alta, Passo Fundo, ainda no Estado do Rio Grande do Sul, sendo que partiam de Cruz Alta, aqueles que estivessem trazendo animais da região de Corrientes (Argentina); Lajes e Mafra, em Santa Catarina, sendo esta cidade famosa por um tipo de estribo que liberava o pé do cavaleiro, em caso de acidente; Rio Negro, onde havia um Registro de Animais, e Lapa, famosa por suas facas e facões – a “lapeana”; São José dos Pinhais e Curitiba, todas no Estado do Paraná; poderia haver algumas variações onde, a partir de Lapa, encaminhava-se para Oeste e passava-se por Guarapuava, cujos famosos cavalos eram bastante estimados, passava-se por Palmeira, Ponta Grossa, Castro e Jaguariaíva; no Estado de São Paulo, passava-se por Itararé, Itapeva, Buri ou pouso da Escaramuça, Itapetininga, Alambari ou pouso das Pederneiras, afamadas pelas pedras do mesmo nome e usadas em armas, Campo Largo (atual Araçoiaba da Serra), onde as tropas descansavam antes do início das vendas, e finalmente Sorocaba (JOB, 1999, p. 19).

Esses grandes caminhos que levavam até Sorocaba se irradiavam, a partir desta cidade, em uma série de outros caminhos que levavam às zonas que se utilizavam desses animais. As rotas eram inúmeras e levavam a diversas partes, porém, os maiores consumidores de animais que eram as

regiões das Minas, por conta da necessidade de transporte da produção, e o Rio de Janeiro (JOB, 1999). Importante lembrar, como já mencionado, que os animais se constituíam no principal meio de transporte de pessoas e mercadorias até meados do século XIX.

As práticas tropeiras, seu conteúdo simbólico, de forma ampla, acabou por se combinar com elementos locais, de todas as áreas por onde se disseminou, promovendo uma expressão simbólica que garantiu, de certa forma, que a cultura tropeira se fizesse presente em diversos pontos do espaço regional. Tanto no modo de falar, como na culinária, na música, nas danças, na religiosidade, nos mitos, entre outros, o tropeiro acabou se transformando num elemento de propagação dessas expressões, configurando-se num elo que proporcionou o aparecimento de uma identidade tropeira.

A cultura das cidades e regiões ao longo dos caminhos das tropas foi historicamente influenciada pelo tropeirismo. Como já mencionado, nesses espaços marcados pelo tropeirismo no passado há o surgimento de iniciativas para fortalecimento da memória e da cultura tropeira.

Um exemplo é o caso do sudoeste paulista, região por onde passava o antigo caminho que ligava Viamão, no Rio Grande do Sul, à Sorocaba, no estado de São Paulo. Esta parte do caminho que ia de Itararé até Sorocaba, passava por diversas localidades que se constituíam em pousos de tropas ou campos para domesticação de alguns animais. Destarte, a formação histórica e espacial desses municípios estiveram amplamente relacionadas com a atividade tropeira. A territorialidade tropeira nessa região marcou a base da formação dessas áreas, configurando-a como um produto da dinâmica espacial e simbólica desses grupos.

Para resgatar a cultura e fortalecer a memória tropeira no antigo caminho Itararé-Sorocaba são organizados eventos pela *Associação Intermunicipal Circuito Cultural Caminho Paulista das Tropas*. Esta associação surgiu a partir da proposta de promover uma articulação entre grupos, de diversos municípios, que buscavam resgatar a cultura tropeira ao longo do antigo caminho paulista das tropas. Esta articulação cresceu e acabou incorporando representante da prefeitura desses municípios, que acabaram por promover as condições para que esses grupos atuem. O evento mais notório realizado por essa Associação é a tropeada anual (cavalgada) pelo antigo caminho das tropas, que no ano de 2013 chega a sua oitava edição. Os participantes desse evento partem do município de Itararé e seguem direção à Sorocaba. Ao longo do percurso, o grupo realiza o pouso nos municípios que correspondem às antigas áreas destinadas a essa finalidade. Na Figura 3, apresenta o Sudoeste Paulista e o caminho percorrido por esse grupo na oportunidade da tropeada de 2010, que aconteceu no mês de maio daquele ano.



FONTE: Associação Intermunicipal Circuito Cultural Caminho Paulista das Tropas  
 ORG: MONTEIRO (2010)

**Figura 3.** Mapa do percurso da cavalgada anual Itararé-Sorocaba/ 2010 - Associação Intermunicipal Circuito Cultural Caminho Paulista das Tropas.  
 FONTE: Associação Intermunicipal Circuito Cultural Caminho Paulista das Tropas  
 ORG: Mapa elaborado pelo autor em Janeiro de 2011.

Nesses pousos ao longo do caminho, o grupo de cavaleiros aproveita para realizar algumas atividades que resgatem a cultura e memória tropeira. Nesse sentido, há uma tentativa de reconstrução dessa identidade tropeira nesses municípios, ao longo do caminho, que refletem também em práticas de territorialidade.

Durante a ocasião da parada, são preparadas comidas típicas tropeira para abastecer os viajantes (Fotografia 1). Essa é preparada ao modo típico tropeiro, com os ingredientes e com as receitas tradicionais, evidenciando a importância da cultura alimentar de outrora, bem como o seu resgate por parte desse grupo que reconstrói esse antigo caminho das tropas. Logo após, alguns integrantes iniciam rodas nas quais são entoadas músicas e cantigas tropeiras, buscando animar e resgatar os ritmos e as músicas que animavam também os antigos pousos. Também, na ocasião, são organizadas danças de origem tropeira, realizadas muitas vezes pelos próprios viajantes ou, ainda, por algum Centro de Tradições Gaúchas (CTGs).



**Fotografia 1.** Jantar no pouso de tropas na Fazenda Ipanema em Ipero – SP.  
FONTE: Fotografia obtida em campo em maio de 2010.

Durante o percurso, em alguns pousos, também eram realizadas algumas missas para a bênção dos tropeiros ou em nome de alguns tropeiros, figuras importantes desta atividade no passado.

Essas missas acabavam também atraindo não só pessoas que participavam dessa cavalgada, mas também uma grande quantidade de pessoas de cidades vizinhas que se identificavam com a atividade. Esses participantes acabavam interagindo com os participantes da tropeada, participando do jantar e dos festejos, ou seja, seguindo o ritual dos antigos tropeiros. Essa religiosidade Tropeira encontra-se presente no grupo e faz parte da estratégia para resgate da identidade cultural tropeira, buscando

reafirmá-la, numa clara expressão da territorialidade desse grupo. Na fotografia 2, podemos verificar um das missas realizadas pelo grupo na cavalgada de 2010.



**Fotografia 2.** Missa realizada na Fazenda Ipanema em Iperó no dia 30/05/2010  
FONTE: Fotografia obtida em campo em maio de 2010.

A imagem acima retrata um momento durante a missa realizada nas dependências da Fazenda Ipanema em Iperó – SP. Na ocasião, o pouso acabou por receber uma grande quantidade de pessoas, vindas de diversas cidades vizinhas, e que se simpatizavam com a atividade tropeira e que acabaram por participar das atividades que seguiram.

Com o que foi discutido até aqui, podemos perceber que a atividade tropeira por muito tempo se caracterizou por imprimir sua lógica de atuação, sua forma de organização e percepção do espaço. Assim, produz formas de territorialidades específicas. A memória do tropeirismo, presente nas iniciativas que buscam resgatar a cultura tropeira ao longo do caminho paulista das tropas, pode ser considerada como formas de territorialidades que buscam também se afirmar frente a uma tentativa de descaracterização da cultura e da identidade tropeira na região. Esses momentos garantem uma mobilização de um grupo que busca, cada vez mais, ganhar visibilidade, permitindo uma maior integração regional a partir da memória de uma atividade importante do passado.

### **CAPITULO 3. NO CONTEXTO DO TROPEIRISMO: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO LOCAL EM SOROCABA – SP**

Neste capítulo, a discussão se volta para a territorialidade e dinâmica do Tropeirismo em Sorocaba, interior de São Paulo. A importância desse capítulo se dá pela posição que Sorocaba teve dentro do contexto do Tropeirismo, sua importância enquanto local de convergência de tropas e tropeiros, devido a sua feira anual de muares.

A dinâmica e as territorialidades tropeiras se diferenciaram do resto dos outros pousos de tropas, pois a quantidade de pessoas e de animais que convergiam para sua feira possibilitou o aparecimento de uma maior dinâmica. Sorocaba, então, passou a ser referência, pois concentrava serviços de toda ordem, destinados não só a abastecer a tropa, mas também, entre outras coisas, para comercialização de animais, ferramentas, matérias de suprimento, bem como serviços destinados ao lazer e entretenimento dos viajantes que por lá permaneciam.

Essa importância histórica atribuída ao Tropeirismo em Sorocaba reflete, também, na memória do tropeirismo no município. Dessa forma, serão também discutidos a forma como esta dinâmica tropeira encontra-se expressa na memória com relação ao tropeirismo no local.

Primeiramente, partiremos para uma breve caracterização do município de Sorocaba, apontando sua localização e principais atributos físico-naturais, bem como buscaremos fazer um levantamento breve de seu perfil socioeconômico hoje. Ainda, traremos a origem da povoação e um breve histórico de Sorocaba antes do tropeirismo.

Por último, analisaremos a construção do imaginário tropeiro local através de três veículos importantes para a divulgação da cultura e história tropeira. São eles: O “Jornal Cruzeiro do Sul”, a “Academia Sorocabana de Letras” e o “Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba”.

### **3.1. Caracterização do município de Sorocaba – SP.**

O município de Sorocaba, de acordo com o censo demográfico do IBGE em 2010, possui uma população total de 586.625 pessoas, sendo caracterizado, portanto, como uma cidade de porte grande. Dentre essa população total, cerca 98,9% é de população urbana (IBGE, 2010). O município situa-se na microrregião de Sorocaba, que conta com um total de 14 municípios que juntos somam mais de 1300000 habitantes.

Esse perfil populacional mostra que o município, hoje, possui uma característica urbana e os serviços e atividades que são desenvolvidos ali configuram a cidade como uma capital regional, atraindo pessoas dos municípios vizinhos.

No mapa a seguir, é possível verificarmos a localização do município dentro do contexto do estado de São Paulo (Figura 4).



**Figura 4.** Mapa de localização do Município de Sorocaba - SP  
ORG: Mapa elaborado pelo autor (2013)

O município de Sorocaba possui, hoje, praticamente sua economia toda voltada ao setor industrial. A produção industrial no município é bastante variada, sendo que de acordo com o site da Prefeitura Municipal de Sorocaba (2013), a cidade ocupa o 5º lugar em desenvolvimento econômico dentre os municípios paulistas, sendo que seu Produto Interno Bruto (PIB) ultrapassa o valor de 9,5 bilhões de reais (SOROCABA, 2013). Ainda, de acordo com o IBGE (2010) a renda per capita média do sorocabano era de R\$ 27506,28 reais, acima da média nacional. A produção agrícola do município é bastante incipiente quando comparada à produção industrial. A cidade de Sorocaba, pela posição que ocupa e pelos acessos rodoviários que a ligam facilmente à São Paulo e a outras partes do Estado e do País.

A cidade que surgiu ligada à atividade agropecuária vem se transformando, com o passar dos anos, atraindo investimentos e empresas que acabam por dar uma outra configuração à economia do município. Assim, a criação de um complexo tecnológico vem para confirmar essa nova vocação assumida pelo município nas últimas décadas.

Com relação aos aspectos físico-naturais, a região apresenta algumas particularidades que configuram o seu meio e que permitiram o desenvolvimento de algumas atividades no município de Sorocaba.

Quanto à geomorfologia e o relevo, o município encontra-se situado dentro do que Jurandy Luciano Sanches Ross (2001) classificou como “Depressão periférica da borda leste da bacia do Paraná”. O autor afirma que esta área apresenta as seguintes características:

A depressão da borda leste da bacia do Paraná está esculpida quase que totalmente nos sedimentos paleomesozóicos. Apresenta modelados diversos em função da influência tectônica, variação litológica e dos graus de atuação dos processos erosivos dos mais diversos ambientes paleoclimáticos. No estado de São Paulo observa-se a transição dos terrenos altos do cristalino para a depressão esculpida em sedimentos, onde predominam altitudes entre 600 e 700m (ROSS, 2001, p. 63).

Como mencionado pelo autor, a unidade de relevo na qual o município se insere apresenta características como altitude moderada e modelados diversos, sendo que no município e em seu entorno o relevo não se apresenta muito acidentado. Há na região o predomínio de feições onduladas e baixas, sendo que o morro de Araçoiaba é a único elemento que se destaca na geomorfologia da região.

Essa característica do relevo acaba por facilitar o desenvolvimento de atividades econômicas, como foi o caso do tropeirismo, por exemplo, pois o relevo não se caracterizava como um obstáculo. O perfil ondulado e pouco acidentado do relevo permite um melhor deslocamento e interligação entre Sorocaba e outras áreas do país.

Outro componente importante dentro da caracterização físico-natural diz respeito ao clima da região. A região encontra-se classificada dentro do tipo climático Cfa de Köppen. Este tipo climático caracteriza-se por ser do tipo temperado úmido, com estações de verão e inverno bem definidas, sendo que apresenta verões quentes (ROLIM, CAMARGO, LANIA, MORAES (2007). Assim, essa característica climática não apresenta tanta hostilidade, o que também pode influenciar na possibilidade ou não do aparecimento de certas atividades econômicas. Esse tipo climático não apresenta extremos de

temperatura e a precipitação é, até certo ponto, bem distribuída ao longo do ano.

A vegetação do município de Sorocaba apresenta características de diferentes Biomas e Ecossistemas. De forma geral, pode se dizer que a vegetação típica da região é a da Mata Atlântica, porém, é possível encontrar manchas de vegetação de cerrado espalhadas pela área municipal. Dessa forma, caracteriza-se por uma área de contato, de transição, onde não é possível atribuir características de apenas uma formação vegetal.

Costuma-se afirmar, também, que a vegetação típica do município e de sua região é a da Floresta Estacional Semidecidual (FES), com zonas de contato com a formação de Cerrado. Essa condição de contato entre os dois Biomas fornece uma variedade biológica que apresenta espécies típicas dessas duas formações (ODUM, 1988). Ainda, para aumentar a complexidade da caracterização da vegetação do município e de seu entorno, cabe ressaltar que as áreas dos Campos Gerais se estende do sul do Brasil até as proximidades do município de Sorocaba, fato esse que influenciou, de certa forma, nas atividades econômicas que ali foram se estabelecendo.

Por todas as atividades econômicas que tomaram corpo no município, bem como pelo intenso crescimento populacional observado no mesmo, as áreas de vegetação típica já foram bastante alteradas. Hoje, cerca de pouco mais de 12% da vegetação original do município se mantém com baixo nível de alteração. Essas áreas são encontradas, principalmente, na zona rural do município de Sorocaba, em áreas consideradas de Preservação Permanente, como é o caso das Matas Ciliares (SOROCABA, 2010).

Essa característica físico-natural de Sorocaba pode explicar, em certa parte, o perfil econômico que esta foi construindo ao longo do tempo. Assim, passamos a levantar um pouco da história da criação e desenvolvimento de Sorocaba até o momento do tropeirismo.

Até o final do século XVI, a região permanecia praticamente inexplorada pelos homens brancos que já viviam no planalto de Piratininga. Essa área constituía em um imenso sertão ainda pouco habitado e desconectado da vida econômica da Capitania.

Os primeiros homens brancos a chegarem na região vieram por volta de 1589. Tratava-se do bandeirante e explorador Afonso Sardinha, que chegou junto de seu filho para procurar metais preciosos na região. Vieram inspirados e motivados a encontrarem, na região, possibilidades econômicas de exploração de recursos minerais. Os bandeirantes paulistas, dentre os quais podemos incluir Afonso Sardinha, estavam já bastante empenhados na função que lhes cabiam no momento, que era a de busca e apresamento de índios, bem como nas possibilidades de descoberta de metais preciosos. Essa atividade vinha ganhando bastante proporção e os paulistas a dominavam (STRAFORINI, 2001 e ALMEIDA, 1964).

Sardinha e seus homens chegaram, então, ao morro de Araçoiaba, uma elevação de destaque no relevo da região. Encontraram um tipo de metal que, pelo que consta, era parecido com a prata. Porém, este fato não foi imediatamente comunicado ao Governador Geral da Colônia, procedimento esse que deveria ser observado dada a descoberta de uma nova mina. Esta comunicação só foi feita em 1597, tempo para extração de boa quantia de metais preciosos. Dada a descoberta e devidamente comunicado, o

Governador Geral da Colônia, D. Francisco, enviou uma expedição em 1599 com o intuito de verificar as possibilidades econômicas daquela descoberta, o que não veio a se concretizar, pois o que foi encontrado não atendia às expectativas do Governador. Em 1601 fundou, ainda, a primeira vila na região, o pelourinho de Itapebossu, que tinha mais a finalidade de desenvolver a agricultura de subsistência na região, controlando a crise de abastecimento que se instaurava, bem como povoar aquela área que se constituía, ainda, em uma região pouco ou quase nada habitada e que se encontrava próxima dos domínios espanhóis (STRAFORINI, 2001 e ALMEIDA, 1964).

Apesar dessas tentativas de povoamento, não houve uma ocupação e uma formação efetiva de uma vila. Fato esse que vai ocorrer somente em meados do século XVII, período em que outras vilas em São Paulo passam também a serem formadas.

Na época da formação das vilas, os núcleos populacionais de São Paulo apresentavam uma precariedade que, de certa forma, motivava a incursão pelo sertão e a busca por alternativas econômicas. Assim, afirma Straforini (2001) que

Esses primeiros núcleos coloniais paulistas se diferenciaram em muito dos núcleos açucareiros nordestinos. Enquanto estes possuíam uma economia voltada para o mercado externo e em plena ascensão, os mais importantes núcleos paulistas eram formados por arraiais de casebres de taipas ou adobe cobertas de palhas. Outra diferença estava no elemento humano, pois no nordeste, os senhores de engenho eram portugueses que administravam inúmeros escravos. Já no restante da colônia, os mais abastados quase se confundiam com os indígenas, pois além da língua, também empregavam técnicas de lavoura de coivara, caça, pesca e coleta de frutos silvestres que os nativos utilizavam. A mão-de-obra escrava indígena era utilizada para a lavoura de subsistência (STRAFORINI, 2001, p. 41-42).

Como podemos perceber, a região, dentro da qual se encontra Sorocaba, não apresentava grandes riquezas e não se desenvolviam atividades lucrativas que pudessem garantir aos seus moradores uma posição econômica mais atrativa.

Nesse contexto apresentado acima que se dará a fundação de Sorocaba. As terras onde se formaria a vila foram doadas por André Fernandes a seu irmão, Baltazar Fernandes, que chegou ao local no ano de 1664, trazendo suas filhas, genros e outros parentes. Uniram-se a ele outros povoadores que vinham de São Paulo, além de algumas centenas de índios cativos. Ali estabeleceram uma fazenda que estaria voltada ao abastecimento interno e de onde seria, também, ponto de partida para as diversas bandeiras que seguiriam a Oeste do território para caça de indígenas e para a procura de metais preciosos (ALMEIDA, 1964 e STRAFORINI, 2001).

Dessa forma, para transformar o povoado que se iniciara em uma vila, foram feitas doações de terras e gado por parte de Baltazar Fernandes aos padres Beneditinos. O intuito era a construção de uma Capela, o que assegurava condições para que o povoado fosse elevado à condição de vila, pois assegurava-se que existiria, também, mais de trinta casais espalhados pela região. Ainda, no ano de 1661, Baltazar Fernandes solicitou a mudança do pelourinho que se encontrava em Itavuvu para suas terras. Essa mudança foi aceita pelo Governador das Capitânicas do Sul, permitindo, com isso, a elevação para a condição de vila. Essa ficou conhecida como Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba (STRAFORINI, 2001).

Com relação ao nome Sorocaba, Almeida (2002) afirma que seria um substantivo formado pelo verbo SOROC, que na língua indígena local

significaria rasgar, junto com o sufixo ou particípio ABA, que significaria lugar. Seria, então, na tradução mais literal lugar ou terra rasgada, talvez fazendo alusão ao vale cavado pelo rio de mesmo nome.

O povoamento e a elevação da Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba leva à consolidação do povoamento branco português na região, permitindo, também, que esta seja posteriormente integrada, ao seu modo, à economia da Colônia. A partir de então, Sorocaba passa a construir um perfil que a diferenciará como um centro de contato entre área física, cultural e economicamente diferentes da colônia, marcando decisivamente a vocação da cidade como “ponto de encontro”.

Muito dessa função que passará a ser designada para a cidade se dá, também, por conta das condições físico-naturais apontadas anteriormente. Nice Lecocq-Müller (1952) afirma que

O essencial da questão é para nós que, desde os primeiros anos de vida, embora isto não se desse provavelmente no seu nascimento, a situação geográfica começa a ter sua influência na vida da cidade. Exercendo a função de concentradora e distribuidora das bandeiras, Sorocaba começa a ter o papel de intermediária entre zonas geográficas diferentes, papel característico de tantas outras cidade na mesma situação, como Salta e Jujuí, ao pé dos Andes, Ypres, Gand e Bruges, entre a região baixa e alta da Flandres belga e francesa, ou as pequenas cidades que se estendem ao longo das “Highlands” e das “Lowlands” da Escócia (LECOQC-MÜLLER, 1952, p. 345).

Essa característica de zona de contato, somada a atividade paulista de incursão ao interior da Colônia na busca de índios e metais, dará à Sorocaba um novo perfil. Assim, os paulistas, dentre os quais passaram a incluir

fortemente os sorocabanos, percorriam muitos quilômetros em busca dessas riquezas.

É sabido, então, que Sorocaba passa a ser o ponto de partida das bandeiras. Porém, essa atividade não vem a transformar muito as características socioeconômicas de sua população. Essa atividade apenas permitia a permanência e manutenção da vila.

Somente a partir do início do século XVIII é que o perfil econômico de Sorocaba se transforma, abrindo possibilidade para uma nova dinâmica econômica que irá colocá-la Sorocaba num lugar de destaque. Sorocaba passaria a apresentar uma pujança econômica e cultural que irá diferenciá-la das outras cidades e vilas.

A atividade que permitiria essa nova estruturação e dinamização econômica de Sorocaba será, então, o Tropeirismo, como veremos a seguir.

### **3.2. Sorocaba no contexto do tropeirismo.**

Como já apresentado no primeiro capítulo, dada à descoberta do ouro, os animais encontrados nos campos do sul tornaram-se bastante atrativos para a utilização como meio de transporte. As longas distâncias entre as áreas produtoras e as áreas consumidoras desses animais fizeram surgir um fluxo de tropas de animais entre os caminhos abertos entre o Sul e as Minas.

Dado a quantidade de animais que se deslocavam, houve a necessidade de um controle maior sobre essa atividade. Isso porque, as áreas localizadas ao sul não ofereciam atividades econômicas, até então, que

atraíssem a atenção da coroa no sentido de controle e taxaço sobre as mesmas. Com o tropeirismo que se expandia, essa oportunidade foi se anunciando.

Portanto, começaram-se a ser instalados, ao longo do caminho, alguns Registros que tinham como função fiscalizar e arrecadar impostos por parte da Coroa Portuguesa. O primeiro deles foi aberto no ano de 1732, em Rio Negro, que tinha como função taxar os animais que vinham do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e que se dirigiam ao Brasil Central. Porém, em 1750, com a abertura do Registro de Sorocaba, o tropeirismo passa a se organizar de forma diferente, possibilitando, então, uma nova inserção de Sorocaba dentre desse contexto, aumenta sua importância dentro do ciclo que se expandia.

A partir da criação do Registro de Sorocaba, vários fatores começam a interagir, possibilitando a instalação, ali, de uma feira de muare que iria dar novas características ao local. Sobre essa questão, Vera Ravagnani Job mostra que

Muitas são as possíveis causas da localização da feira de animais em Sorocaba e uma delas e mais provável é a fundação do Registro de Animais, junto à ponte do rio Sorocaba, que forçava o pagamento de impostos, e como era o comprador quem os pagava, favorecia a que se desse o encontro vendedor-comprador aqui. Já foi algumas vezes sugerido o argumento de que o clima da região de Sorocaba seria propício à realização das feiras por ser amenos e perfeitamente tolerável aos comerciantes dos dois extremos climáticos: o gaúcho e o nordestino – o certo é que o consumidor – preferia vir à feira de Sorocaba do que ir buscar os animais nas estâncias sulinas (JOB, 1983, p. 9).

Como apontado pela autora, a criação do Registro seria de grande importância para a instalação, em Sorocaba, da feira de muare. Isso somado também às características físico-naturais já levantadas anteriormente, pois

Sorocaba também se caracterizava como uma área de contato entre áreas que apresentavam características naturais distintas. Claro que esse ambiente não seria a única determinante da localização feira nessas terras, mas ajudaria na conveniência da mesma. O próprio clima ameno permitiria que vendedores e compradores, localizados em regiões extremamente distintas, não sofressem tanto com os extremos de temperatura que certamente encontrariam muito distantes de sua área de origem. Porém, sabe-se que não é possível acreditar unicamente num determinismo do ambiente sobre a organização e viabilização da feira. Aluísio de Almeida (1981) sobressalta, ainda, a importância fundamental que o Registro de Sorocaba teria para a instalação da feira, afirmando que a fundação do mesmo junto ao Rio permitia o encontro entre indivíduos de áreas naturais diferentes. Segundo ele, o comprador é que pagava os impostos sobre os animais, tornando, então, conveniente o encontro entre eles no Registro de Sorocaba.

Importante também é perceber que nessa época, eram poucos os núcleos populacionais de certa expressão que localizavam no caminho entre os vendedores e compradores. Sorocaba se constituía num núcleo urbano que poderia fornecer certa assistência a uma quantidade de pessoas que passariam a convergir para aquela área. Straforini (2001) afirma, ainda, que os núcleos urbanos seriam de fundamental importância, pois forneceriam bens necessários às tropas, bem como desenvolviam uma agricultura de subsistência que seria fundamental para o abastecimento dessas tropas. Com tudo que foi apresentado, lançavam-se as bases para um salto qualitativo na inserção de Sorocaba dentro do contexto do tropeirismo.

Antes de comentar sobre a Feira de Sorocaba propriamente dita, cabe uma breve apresentação da ideia. Aluísio de Almeida (1981) afirma que as feiras seriam oportunidades para trocas de produtos com o encontro de regiões diferentes. Estariam, como ele menciona, ligada à dicotomia entre o sagrado e o profano, sendo que Feira seria a parte profana das festas religiosas. Esse tipo de feira, como menciona o autor, seria muito comum na Europa. No caso de Sorocaba, a religiosidade não parece ter sido o motivo que levou ao aparecimento da feira, mas sim a necessidade de abastecimento de animais para áreas economicamente mais prósperas. Não que a religiosidade não estivesse presente, mas ela se manifestava, como apresentado anteriormente, mais num sentido de religiosidade popular, não reconhecida e oficializada.

Straforini (2001) menciona que a data exata da primeira feira de Sorocaba ainda é desconhecida. Afirma que as especulações apontam para a primeira feira teria acontecido entre os anos de 1750 e 1788. Pois data de 1788 o mais antigo documento que faz referência à feira de Sorocaba.

Dada a instauração da Feira de Muares em Sorocaba, o fluxo de pessoas e animais que se dirigiam do sul em direção a cidade passa a crescer. A viagem até Sorocaba era bastante longa e contava com várias adversidades ao longo do caminho. Sabe-se que

Os tropeiros partiam das campinas gaúchas tão logo terminasse o inverno, quando os pastos, ressequidos pelas geadas, rebrotavam. Viajavam lentamente, parando mais nos locais em que as pastagens fossem melhores, como no sopé da Serra de Santa Catarina, menos onde houvesse escassez de capim. Isso fazia com que a mulada chegasse aqui em boas condições, o que propiciava melhores preços. Normalmente em fins de março as tropas já se encontravam nos campos que iam desde Sorocaba até Itapetininga, fechadas em um “encosto”. “Encosto era o nome que se dava a um lugar apertado entre dois rios, entre rios e montanhas, barranco ou matas cerradas, deixando apenas o lado da entrada para que os peões procedessem

a “ronda” contínua a fim de evitar o extravio de animais ou que se “entreverassem” com as tropas alheias. (VIEIRA, 1984, p.33).

Essa dinâmica passou a ser bastante comum, o que fazia com que o número de animais e tropeiros em Sorocaba aumentasse de ano para ano. Passava-se a estruturar-se ali toda uma cadeia de serviços para atender às necessidades tropeiras. Essa estruturação se dava em escala regional, através dos campos que eram alugados para engorda dos animais, e em escala local, através da dinamização e produção do espaço pelo tropeirismo em Sorocaba.

Ao redor de Sorocaba, a existência de campos naturais favorecia a instalação de tropas para ali permanecerem no trabalho de doma e engorda. Os campos de Itapetininga ficaram famosos por desempenharem essa atividade. Nesse local iam chegando as tropas, que se colocavam num *encosto*. Pela noite, havia aqueles designados a fazerem a ronda, para não se perder os animais. Os animais (e os Tropeiros) que podiam permanecer nesses campos por até dois meses, tinham na comida e na música (viola), o consolo para permanecer longo período ali parados. Era nessas áreas que juntavam e conviviam caboclos, camaradas, peões (hierarquia de tropeiros que não são o patrão) (ALMEIDA, 1981).

Logo que a feira tivesse início, saiam esses tropeiros em direção à Sorocaba a fim de negociar e vender suas tropas, já engordadas e domesticadas.

Os campos naturais localizados ao Sul de Sorocaba serviram de lugar de pouso e engorda das tropas. Assim, nos dois meses que antecedia a feira de Sorocaba, era possível encontrar um contingente muito grande de tropeiros e tropas nos campos que vinham de Itararé, Faxina (Itapeva), Itapetininga e

Sorocaba. Por conta do aglomerado de pessoas e do tempo que permaneciam, essas vilas começaram a se desenvolver para atender as necessidades dos tropeiros.

Quando chegava a época da Feira, quando já havia certa quantidade de pessoas (vendedores e compradores) que afluíam para Sorocaba e seu entorno, dava-se início a especulação dos animais para a compra dos mesmos. Os proprietários se dirigiam até a cidade e lá permaneciam em suas ruas, praças e botecos, conversando com os possíveis compradores para elogiar a tropa que havia trazido. A ideia era despertar no comprador o interesse em conhecer e adquirir os animais que estavam em pouso nos campos vizinhos à cidade (VIEIRA, 1984).

Essa prática poderia levar o potencial comprador a se dirigir a esses campos, onde os animais seriam apresentados. Haviam, ainda, os compradores mais incrédulos que preferiam, como comenta Vieira (1984), percorrer os campos vizinhos durante dias, semanas, e até mais de um mês, procurando um negócio que seja bastante rentável para aquele que busca os animais. Quando encontrava uma tropa que o agradasse, geralmente se informava com os peões sobre o dono da tropa, aquele responsável por fechar o negócio, e o encontrava na cidade para tabular o negócio.

A venda da tropa poderia ser feita de diversas maneiras, sendo que o comprador poderia escolher, por exemplo, apenas os melhores animais. Porém, uma prática bastante peculiar e que foi largamente utilizada na época consistia no corte. Esta prática consistia no trotar e rodar da tropa pela ordem do tropeiro, o que fazia com que ela se misturasse, permitindo que os animais bons e ruins se distribuíssem de maneira equitativa. Quando já encontravam-se

bastante remexidos, fazia-se com que a mula madrinha levasse os animais em fila de forma a passar pela frente do tropeiro e do comprador, que a tudo assistiam. Isso permitia que o comprador pudesse contar a quantidade de mula que desejasse, distribuídas aleatoriamente. Quando atingia-se o número desejado de mulas, procedia-se com o corte, que desviava as mulas restantes para o outro lado do pasto, separando-as dos animais que o comprador estava adquirindo (VIEIRA, 1984).

Dada a venda da primeira tropa, iniciava-se “oficialmente” a Feira de Sorocaba. Então, sabia-se do início da feira “ouvindo-se por todos os lados na vila: rebentou a feira! Rebentou a feira!” (ALMEIDA, 1981).

As feiras de Muares de Sorocaba serão de extrema importância dentro do contexto maior do Tropeirismo. Essa importância somada ao fluxo de pessoas e animais que afluíam para Sorocaba irá transformar significativamente o espaço da vila, configurando o perfil da cidade de Sorocaba.

O cotidiano das feiras de muares levava a uma dinamização do espaço e da economia local. De acordo com Vieira (1999), Sorocaba, no início do século XIX contava com cerca de 12 mil habitantes. Nos meses da feira, esse número chegava a dobrar, Essa grande quantidade de pessoas permitia o aparecimento de serviços para atender os tropeiros e as pessoas que para lá se dirigiam.

A diferenciação social entre os peões também aparecia em época de feira. Os peões mais humildes acabavam se hospedando junto às tropas e contentavam-se com as barracas montadas nos campos. Já os peões mais abastados, também os donos de tropas, acabavam se dirigindo para a cidade e

lá permaneciam na casa de amigos ou, ainda, alugavam quartinhos nas residências. Essa situação permitia, ainda, que muitos sorocabanos deixassem suas casa, indo hospedar-se na casa de parentes, para disponibilizá-las aos tropeiros mais abastados (VIEIRA, 1999).

Outro serviço que aparecia era o de preparação e venda de alimentos. Como os tropeiros passavam muitos meses viajando comendo o feijão, a carne seca e a farinha, era natural que quando chegassem estivessem interessados em experimentar novidades culinárias. Assim, as matronas sorocabanas e suas escravas cozinhavam os mais variados quitutes e enviavam seus escravos para vendê-los pelas ruas da cidade. Havia uma variedade bastante grande de quitutes sorocabanos. De salgados, podemos citar o cuscuz de guaru, os bolinhos de peixe do rio Sorocaba, os bolinhos de arroz, entre outros. De doce, haviam as balas caseiras, as brevidades, os sequilhos, as rosquinhas de polvilho e, principalmente, o alfenim de coco (VIEIRA, 1999).

Também, além do comércio de alimentos, como exposto acima, Sorocaba apresentava uma série de produtos para serem oferecidos aos tropeiros. Dentre esses, as peças de arreamento, redes tecidas pelas matronas o ano inteiro, além de de roupas encomendadas aos alfaiates, e toda sorte de produtos que eram oferecidos aos viajantes.

Vieria (1999) afirma ainda que além de produtos oferecidos aos tropeiros, Sorocaba passava a apresentar, também, uma série de atividades e pessoas que muitas vezes buscavam aproveitar da situação. De acordo com ele

[...] havia um fluxo muito grande de pessoas de má índole, prontas a se aproveitarem da fé pública, como só acontece em todas as aglomerações de pessoas endinheiradas. Assim é que para cá vinham jogadores de cartas ou de outras espécies de jogos de azar, malandros de todas as espécies que “depenavam” os incautos que lhes caíssem nas garras e, principalmente “mulheres de vida alegre que estendiam suas salvas a pedir esmola para esta ou aquela promessa”, mas interessadas principalmente em coisas obscuras (VIEIRA, 1999, p. 48).

Como acima exposto, a aglomeração de pessoas que Sorocaba apresentava durante os meses de feira permitia o aparecimento de atividades, lícitas ou ilícitas, que atendiam os anseios dos viajantes que aqui chegavam. Além disso, com a disponibilidade e o mercado para uma grande quantidade de produtos, alguns comerciantes de Sorocaba começavam a ter a oportunidade de enriquecer-se.

Ainda, de acordo com Vieira (1999), essa situação permitiu o desenvolvimento de um incipiente indústria caseira, sendo que alguns produtos passaram a ter notoriedade, como era o caso da rede sorocabana, as facas e facões que eram produzidos na cidade, além dos arreios que também eram bastante disputados.

O fato dos viajantes encontrarem-se durante boa parte do ano no percurso até Sorocaba fazia com que esses chegassem a Sorocaba ávidos por novidades. Também, há de se considerar que nem todas as cidades e vilas ao longo do caminho tinham a mesma expressão e pujança que Sorocaba apresentava.

A aglomeração de Sorocaba conferia à cidade uma notoriedade, pois não eram todas as vilas que contavam com a uma quantidade de habitantes e de serviços como os que tinham na cidade.

Aluísio de Almeida descreve a dinâmica que encontrava a cidade naquela época, mostrando que

A cidade, como se pode fazer ideia, prazenteira e ruidosa, sobrepuja a muitas capitais de províncias. As ruas são cruzadas por uma multidão de cavaleiros que interrompem o sossego público com o repicar das ferraduras dos animais que batem fortemente sobre as calçadas. As casas ficam apinhadas de gente de fora e por um aluguel fabuloso, a ponto de excitar a cobiça de alguns indivíduos mais necessitados, que alugam, também, as suas propriedades, passando a residir por alguns dias em pequenos casebres mais baratos ou com seus amigos e parentes. [...] Os espetáculos abundam, os divertimentos redobram-se, as despesas crescem e o dinheiro gira em grossas somas. [...] Aqui e ali, vêem-se os grupos de pessoas a pé, umas conversando em altas vozes, e outras lendo cartazes pelas esquinas, pregados naquele instante, ao som da música e do estrépito dos foguetes; compradores e vendedores, uns a desfazer negócios quase concluídos e outros a falarem mal da fazenda alheia para engranderem as suas tropas, dizendo com orgulho que sua mulada é de flor, redondinha e gorda, de berro grosso, bico arcado e rastro grande; expressões estas empregadas pelos vaqueiros monarcas das coxilhas. (ALMEIDA, 1945, p.146)

Da forma como foi apresentado acima, é possível entendermos um pouco de como se estruturava e se vivia nesse fervilhão que era Sorocaba na ocasião das feiras de muares. Assim, a cidade apresentava uma importância que estava refletida na grande circulação de pessoas e serviços, os mais diversos, para atender aos tropeiros, dos mais humildes aos mais abastados.

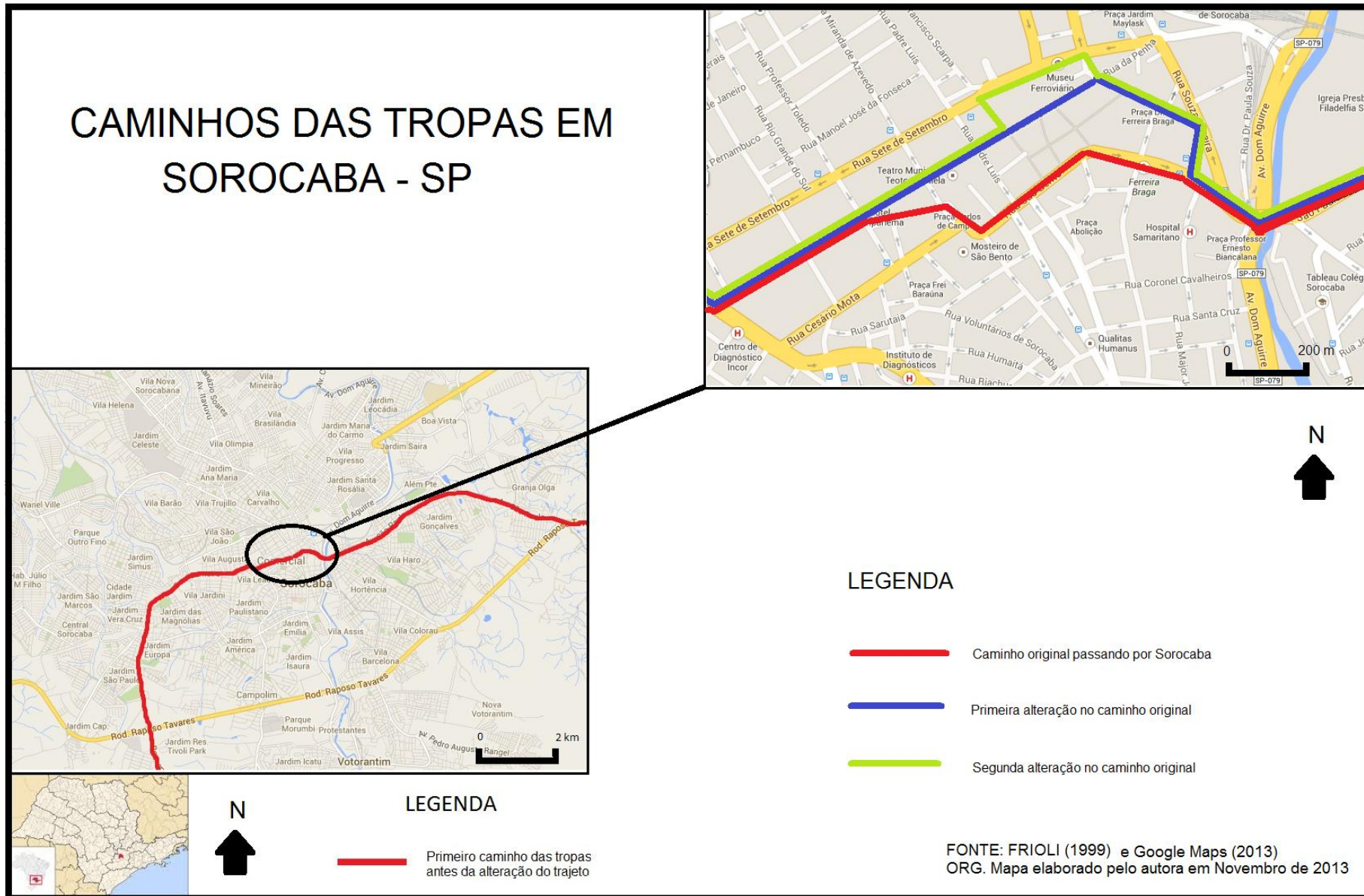
Com toda essa agitação que tomava corpo na cidade de Sorocaba, era possível encontrar ali um espaço de sociabilidade que reduzia os limites entre o sagrado e o profano no sentido de permitir um comportamento lúdico aos tropeiros e pessoas dos negócios. Dentre as diversões sagradas, podemos destacar as comemorações do Divino Espírito Santo, que aconteciam nas “Folias do Divino”, onde cantadores levavam a bandeira do Divino de bairro em bairro, cantando e coletando esmolas. Também, a quermesse da semana da festa também era uma forma de distração. Na quermesse, as prendas que

eram doadas pela população eram leiloadas, ajudando também a angariar dinheiro. Também acontecia, nessa semana, a missa de domingo e a procissão que percorria as principais ruas da cidade. Dentre os divertimentos profanos, podemos citar a Cavalhada, quando os Sorocabanos tinham a chance de demonstrar suas habilidades com os cavalos. Essas aconteciam, a princípio, na atual Praça Coronel Fernando Prestes, porém, mais tarde, na atual Praça Frei Baraúna. Também aconteciam os circos de cavalinhos e as corridas de raia, bem como o Teatro que realizava algumas poucas apresentações. Haviam, ainda, os artistas (músicos) itinerantes, que se apresentavam pelas ruas e praças da cidade (VIEIRA, 1999).

Importante ressaltar que essas dinâmicas espaciais acabavam por se territorializar, também, e produzir o espaço da cidade. A própria expansão da malha urbana de Sorocaba se fez levando em consideração, tomando a priori, os caminhos pelos quais passava as tropas. Assim, os animais circulavam, inicialmente pelas ruas que hoje recebem os seguintes nomes: General Carneiro, Penha, 13 de maio, São Bento e XV de novembro (Figura 5). Após a primeira mudança de trajeto, passaram a transitar pelas ruas Penha, Monsenhor João Soares e XV de Novembro. Posteriormente, faziam o trajeto Penha, Benedito Pires, Álvaro Soares, Monsenhor João Soares e XV de Novembro. Essas ruas que hoje são de grande circulação e de grande importância dentro da malha viária Sorocaba, foram abertas e utilizadas, primeiramente, para o tráfego de animais. As praças Ferreira Braga e Artur Fajardo eram largos das Tropas. Ainda, no bairro “Além Ponte”, o acesso se dava pela atual Avenida São Paulo, chegando na Padre Madureira e Major

Barros França, de onde iniciava a estrada para São Paulo, que bifurcava nos campos do Pirapitingui para Itu (FRIOLI, 1999).

# CAMINHOS DAS TROPAS EM SOROCABA - SP



**Figura 5.** Mapa do primeiro caminho das tropas que atravessava Sorocaba  
**FONTE:** FRIOLI (1999) e Google Maps (2013)  
**ORG:** Mapa elaborado pelo autor em Novembro de 2013.

Também é importante destacar a importância do Tropeirismo na configuração da identidade de Sorocaba e de sua região. Assim, como aponta Mattos (1983) a vivência do povo desta região com o tropeirismo irá ligá-lo com as raízes e memória do rural. A própria tradições rurais, ligadas às cavalgadas, bem como as danças e festas típicas do meio rural refletem, de certa forma, uma construção do imaginário pela tropeirismo. Apesar do município e sua região apresentarem boa parte de sua população, hoje, na área urbana, essas tradições têm sido mantidas e incentivadas. Continua-se a interessar tudo que representa a sabedoria tropeira, desde a lida com os animais, até a cozinha, artesanato, músicas e danças típicas (MATTOS, 1983).

Essa cultura e imaginário tropeiro também foram construídos na cidade a partir de algumas instituições e pessoas que favorecem a salvaguarda e divulgação dessas histórias, costumes e hábitos tropeiros. A seguir, discutiremos a importância de algumas instituições/organizações na construção do imaginário e da memória tropeira local, em Sorocaba.

### **3.3 O imaginário tropeiro em Sorocaba.**

Neste momento, buscaremos trazer para a discussão a construção do imaginário local, com relação ao tropeirismo, tomando por base três instituições que através de sua forma de atuação, ajudaram a criar uma imagem de tropeiro e a transmiti-la. Passaremos, em seguida, a discutir brevemente essa questão, apontando as instituições e trazendo exemplos de como elas tem abordado a questão.

A ideia aqui não é fazer um levantamento sistemático sobre essas instituições para discutí-las de modo aprofundado. O propósito é o de trazer exemplos e tecer comentários que possam contribuir no sentido de identificar como essas instituições têm “lembrado” o tropeiro e o tropeirismo. Seria buscar fragmentos para construir uma noção da abordagem dada ao tema.

Para tanto, escolhemos três instituições que possuem tradição no estudo da temática e que possuem uma capacidade de reverberação desses conhecimentos. Escolhemos, portanto, o “Jornal Cruzeiro do Sul”, a “Academia Sorocabana de Letras” e o “Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba”.

### 3.3.1 O Jornal Cruzeiro do Sul.

O Jornal Cruzeiro do Sul é o jornal de maior circulação na cidade de Sorocaba e em sua região, sendo um veículo de cultura e informação dos mais influentes. De acordo com o site do próprio Jornal, a sua fundação se deu em 12 de junho de 1903. É um jornal que conta com um pioneirismo, pois foi o primeiro jornal do interior a adotar o sistema de impressão off-set e também o primeiro a adotar os computadores, ao invés da máquina de escrever (Jornal Cruzeiro do Sul, 2013).

O Jornal pertence hoje a Fundação Umbaldino do Amaral (FUA), sendo que esta nasceu em 31 de julho de 1964, na Loja Maçônica Perseverança III. No ano de 1963, Hélio da Silva Freitas, membro da família fundadora do jornal, resolveu vendê-lo a Paulo Pence Pereira, que chamou outros membros da Loja

Maçônica a avalizarem os títulos de garantia e contribuírem com uma quantia mensal. O convite foi atendido por 21 maçons, que instituíram a Fundação escolhendo como patrono o Maçom Umbaldino do Amaral Fontoura (1842-1920), que atuou como jornalista em Sorocaba (FUA, 2013).

A Associação Paulista de Jornais (APJ) fez um levantamento apontando que em dias úteis, a tiragem do jornal é de cerca de 30 mil exemplares e de 33 mil exemplares aos domingos. Além de Sorocaba, o jornal possui distribuição em mais 17 cidades da região, o que demonstra seu potencial como formador de opinião e como transmissor de cultura (APJ, 2013).

O jornal possui duas formas de acesso ao seu acervo, uma por meio do acesso ao arquivo físico do jornal, localizado no Bairro Bela Vista em Sorocaba, outra por meio digital. O Jornal mantém, hoje, um acervo que pode ser acessado pela internet. Esse acervo digital é uma iniciativa do projeto memória, desenvolvido pelo jornal.

Através da consulta tanto no arquivo físico do jornal, quanto pelo digital, no projeto memória, foi possível verificar algumas abordagens mais recorrentes com relação ao tema. Para operacionalização, no arquivo físico, escolhemos por recolher algumas reportagens a partir da década de 1970, pois a quantia de material sobre tropeirismo se avolumava a partir daí. No acervo digital, demos preferência para as publicações mais recentes, a partir do ano 2000. Porém, reiteramos que não é a intenção desse trabalho fazer um levantamento sistemático e aprofundado sobre esses documentos históricos, mas sim perceber a abordagem que se dá ao tropeirismo. Portanto, escolhemos por trazer alguns exemplos e extratos de textos que pudessem testemunhar a favor dessa discussão.

Nota-se que um dos temas mais frequentes das reportagens e especiais dedicados ao tropeirismo é com relação à exaltação de alguns tropeiros. Esses são tomados, geralmente, como heróis e desbravadores pelas reportagens. Há até uma série publicada pelo próprio Aluísio de Almeida que descreve alguns personagens ligados ao ciclo do tropeirismo. Essa série é intitulada de “Alguns Tropeiros Sorocabanos” e foi publicada no ano de 1976.

Na edição de 10/10/1976, o jornal apresenta um pouco da vida e aventuras do Tropeiro Francisco de Mascarenhas Camelo. O jornal coloca que

*Francisco de Mascarenhas Camelo foi um tropeiro negociante de animais. Corajosa era também a sua esposa dona Gertrudes de Mascarenhas Martins, que o acompanhou quando foi vender tropas na Bahia, por maus caminhos [...] Junto ao rio Jequitinhonha ai por 1848 nasceu-lhes o filho, a quem deram o nome de Bento de Mascarenhas Jequitinhonha, como lembrança. O vigário de uma paróquia próxima que o batizou enviou à Matriz de Sorocaba o assentamento do batismo. Outra curiosidade: o sorocabano e sua mulher que serviram de padrinho e madrinha também eram valentes. O tropeiro e o novo compadre que devia ser a capataz, levaram as esporas por esses brasis a dentro. Assim uma mulher servia de companheira a outra [...] O nosso tropeiro Franciso fixou-se depois no longínquo Passo Fundo (RS) e com o outro irmão, partiu como voluntário para a guerra do Paraguai, onde ambos faleceram gloriosamente (Jornal Cruzeiro do Sul, edição de 10 de outubro de 1976).*

Pela passagem acima, extraída de reportagem do Jornal, notamos o tom heróico que é atribuído ao tropeiro mencionado. Assim, quando a figura do tropeiro aparece, principalmente o sorocabano, sempre se exaltam sua aventuras, seus desbravamentos pelo Brasil. Ele é sempre colocado como herói e pioneiro da conquista de novas terras e sempre disposto a percorrer longos caminhos, por mais difícil que possa se apresentar.

Ainda, dentro dessa série de 1976, outro fragmento sobre o tropeiros notáveis diz o seguinte:

*Agora o tropeiro de loja mais notável foi, um pouco mais tarde, o comendador Francisco Lopes e Oliveira, filho do primeiro Antonio Lopes de Oliveira e irmão do segundo e de Manuel Lopes de Oliveira, o pioneiro da tecelagem mecânica da chácara Amarela [...] Como poderei dizer sem os documentos que ele viajou para o sul. Mas negociou não só com loja para a tropeirada, mas também com tropa de cavalos e muares na feira. O seu sócio que aguentava duro as longas viagens era nem mais nem menos o progenitor de Umbaldino do Amaral, Francisco Chagas do Amaral Fontoura, casado com dona Gertrudes de Almeida Pilar. [...] Francisco Chagas foi um dos primeiros povoadores de Cruz Alta, onde eram todos tropeiros e se casou com uma filha dos fundadores [...] Em 1841 já morava em Lapa, onde nasceu Umbaldino. Para educa-lo veio morar em Sorocaba, à rua da Penha, onde deixava a esposa ensinando crianças (internato para as filhas dos tropeiros dos Campos Gerais) e partia para esse mundo aberto e sem porteiras. Em 1842 foi o guia de Rafard Tobias de Aguiar pelos atalhos dos caminhos, evitando-lhe a prisão (Jornal Cruzeiro do Sul, edição de 3 de Outubro de 1976).*

Mais uma vez notamos a exaltação de heróis do passado, como se estes pudessem representar a figura do sorocabano no passado. Essa abordagem heroica é bastante presente nesse periódico, revelando a necessidade de construção de uma imagem idealizada do homem tropeiro.

Porém, não são apenas os heróis do passado que são lembrados nessas reportagens. Há também de se destacar algumas reportagens que retratam personalidades contemporâneas das mesmas e que tiveram suas histórias marcadas pelo tropeirismo. Como exemplo, podemos citar a reportagem de 27 de maio de 1975, que aparece na 3ª página do periódico. Na verdade, a reportagem menciona a Semana do Tropeiro que acontecia em Sorocaba, mas dá uma especial atenção à figura de Alfredo “Tareco”. O título dessa reportagem é “Tropas nas ruas. Um homem chora por não poder montar”. O texto inicia da seguinte forma

*Sábado. Muitos montadores começam a arrumar a montaria para a “grande festa”. Uma vez por ano, ao menos, os animais vão tomar conta das ruas, substituir os automóveis, os escapamentos, às*

*buzinhas. [...] Sábado. Em Lopes de Oliveira, no “Bar do Tareco”, os comentários giram em torno do domingo. Dos animais. Dos tropeiros. Um homem ouve atentamente às conversas. Quer ter calma – mas o assunto lhe interessa. O corpo ainda doi. As mãos dos seus oitenta anos estão tremulas. A noite, ele vai chorar. Ter uma crise de nervos e precisar de um médico. Ele, o tropeiro. Ele, o símbolo da “Semana” que terminará no domingo. Alfredo Benedito Rosa, ou Alfredo de Pádua ou, ainda, “Tareco” – o homem que, orgulhoso, pela manhã se instalará no palanque oficial para receber uma homenagem. Embora não possa montar há três anos. Embora chore há três anos quando a “Semana do Tropeiro” está se aproximando” (Jornal Cruzeiro do Sul, edição de 27 de maio de 1975)*

Percebemos a importância que o periódico dá às figuras que viveram e lembram-se do tropeirismo. No caso acima exposto, a reportagem mostra a angústia de um tropeiro que já não pode montar, expondo a sua tristeza ao ver iniciar a Semana do Tropeiro, sendo que ele já não pode mais participar da cavalgada. O mesmo veiculou, também, a notícia da Morte de Alfredo “Tareco” na edição de 26 de março de 1978, dedicando quase o espaço de um quarto de página para anunciar a morte de “Tareco” em 24 de março daquele ano, numa sexta-feira. Também, é apresentada uma breve biografia revelando suas histórias de tropeiro.

A “Semana do Tropeiro” também é um tema bastante frequente no jornal. Essa é uma festividade para valorizar a cultura tropeira em Sorocaba e acontece anualmente no mês de maio. Dada a importância desse evento, que já foi maior no passado, mas que nota-se nos últimos anos uma revalorização, aparecem várias reportagens anunciando, apresentando e também fazendo o balanço geral da semana do tropeiro.

Como exemplo desse tipo de publicação, apresentamos a seguir a reportagem do dia 27 de Abril de 1978, intitulada “Está pronta a programação da XI Semana do Tropeiro”.

*O Serviço de Difusão Cultural da Prefeitura já elaborou a programação da XI Semana do Tropeiro, que será de 21 a 28 de maio agora. Um grupo de curureiros de Piracicaba vai abrir a Semana, a partir das 19:30 de 21, apresentando um espetáculo na Concha Acústica [...] No dia 23, haverá uma conferência no auditório da Escola Municipal de 1º e 2º Graus Getúlio Vargas, em torno do tema "Pesquisa de Folclore no Brasil. O grupo de Bento Palmiro fará uma apresentação de fandango na Concha Acústica, às 19:30 do dia 25 [...] A Semana tem prosseguimento com a apresentação do Rodeio Furacão (dia 27, às 14 horas em uma área próxima à ponte de Pinheiros) e a Missa dos Violeiros (mesmo dia, às 18 horas), praça coronel Fernando Prestes, seguida da apresentação de vários espetáculos folclóricos – como Folia de Reis, Congada, Catira e outros [...] Um desfile de cavaleiros vai encerrar a Semana do Tropeiro, dia 28 – que começará às horas no centro. Os cavaleiros irão até o Parque Municipal da Boa Vista, futuro centro administrativo da cidade. A concentração dos cavaleiros será no Feirão (Mangal). Após o desfile, haverá um churrasco para eles. O encerramento oficial da XI Semana do Tropeiro ocorrerá às 19 horas, com a apresentação do grupo folclórico gaúcho "Chilena de Prata" (Jornal Cruzeiro do Sul, edição de 27 de abril de 1978).*

Na reportagem acima transcrita, vemos o anúncio da programação da Semana do Tropeiro. Também é frequente aparecerem reportagens relatando os acontecimentos da semana. A Figura 6 apresenta uma reportagem do dia 17 de maio de 1999, relatando o desfile que abriu a semana do tropeiro daquele ano.

# Desfile de cavaleiros abriu ontem a Semana do Tropeiro

Um desfile de cavaleiros abriu, ontem pela manhã as comemorações da 32ª Semana do Tropeiro. O passeio teve a participação de cerca de 800 pessoas, começou na frente do Parque Natural "Chico Mendes" e seguiu até a capela do bairro Mato Dentro. No local, a festa dos cavaleiros continuou por toda a tarde. Na chegada, houve a bênção dos animais e a celebração de missa. Depois, foram realizadas churrasco e shows com artistas regionais. O desfile é uma iniciativa da Associação dos Tropeiros de Sorocaba, que se repete já há três anos. Desta vez, foi prestada homenagem especial para o falecido tropeiro Gumerindo, um dos mais antigos da cidade.

As comemorações da Semana do Tropeiro deverão se estender até o dia 30 e a programação, elaborada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, prevê ainda o Seminário Paulista de Estudos Tropeiros (de 26 a 29), a exposição "O Tropeirismo na Visão de Aluisio de Almeida" (17 a 24), o Leilão Tropeiro no Haras Queen e concurso e eleição da Garota Tropeiro (dia 22).

## Atividades culturais

Paralelamente, serão desenvolvidas atividades culturais e artísticas. Estão previstos a exposição "Ciclo de Tropeirismo" (de 24 a 28); apresentações do Grupo de Fandango "Tropeiros da Mata", de Tatui, e do Grupo de Violeiros "So-

rocaba" (24); espetáculo de danças no Centro de Tradições Gaúchas "Fronteira Aberta" (25); do Grupo "Fandango de Chilenas", de Capela do Alto, e Grupo Violeiros "Sorocaba" (26); Grupo Folclórico Festa e Folia do Divino Espírito Santo "Dona Laura Fonseca da Rocha", de Araçoiaba da Serra, e Grupo "Fandango de Tamancos", de Capão Bonito (27); "Recomenda das Almas", de Cesário Lange; apresentações de Braz da Viola e Orquestra de Viola Caipira, de São José dos Campos (28).

No dia 29, às 19h, no Parque Natural "Chico Mendes", haverá o Pouso Tropeiro e show de cururu. Dia 30, de 0h às 4h, show-baile tropeiro, com a dupla Ney e Gilberto e a Banda Onix. A entrada será franca. Às 9h, Desfile de Cavaleiros e, das 13h às 18h,

a Caravana de Artistas "Flor do Cafezal".

## Aluisio de Almeida

A Casa Aluisio de Almeida abre hoje a exposição "O Tropeirismo Segundo a Visão de Aluisio de Almeida", com fotos, ilustrações, textos, objetos e artigos sobre o Tropeirismo e sobre o Casarão Brigadeiro Tobias.

A exposição conta com apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEC) e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

A Casa Aluisio de Almeida fica na rua Ruy Barbosa, 84 - Além Ponte. A mostra fica aberta para visitação pública entre hoje e o dia 24 maio, de segunda a sábado, das 8h às 17h.

## Obra do Saae fechou a rua Padre Madureira

Uma obra do Saae impediu o trânsito no último quarteirão da rua Padre Madureira, próximo à ponte sobre o rio Sorocaba, ontem pela manhã. Para corrigir um problema de entupimento da rede de esgoto, foi aberta uma valeta que atravessou a pista e acabou desviando os veículos para as ruas periféricas.

O trabalho começou logo cedo e durou até as 14 horas, quando o asfalto foi recolocado no local. O movimento de carros era pequeno e não chegou a ser prejudicado, pois o desvio para as ruas laterais permitiu um bom fluxo.

A ligação subterrânea de esgoto de um estabelecimento entupiu e quebrou junto à rede.

**Figura 6.** Reportagem do Jornal Cruzeiro do Sul de 17 de maio de 1999  
FONTE: Acervo digital do Jornal Cruzeiro do Sul

Também pudemos notar a frequência de reportagens que retratam curiosidades sobre o tropeirismo e sua dinâmica. Podemos destacar, por exemplo, a reportagem de 24 de maio de 1979, que retrata a distorção que houve na construção da estátua do tropeiro. A reportagem com o título "Distorção histórica na estatua ao Tropeiro" afirma que "a estatua erigida por Sorocaba ao Tropeiro é Incoerente e apresenta grande distorção à realidade histórica, dado que apresenta um cavaleiro montado num belo corcel [...]" (Jornal Cruzeiro do Sul, edição de 24 de maio de 1979). A reportagem afirma que a distorção se dá pelo fato de que os cavaleiros montavam exclusivamente em mulas. Ainda, podemos citar reportagens que retratam o

cotidiano de Sorocaba no tempo das feiras, como a de 14 de agosto de 1977, intitulada de “A cidade no tempo das feiras”, que descreve como Sorocaba se organizava e se movimentava quando ocorriam as feiras de muares na cidade.

Com o que foi apresentado aqui, foi possível ter uma noção da forma como o tropeirismo e os antigos tropeiros eram representados no Jornal. Assim, a construção do tropeirismo como um ciclo econômico importante para Sorocaba e para a região, bem como a construção do herói tropeiro, são predominantes na publicação. No mais, as reportagens anunciam eventos ligados ao resgate da cultura tropeira, bem como apresentam sua programação e fazem seu balanço. Também foi possível constatar a concentração maior de reportagens e artigos sobre o tropeirismo nos meses de abril e maio, pois coincidem com a ocorrência das festividades tropeiras.

### 3.3.2 Academia Sorocabana de Letras – ASL.

Passamos, aqui, para uma breve discussão sobre a Academia Sorocabana de Letras e a forma como esta tem abordado a história e a temática tropeira em suas publicações. Pretende-se fazer um breve balanço sobre alguns dos membros que tem atuado na temática tropeira, trazendo breves comentários sobre suas publicações.

Antes de iniciar a apresentação dos acadêmicos e de suas obras, cabe ressaltar um pouco sobre a história dessa instituição e a forma como esta tem atuado. Ela foi fundada no dia 26 de maio de 1979, sendo que foi instalada já no dia 2 de junho daquele mesmo ano. A Academia Sorocabana de Letras é

uma associação civil sem fins lucrativos, composta por sócios efetivos, honorários e eméritos, correspondentes e benfeitores. Realiza mensalmente reuniões para apresentação de trabalhos sobre arte, letras e ciências humanas sendo que assessora voluntariamente o poder público sorocabano em questões como prêmios de literatura e jornalismo e, ainda, na organização de cursos e seminários ligados à Semana do Tropeiro. Atua também como centro de pesquisa e divulgação, publicando livros e plaquetas de interesse para cultura regional que são distribuídos gratuitamente para bibliotecas de universidades e instituições de ensino superior, academias de letras, institutos históricos e outras instituições de interesse na propagação da cultura regional (ASL, 2013).

Geraldo Bonadio, atual presidente da Academia Sorocabana de Letras, na coletânea de textos “O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil”, publicada pela Prefeitura Municipal de Sorocaba em 1999, já colocava a importância atual dos estudos sobre o tropeirismo. Essa coletânea, organizada em ocasião da comemoração da 32ª Semana do Tropeiro de Sorocaba, traz um texto do presidente da ASL em que ele discute a atualidade importância do estudo do tropeirismo, focando a atenção na Semana do Tropeiro de Sorocaba como importante evento ligado ao resgate da cultura tropeira, bem como em autores que têm trabalhado dentro da temática em algumas cidades formadas a partir do tropeirismo no sul do Brasil. Essa abordagem já denota a importância que este tema tem dentro da estrutura da Academia Sorocabana de Letras.

Porém, as atenções nesse momento estarão centradas em duas produções da Academia Sorocabana de Letras sobre o Tropeirismo. Serão

apresentados os autores, membros da academia, apontando, brevemente, a temática dos textos contidos nessas duas edições, que são coletâneas com a temática tropeira. São elas “O tropeirismo e a identidade cultural da Região de Sorocaba”, de 1983, e também, “O tropeirismo e a formação do Brasil” de 1984.

*Geraldo Bonadio*, dentro dessas publicações, possui dois textos discutindo a temática. Ele é titular da cadeira número 9 da Academia Sorocabana de Letras, cujo Patrono é Paulo Setúbal. No primeiro texto, de 1983, intitulado “Cultura erudita e cultura popular: a contribuição do tropeirismo”, o autor faz um contraponto do tropeirismo enquanto formador de cultura popular. Nesse texto, o autor levanta aspectos da construção da identidade através da cultura tropeira, através do que ele chama de cultura do fazer e cultura do saber. Discute ainda, a apropriação pelo tropeirismo de uma cultura erudita, transformando-a de acordo com as vicissitudes colocadas pelo local. Estaria, então, a identidade dos grupos ligada a essas questões culturais colocadas. No segundo texto, de 1984, “o Tropeirismo e a formação do Brasil”, discute a importância dessa atividade na integração do país, bem como para o modelado da fronteira meridional. Trabalha, então, dentro de uma perspectiva que coloca o tropeirismo como atividade que permitia expansão de fronteiras, culturas, forjando identidades.

Mario Mattos, titular da cadeira número 27 da ASL, que tem como Patrono João Simões de Lopes Neto, atuou em duas perspectivas. Primeiramente discutiu no texto “Fases de prosperidade e de declínio do Tropeirismo” as fases mais importantes dessa atividade. Discutiu, então, o tropeirismo no Brasil Colonial, passando pelo Império e, posteriormente, o

tropeirismo no Brasil República (séc. 20). Esse texto aponta as fases mais importantes do tropeirismo até a sua decadência no século passado. Ainda, o autor publicou em 1984 o texto “Tropeirismo e a Identidade Cultural da Região de Sorocaba”, onde ele mostra os pormenores da atividade tropeira a forma como esta acabou por configurar a Cultura e a Identidade da população da região de Sorocaba, que esteve, no passado, imensamente ligada à atividade tropeira.

Adolfo Frioli, titular da cadeira número 8 da ASL. Tem como patrono Antonio Francisco Gaspar. Também está representado nas duas publicações com dois textos. No primeiro, “A Feira de Muáres de Sorocaba”, Frioli (1983) aponta o surgimento da Feira de Muares de Sorocaba e sua dinâmica, mostrando que durante a realização desse evento a cidade de Sorocaba se transformava pela quantidade de pessoas que para lá se dirigiam. No texto “O cotidiano do Tropeirismo pelo Brasil”, Frioli (1984) toma os relatos de alguns viajantes que passavam pelas áreas por onde haviam tropas e, a partir desses relatos, busca reconstruir o dia-a-dia do tropeiro nas viagens e paradas.

Rogich Vieira, titular da cadeira número 22, que tem como patrono D’Abreu Medeiros, discutiu primeiramente a integração do Brasil a partir da atividade tropeira, no texto “O papel do Tropeirismo na integração cultural do Brasil”, mostrando como a cultura brasileira é bastante marcada por esse tropeirismo, que se desenvolveu por grandes extensões territoriais. Posteriormente, a análise de Vieira (1984) centra-se nas feiras de Sorocaba, mostrando no texto “A Feira de Muares de Sorocaba”, a maneira como esta funcionava, bem como as estratégias desenvolvidas por compradores e vendedores para conseguirem melhores negócios.

Sérgio Coelho de Oliveira é titular da cadeira número 17 e possui como patrono Gonçalves Dias. No texto de 1983 intitulado de “O Tropeirismo após as Feiras de Sorocaba”, discutindo o fim da feira com o advento da Febre Amarela que abateu Sorocaba, bem como as novas possibilidades para transporte que passavam a surgir com as ferrovias e rodovias. Em 1984, publicou na coleção o texto “A memória do tropeirismo nos bairros rurais da região de Sorocaba”, mostrando no nome dos lugares, e nos termos usados por sua população, heranças do tropeirismo. Esse texto aponta também hábitos e costumes nas cidades de hoje que foram rota de tropeiros.

Por fim, Vera Ravagnani Job, titular da cadeira número 33 que tem como Patrono Aluísio de Almedia. A autora contribui com duas publicações também, sendo que no ano de 1983, ela publica o texto intitulado “Origens e Importância do Ciclo do Tropeirismo”, onde ela discute a origem das tropas cargueiras na Hispano-América, passando para a descoberta do ouro nas minas e a necessidade de transporte que viria a ser suprida pelas tropas. Passa, então a discutir a formação dessas tropas, entre arreadas e xucas, para mostrar a aventura na transposição de longas distâncias até as feiras e de lá para as minas. Discutiu também as feiras de Sorocaba e a atual Semana do Tropeiro. No outro texto, “Algumas considerações sobre o Ciclo do Ouro e o Tropeirismo”, Job (1984) trabalha na mesma linha, porém foca as atenções na descoberta do ouro e na necessidade criada de transporte de ouro e outras mercadorias.

Portanto, como foi observado, alguns membros da Academia Sorocabana de Letras tiveram parte de suas publicações dedicadas a temática tropeira. Longe de tecer comentários e análises mais aprofundadas sobre

esses textos, a ideia nesse momento foi a de apresentar esses titulares e permitir um panorama sobre suas publicações, a fim de entender a tônica dada à questão por esta instituição que tem atuado na construção e perpetuação da memória tropeira em Sorocaba e região.

### 3.3.3 O Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba – IHGGS.

Outra instituição bastante importante para a preservação da história local é o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Esse foi fundado por Luiz Castanho de Almeida (Aluísio de Almeida), no dia 03/03/1954. O Instituto funciona, atuando na área de História e Geografia, há 59 anos (IHGGS, 2013).

Passamos a dar destaque primeiramente em obras produzidas por membros do Instituto que retratam o tropeirismo. Essas serão apresentadas brevemente, buscando estabelecer um panorama sobre as discussões ali presentes. Posteriormente, passamos para uma entrevista realizada com o atual presidente do Instituto, o Professor Adilson Cezar.

O membro do Instituto que mais atuou na produção de trabalhos voltados ao tropeirismo foi seu próprio fundador, Aluísio de Almeida. Nascido em 1954, na cidade de Guareí, Aluísio de Almeida foi estudar em Botucatu, no Ginásio Diocesano, de onde passou para o Seminário Diocesano, sendo ordenado por Dom Aguirre, bispo de Sorocaba, em 9 de maio de 1927 (IHGGS, 2013). Sempre se interessou pela história local e regional de São Paulo, tendo diversos livros e artigos publicados dentro dessa temática. Aqui, centraremos

brevemente nossas atenções em duas dessas publicações. A primeira, a obra “Vida e Morte do tropeiro” e, posteriormente, “História de Sorocaba”, que possui um capítulo dedicado ao tropeirismo em Sorocaba.

A primeira obra citada, “Vida e Morte o Tropeiro”, é um levantamento sobre a origem dessa atividade em Sorocaba a partir da instalação do registro de animais. Posteriormente, o autor se volta à discussão dos usos e costumes da época do tropeiro. O autor faz seu trabalho baseado numa pesquisa bastante aprofundada em documentos históricos, centrando suas atenções quase que exclusivamente nos mesmos. Ainda, discute também como se dava a dinâmica das feiras, bem como o uso e os costumes tropeiros. Essa obra talvez seja a mais volumosa e mais aprofundada pesquisa de um membro do Instituto sobre o tropeirismo, sendo que Aluisio de Almeida dedicou grande parte de seu trabalho ao tropeirismo. Esse livro foi inspirado na obra de Alcântara Machado, sobre o bandeirante, onde o autor descreve traços da cultura paulista marcada pelo bandeirantismo. O autor sentiu a necessidade de fazer a mesma investida com relação ao tropeirismo, marcando sua dinâmica e apontando os traços culturais que foram herdados dessa época (ALMEIDA, 1981)

Outra obra do autor, “História de Sorocaba”, se dedica a apresentar a origem e desenvolvimento de Sorocaba. Portanto, não seria possível fazer essa investida deixando de fora o tropeirismo. Há um capítulo, na obra, dedicado à temática. Porém a discussão é menos densa e apresenta o tropeirismo no que ele coloca como primeira fase, que vai de 1733 a 1822. Nessa, o autor busca associar a importância da atividade na história de Sorocaba, na sua origem e desenvolvimento. Ainda, na obra, há a exaltação de

alguns tropeiros que foram considerados importantes figuras dentro da história de Sorocaba (ALMEIDA, 2002).

Também para identificar a posição do Instituto com relação a história do tropeirismo e seu resgate, foi realizada, no dia 03/03/2013, uma entrevista com o presidente Adilson Cezar. Essa entrevista buscou entender como o Instituto entende e atua com relação a história tropeira em Sorocaba a partir de seu representante maior.

Adilson Cezar é Sorocabano e membro do Instituto Histórico desde 1965. Ingressou no curso de História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba no ano de 1967. Sua filiação ao Instituto é, portanto, anterior ao seu ingresso curso superior de História. Exerce a função de presidente do Instituto há 23 anos (CEZAR, 2013).

O presidente ainda nos relatou a importância de estudar a história local e regional. Segundo ele, a maioria dos cursos de História são voltados à História Geral, sendo que ele acredita que é na História Local que o pesquisador pode atuar, pois é nessa escala que ele pode encontrar material, interagir, fazer críticas e estudos (CEZAR, 2013). Essa passagem já demonstra o interesse do presidente do Instituto em focar as atenções na História regional que, segundo ele, seria a base para o estudo do pesquisador em História.

Com relação à valorização de sua história pela população Sorocabana, Adilson Cezar menciona que

*Infelizmente a população está distante da sua história, aonde a maior parte da população desconhece a sua história, seja por deficiência/dificuldade educacional ou mesmo com a oportunidade, se mantém alheio a ela. No entanto, há grandes exceções, pessoas atuantes, e que gostam da história de nosso município, e graças a estas pessoas é que se pode desenvolver o nosso trabalho. Àqueles,*

*no entanto, que vem de fora, com os nossos monumentos não tem com eles qualquer ligação afetiva, apego. Enquanto não for realizada uma veiculação entre o indivíduo que está aqui, com a realidade, com aquilo que existe, ele continuará desprezando, continuará havendo o vandalismo, com a violência urbana (CEZAR, 2013).*

Essa passagem da entrevista retrata a preocupação do presidente com a apropriação da história local por sua população. Então, de acordo com ele, é preciso criar uma afetividade da população com relação ao seu passado, para essa aprenda a valorizá-la e a mantê-la. Ele afirma ainda que o Instituto tem grande importância na manutenção da história de Sorocaba. Afirma que Aluísio de Almeida, fundador do Instituto, ao escrever a história local, deu uma identidade ao povo sorocabano, possibilitando inclusive a valorização e o resgate da cultura tropeira na região.

Quando perguntado ao presidente sobre a importância do tropeirismo para Sorocaba, ele menciona que

*O tropeirismo foi importante não só para Sorocaba e região, mais sim para o Brasil, e ainda há muito que se escrever, que se resgatar sobre ele, uma vez que nós não temos a nossa disposição escritos acerca do mercado interno da época colonial e imperial, sendo o tropeirismo quem representou este mercado interno. O trabalho feito pelo Monsenhor foi muito, porém, ainda é pouco perto do contexto, visto que Sorocaba era o centro das feiras dos muares, dos rebanhos que vinham do Rio Grande do Sul para cá, e dos comerciantes que vinham das Minas Gerais e do Rio de Janeiro para comprarem aqui. Há, no entanto que estudar todo o mecanismo e capital envolvido neste movimento, pois graças a tal capital, que posteriormente tivemos a lavoura de algodão bem como o início do processo de industrialização, o desenvolvimento da estrada de ferro da sorocabana, o desenvolvimento das ações mineiras, como o esgotamento para o porto de Santos (CEZAR, 2013).*

Notamos há uma preocupação do presidente do Instituto com relação a pesquisas sobre o tropeirismo e as possibilidades abertas com essa atividade.

De acordo com a passagem acima, notamos que esse aponta para a necessidade de pesquisas sobre a estruturação de Sorocaba a partir dessa atividade que foi bastante intensa e importante. Também, ele afirma que existem na cidade iniciativas por parte de instituições e do poder público para lembrar (memória) o tropeirismo, porém esses eventos são muitas vezes transformados em grandes eventos para cultura de massa, atraindo pessoas e atrações que não estão preocupadas com o resgate da cultura tropeira.

Com relação à atuação do Instituto no resgate da cultura tropeira, e as atividades que vem sendo desenvolvidas, o presidente diz que

*É uma atividade pequena, porém, como o Instituto Histórico não possui fins lucrativos, muitas vezes falta recursos. Contamos com inúmeros associados, que nos auxiliam com seus recursos particulares, tais como a Professora Vera Job, porém hoje enfrenta alguns problemas de saúde não mais condições de se manter tão ativa. Temos também o jornalista Sérgio Coelho, que é muito atuante na área do Tropeirismo. Hoje dependemos do envolvimento de nossos associados (CEZAR, 2013).*

Percebemos que alguns membros do Instituto atuam mais de forma isolada. Pelas condições que foram colocadas pelo presidente, o Prof. Adilson Cezar, não existe uma atuação em conjunto dos membros do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba. A sua atuação com relação ao resgate da cultura e à memória tropeira se dá, sobretudo, através da atuação de alguns de seus membros que contribuem com seu acervo pessoal. Esses membros também veiculam seus textos em outros meios de comunicação, como jornais e folhetos.

## CAPÍTULO 4. O CAMINHO ITARARÉ-SOROCABA: MEMÓRIAS DE TROPEIROS

Bérgson (1959) é um dos autores referência para os estudos sobre memória. Numa abordagem vinculada à psicologia, Bérgson (1959) traz a noção de corporeidade ao tratar que as imagens que o indivíduo evoca do passado trazem consigo a noção de corpo, e sua interação com o ambiente em que se encontra. Dessa forma, o corpo para Bergson toma um lugar central dentro de sua teoria sobre a memória, e ele chega a propor que o indivíduo e o ambiente se relacionam na forma a haver um movimento de ação e reação do corpo ao seu ambiente.

Assim, o caminho levaria o estímulo do ambiente ao cérebro, na forma de sensação, e este devolveria na forma de ação. Porém, este percurso pode não se realizar por completo, pois as sensações levadas ao cérebro podem não serem restituídas aos nervos e músculos, não se configurando em reação. Quando isso acontece, quando este estímulo “fica” no cérebro, este tenderia a formar esquemas de representação de forma que o caminho, antes *imagem-cérebro-ação*, passa agora a se configurar como *imagem-cérebro-representação*. No caso em que o estímulo na forma de sensação não conduz a uma reação imediata, este leva à configuração de um esquema perceptivo, mas nos dois casos há a dependência de um esquema corporal que vive no presente e que re-configura esse presente com as percepções adquiridas (BERGSON, 1959).

Na teoria de Bergson, quando o estímulo não é devolvido ao ambiente na forma de reação, abre-se a possibilidade para o surgimento de

pensamentos complexos, onde a indeterminação da ação precedente ao estímulo entra em cena. Assim, quanto maior o nível de percepção, maiores as indeterminações da ação consecutiva, o que revela certa diferença qualitativa que foge do esquema mecânico de estímulo e reação imediata.

Até então, as análises de Bergson estão pautadas dentro de um esquema perceptivo-corporal, que é presente e como tal permanece no atual. Porém, ao tratar do surgimento da lembrança do passado, o autor permite tratar de seu surgimento dentro dos esquemas da percepção que é dada pelo corpo presente. Assim, aponta que toda percepção está, de certa forma, também impregnada de lembranças, mostrando que estas acabam sendo afloradas de percepções de uma vida já transcorrida. No caso, a memória cumpriria uma função decisiva ao permitir uma relação do corpo presente com seu passado, ao passo que o presente também acaba se atualizando por meio dela. Bergson aponta a memória como uma possibilidade de conservação de estados psíquicos já vividos e que teria a função de limitar as indeterminações, permitindo ao indivíduo reproduzir formas de comportamentos que já foram eficazes. As experiências já transcorridas na vida do indivíduo formariam uma base de onde despontaria a lembrança quando solicitada por uma percepção do corpo no presente. Com isso, o autor também mostra que é do presente que vem o estímulo para o qual a lembrança é chamada a responder (BERGSON, 1959).

Bergson também chama a atenção para a questão da *memória - hábito* que seria aquela que o corpo guarda esquemas de comportamento que é dado de forma rotineira. Seriam esquemas mecânicos de ação que são dados pela necessidade prática da memória que vem atrelada à nossa socialização dentro

de uma cultura que preza pelo trabalho social. Por outro lado, também há a lembrança livre, autêntica e independente de mecanismos prontos dados pela *memória - hábito*. Nessa, não há a incorporação da necessidade utilitária da memória, então ela pode evocar lembranças que restituem de forma mais veemente o passado. Os esquemas mecânicos da memória acabam suprimindo as possibilidades do passado conservado e latente vir à tona na forma de lembrança, porém o autor mostra que elas estão guardadas e prontas para serem atualizadas pela consciência (BERGSON, 1959).

O autor Maurice Halbwachs (2006) traz importantes contribuições ao analisar a memória dentro de um contexto social, mostrando a importância dos grupos e comunidades que formamos na construção e atualização de nossas memórias.

Halbwachs (2006) mostra que muitas vezes buscamos relatos de outros para reforçar o que já sabemos ou que já temos informações. Muitas vezes, o outro nos auxilia na reconstituição mais elaborada do passado que temos em comum. Não é raro buscarmos auxílio com amigos, familiares e pessoas próximas para tentarmos reconstruir um evento que já não nos parece tão claro. Assim, nossas memórias não são individuais, mas sim coletivas e são lembradas por outros mesmo que se trate de fatos que apenas nós passamos, ou coisas que somente nós vimos. Isso é fácil de entender quando Halbwachs (2006) nos mostra o exemplo do viajante que vê tudo pela primeira vez, mas que, de certa forma, sua percepção das coisas está impregnada de relatos de outras pessoas que possam ter sugerido em uma conversa, ou até mesmo em um guia, a forma como as coisas devem ser entendidas. Se formos a uma cidade pela primeira vez certamente recolheremos informações sobre

ela antes mesmo de nossa chegada. Essas informações são impressões alheias que acabam por formar nossas percepções do lugar, que será reproduzido em nossa memória, em nossas lembranças do lugar (HALBWACHS, 2006).

A teoria de Halbwachs de certa forma atrela a memória individual a uma memória de grupo. Para que ela se mantenha, é necessário que o indivíduo partilhe de pontos em comum com o grupo que esteve inserido. Segundo o autor,

para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p.39)

Através dessa citação, notamos que o autor mostra que nossas memórias estão diretamente ligadas com a sociedade (grupo) ao qual fazemos parte. Se já não compartilhamos de semelhanças com determinado grupo, nossas memórias deixam de ser construídas com o mesmo e acabam por enfraquecer-se, pois as bases comuns que a garantiam se perderam.

Ecléa Bosi, em seu livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos” aponta, em uma passagem, o indivíduo como testemunha de seu grupo. Partindo também da teoria de Halbwachs, ela nos mostra que a memória coletiva acaba por se desenvolver a partir dos laços de convivência

do indivíduo com grupos como o de familiares, o de colegas de escola e de trabalho, grupo de uma determinada instituição religiosa, entre outros. Para a autora, “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado” (BOSI, 2009). Com isso, vemos na autora uma conformidade com a teoria defendida por Halbwachs (2006) sobre a importância do grupo para a conformação da memória coletiva. Também, como ressalta a autora, a memória individual se constituirá como um ponto de vista formado sobre a memória coletiva. Isso pelo fato de que outros fatores como a posição ocupada por determinado membro dentro de seu grupo, também influirá diretamente na memória do indivíduo, mesmo que partilhe de bases comuns de memória coletiva.

Assim, a autora também mostra que a memória coletiva estará garantida na medida em que o grupo ainda faça sentido para o indivíduo e esteja, em certa medida, ainda presente para ele. Sobre isso, comenta a autora que

As lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecermos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral...(BOSI, 2009,p. 414).

Com o trecho da autora acima mencionado, notamos que a mesma mostra a importância de fazer parte de um grupo para configurarmos uma

memória coletiva. Se isso já não é mais possível, não basta recorrer a relatos de membros do grupo para despertar nossa memória enquanto membro daquele, mas é preciso, além disso, reconstruir no indivíduo as bases que garantiam sua inserção naquele grupo.

É nesse sentido que o trabalho com a memória do caminho paulista das tropas pretende enviesar. A ideia é tomar como grupo indivíduos que experimentaram o tropeirismo em suas vidas e que, nos últimos anos, tem participado de iniciativas que buscam o resgate da cultura tropeira no estado de São Paulo. Um exemplo é o grupo formado por comissões intermunicipais que organizam cavalgadas pelo estado de São Paulo, principalmente na região sul do mesmo.

O circuito do caminho paulista das tropas também organiza, uma vez por ano, a cavalgada que sai de Itararé, passa por cidades que configuravam os antigos pousos de tropas, até chegar a Sorocaba, cidade onde era realizada a feira anual de muares. Esse grupo, que conta com membros de cidades de toda região sul do estado de São Paulo, com comissões desses municípios, tem como principal finalidade o resgate do caminho paulista das tropas e da cultura tropeira na região. Nesse sentido, enquanto grupo formado com interesses comuns pretende-se com esse trabalho levantar as memórias ao longo desses caminhos, buscando relatos de indivíduos que viveram e buscam resgatar o tropeirismo na região.

#### **4.1. Tropeada Paulista: Memória e territorialidade tropeira no sudoeste do estado de São Paulo.**

Entre os dias 17 e 26 de maio de 2013 aconteceu a tradicional Tropeada Paulista pelos antigos caminhos tropeiros do sudoeste paulista. Esse ano essa tropeada chegou em sua oitava edição, reunindo participantes de diversas cidades da região.

Esse evento, como já comentado anteriormente, busca resgatar a cultura tropeira por meio do deslocamento entre os antigos caminhos utilizados, buscando resgatar uma territorialidade que foi importante no passado. Portanto, podemos pensar que a memória tropeira impulsiona um movimento de territorialidade que busca reproduzir as antigas cavalgadas e, por meio dessas, resgatar a cultura e tradição tropeira pela região. Não podemos esquecer-nos de mencionar o grande apelo turístico que também impulsiona essa atividade e permite a incorporação dessa região dentro da estratégia turística para o estado de São Paulo.

A memória coletiva, como observado em Halbwachs (2006), se fortalece entre os membros daquele grupo, permitindo que ela se mantenha enquanto o grupo também se manter. No caso, podemos entender essa iniciativa dentro dessa concepção, pois permite que um grupo específico, que possuem história de vida e costumes similares possam reforçar essas tradições mantendo a memória tropeira ainda presente. Seria essa memória a responsável por impulsionar a necessidade de reconstrução desses antigos caminhos, permitindo estabelecer essa territorialidade.

Essa cavalgada anual foi organizada por meio da Superintendência Estadual de Turismo, em parceria com organizadores locais. O itinerário do evento seguiu, a princípio, pelos antigos caminhos tropeiros, estabelecendo os pousos também nos antigos pousos de tropas localizados ao longo desse caminho principal que vinha do Sul até Sorocaba. A organização do caminho Paulista das Tropas, estabeleceu, no Blog do Tropeiro (2013), o itinerário da tropeada da seguinte forma:

BLOG DO TROPEIRO: <<http://www.tropeadapaulista.blogspot.com.br/>>

16/05 – Quinta-Feira – 19:00hrs – Recepção das comitivas na cidade de Itararé/SP;

17/05 – Sexta-Feira – 8:00hrs – Centro de Eventos de Itararé – Partida da 8ª Tropeada Paulista de Itararé a Sorocaba. Pousos na Agrovila 3 – Copava Engenheiro Maia em Itaberá/SP;

18/05 – Sábado – Pousos em Itapeva/SP – Pista de Laço no “Seco” Rancho dos Cavaleiros e Muladeiros;

19/05 – Domingo – Pousos e Almoço em Taquarivaí/SP;

20/05 – Segunda-Feira – Passagem por Buri/SP – Pousos no Bairro Bom Retiro em Itapetininga/SP;

21/05 – Terça-Feira – Descanso da Tropa no Recinto da Expo-Agro em Itapetininga/SP;

22/05 – Quarta-Feira – Dia Estadual do Tropeiro – Permanência no pousos da Expo-Agro em Itapetininga/SP;

23/05 – Quinta-Feira – Almoço no recinto de festas em Alambari/SP. Pousa no Centro de Tradições Tropeira em Tatuí/SP (Encontro das comitivas da região de Botucatu – SP);

24/05 – Sexta-Feira – Almoço em Boituva/SP (Encontro das comitivas da região de Piracicaba/SP). Pousa na Floresta Nacional de Ipanema em Iperó/SP;

25/05 – Sábado- Passagem por Araçoiaba da Serra – SP. Chegada da 8ª Tropeada Paulista em Sorocaba, no Largo do Divino. Pousa no antigo matadouro municipal de Sorocaba;

26/05 – Domingo – Encerramento da 47ª Semana do Tropeiro de Sorocaba. Desfile dos tropeiros pelas principais ruas de Sorocaba.

Abaixo, apresenta-se o cartaz oficial da 8ª Tropeada Paulista, elaborado pela organização da tropeada:



**Figura 7.** Cartaz Oficial da 8ª Tropeada Paulista Itararé – Sorocaba  
 FONTE: Blog do Tropeiro (2013)

Durante a realização da tropeada, foi possível realizar algumas entrevistas, dentre as quais, com o organizador do evento, o Senhor Orailson Pereira da Silva Tortelli, que pode nos esclarecer alguns pontos importantes para entendermos da logística e organização do evento.

Orailson P. Tortelli possui 40 anos, nascido na cidade de Itararé-SP, e é Turismólogo de profissão. Ele nos relata que sua família tem origem tropeira, pois seu avô já trabalhava como domador de burros, laçador de gado e estava sempre envolvido com o trabalho no campo. Seu interesse em organizar e

promover a tropeada veio quando a Superintendência de turismo do estado de São Paulo realizou a regionalização do turismo no estado, sendo que ele ficou responsável por essa região sudoeste de São Paulo. Ele elaborou e propôs o projeto Caminho dos Tropeiros, que culminou com a sua nomeação para coordenador desse evento, função que exerce ainda hoje, na oitava edição consecutiva sendo que, como ele menciona, houve inclusive participação da tropeada no Globo Rural, em 2006 (TORTELLI, 2013).

Quando perguntado sobre a importância que o tropeirismo para a região de Sorocaba, ele menciona que foi importante

*não só pra nossa região sudoeste, mais para todo o nosso país, foi o maior ciclo econômico do país. Foi o Tropeiro que fez a integração nacional e foram os Tropeiros que transportaram todas as riquezas da nossa região, desse nosso Brasil, e Sorocaba era a grande feira de muelles. A grande importância desse evento para Sorocaba, para a Região, para São Paulo e para todo Brasil é de suma importância tanto histórica como cultural e econômica do Estado e do país (TORTELLI, 2013)*

Notamos sua ênfase na importância dessa atividade no passado para a configuração da região e do país, portanto, segundo ele, há essa necessidade de resgate da cultura tropeira. Afirma ainda que a região de Sorocaba

*só é o que ela é hoje, graças ao movimento Tropeiro. Foram eles que desbravaram nossos campos, eles que abriram os caminhos, eles que transportaram as nossas riquezas, e foram eles que produziram nossa cultura, esse folclore da nossa região, o fandango a catira, a música caipira, a música raiz, a gastronomia, as iguarias, o pratos típicos, o feijão Tropeiro, o arroz de carreteiro, a queima do alho, o cuscuz, e todas essas guloseimas que a gente vê hoje nas festas do Tropeiro por este estado a fora (TORTELLI, 2013).*

Sobre o caminho percorrido pelo evento, ele afirma que a importância seria por ser o trecho paulista do grande caminho do Viamão. O caminho paulista das tropas “*demarcou Itararé como marco zero, o início do caminho, pois Itararé é a divisa do estado de São Paulo com o Paraná. Então o caminho paulista das tropas envolve dez cidades*” (TORTELLI, 2013). Orailson Tortelli afirmou ainda que o nome caminho paulista se deve ao fato de começar em Itararé e terminar em Sorocaba.

Orailson Pereira Tortelli também mencionou a organização e a logística do evento. Segundo ele, o transporte e a tropeada com os animais ficam a cargo de quatro muladeiros e cavaleiros da região. São pessoas que estão diretamente envolvidas nas Associações de Tropeiros por entre a região e que vivem de forma intensa as atividades de manejo com os animais, que sabem das necessidades dos animais, bem como sua resistência para cavalgadas e pontos onde devem ser feitas breves paradas para saciar a sede dos animais que percorrem longos trajetos. Orailson Pereira Tortelli fica encarregado de estabelecer os pontos de parada, bem como articular parcerias com Estado e Prefeitura para que esses possam receber, tanto os turistas que se dirigem aos pousos, quanto os próprios participantes do evento (TORTELLI, 2013).

Apesar de Orailson Tortelli ser o organizador da tropeada, as estratégias e logísticas são estabelecidas em parcerias com tropeiros locais, bem como com instituições e prefeituras, a fim de melhor receber os participantes e visitantes da tropeada paulista. Quando perguntado sobre a receptividade dos dirigentes municipais, se estes estão envolvidos e se interessam em prestar auxílio à tropeada, Orailson Pereira Tortelli (2013) afirma que todas as prefeituras são parceiras e que ajudam com o

fornecimento de alimentação, espaço para pouso e melhoria dos caminhos por onde irão passar os tropeiros. Cabe lembrar, ainda, que cada Associação ou Comitativa participante deve ser autossuficiente, ou seja, deve levar alimentação e equipamentos para os pousos, caso a prefeitura não forneça essas condições.

A agenda da tropeada fica condicionada ao calendário de eventos de Sorocaba, pois a tropeada deve chegar e encerrar a Semana do Tropeiro nesse município. A tropeada dura dez dias. Dessa forma, conta-se dez dias que antecedem ao domingo de encerramento da Semana do Tropeiro (último domingo de maio), sendo estabelecido que esse dia será o início da tropeada paulista. O último domingo do mês de maio, segundo Orailson Tortelli era por volta dessa data que acontecia a grande feira de muares de Sorocaba (TORTELLI, 2013).

Orailson Tortelli mencionou ainda o fato de não pertencer a nenhuma comitativa ou associação de tropeiros. Apesar de ter ajudado a criar uma série de Associações por todo o Estado de São Paulo, ele menciona o fato de que necessita ser neutro para organizar a tropeada, necessitando conversar e ter bom relacionamento com todos, de todas as Associações. Até mesmo por isso ele afirma não encontrar tantas dificuldades para organizar o evento, pois de acordo com o que diz, ele relaciona-se muito bem com todos os responsáveis de comitativas. Afirma, ainda, que os problemas que apareceram durante esses oito anos foram sempre pontuais e relativos à logística, como saída da tropa, mudanças em paradas, entre outros problemas menores.

Para finalizar foi perguntado sobre as perspectivas para as próximas tropeadas, principalmente sobre a participação dos jovens nesse evento e se

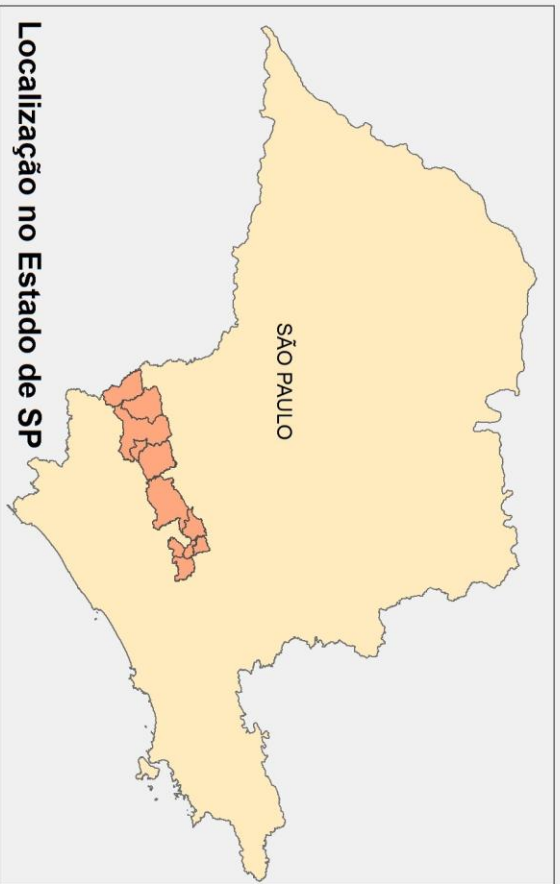
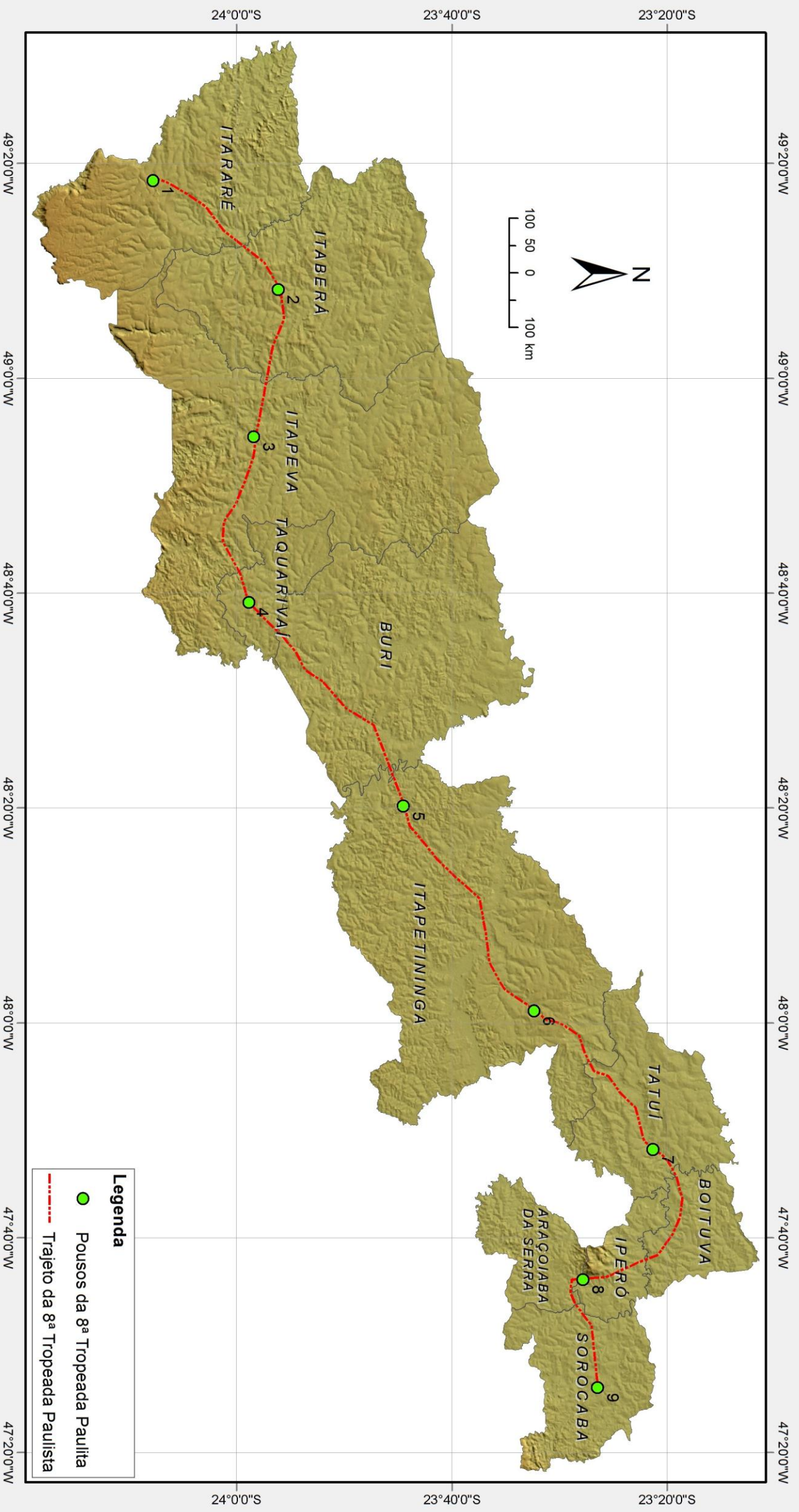
estes mostram interesse em continuar com essa tropeada. Respondendo, ele afirma a cada ano se surpreende com a quantidade sempre crescente de pessoas querendo participar da tropeada paulista e que há a vinda e participação de pessoas de diversas idades no evento, o que demonstra o interesse pela atividade e pelo resgate da cultura tropeira pelos mais jovens. Afirma, ainda, que o que falta é maior investimento por parte do poder público e da própria sociedade em si para valorizar nossa cultura, o que permitiria uma maior visibilidade dos talentos locais, tanto equestre, como na música, no artesanato, na culinária, entre outros (TORTELLI, 2013).

A organização o evento, como mostrado até aqui, fica a cargo do Orailson Pereira Tortelli (2013), funcionário da superintendência de turismo do estado de São Paulo. Esse possui além de formação na área de turismo, vivência e conhecimento sobre a atividade tropeira no estado, bem como facilidade para diálogo com lideranças tropeiras e políticas locais, o que facilita a organização do evento como um todo. A cada ano essa tropeada se torna mais visível e podemos perceber que além do apelo cultural, de resgate da tradição tropeira, há também uma tentativa de dar visibilidade para que este evento seja encarado, cada vez mais, como uma alternativa turística para a região sudoeste paulista.

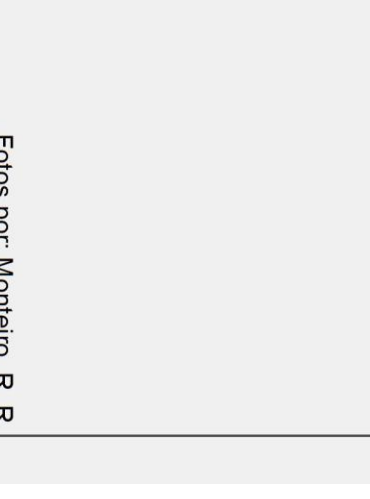
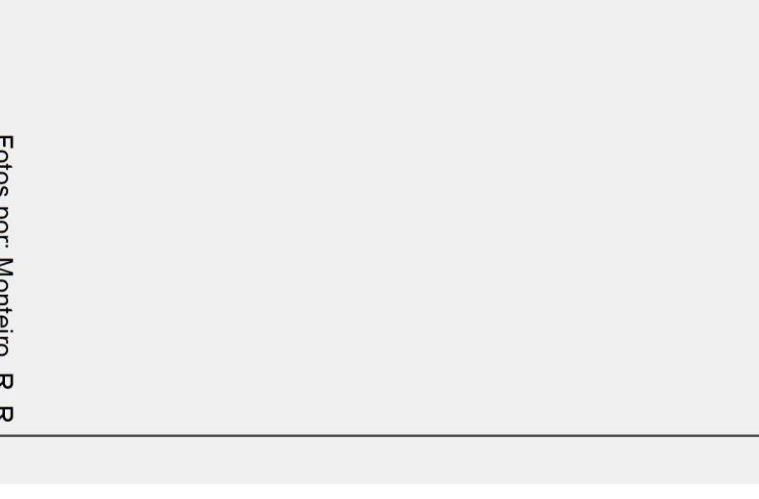
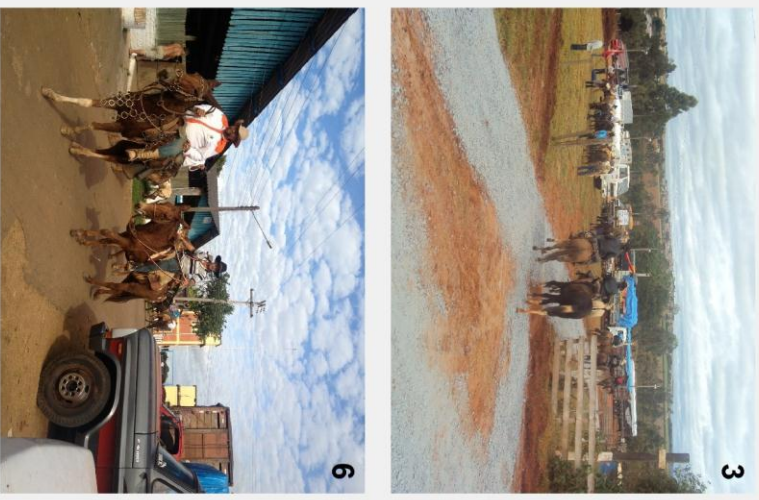
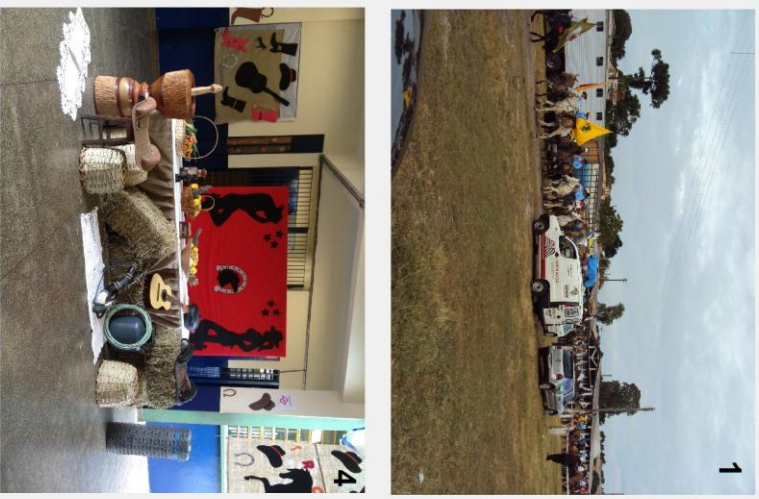
Em seguida, passamos para a reconstrução do caminho por meio da percepção e experiência de alguns participantes desse evento.

#### **4.2. A 8ª Tropeada Paulista.**

Neste momento, passamos para uma narrativa da experiência com a 8ª Tropeada paulista, que será permeada por relatos de participantes e pessoas diretamente envolvidas com o evento, com o intuito de levantar as memórias e vivências ao longo desses dias. Buscamos separar a viagem por trechos percorridos, que serão narrados e apresentados as entrevistas que foram realizadas ao longo desse dia de cavalgada/ pouso. Desejamos, com isso, articular as memórias ao longo do caminho das tropas com a territorialidade de tropeada, que percorre os antigos caminhos, que acabaram por se tornar referência para esses eventos de resgate de tradição e cultura tropeira. Antes de iniciar o relato, apresenta-se aqui o mapa com o trajeto e os pousos da 8ª Tropeada Paulista Itararé – Sorocaba (Figura 8).



Localização no Estado de SP



#### 4.2.1. Itararé – Itaberá (Agrovila III) – Sexta feira dia 17/05

A 8ª Tropeada Paulista oficialmente teve início no dia 17/05/2013 (Sexta-Feira), em Itararé – SP, primeira cidade do estado ao longo desse antigo caminho. Porém, no dia 16/05 já havia uma estrutura para recepção e acomodação das comitivas e associações tropeiras que vieram de diversas cidades, principalmente do sudoeste paulista. Essas comitivas foram encaminhadas ao Centro de Eventos do município de Itararé, local de onde partiria, no dia seguinte, a tropeada paulista.

Por volta das 8 horas da manhã do dia 17/05 já era possível notar uma movimentação intensa das comitivas e associações que já preparavam seus animais para a jornada diária. Durante esse período que antecedia a abertura do evento e início do tropeada, foi possível notar Orailson Pereira Tortelli, da superintendência regional de turismo e principal organizador do evento, conversando com lideranças locais e estaduais, bem como com os representantes de comitivas e associações que participariam ao longo da tropeada. Em conversa com Orailson Tortelli, ele nos informou que ao longo do caminho outros participantes, bem como comitivas, iriam se agregar a tropeada para participar do evento.

Enquanto os cavaleiros e muladeiros se preparavam para a o início da tropeada, foi possível conversar com alguns participantes que nos deram seus relatos e expectativas com a tropeada.

Roberto de Almeida Mineiro, 63 anos, da cidade de Tietê – SP foi um dos participantes da tropeada. Funcionário público de profissão aprendeu o trabalho no campo e a lida com os animais logo na infância. Afirma que fazia o trabalho de tropeiro quando era mais jovem, levando animais para vender em

algumas localidades da região de Tietê-SP. Fazia o caminho Tietê-Boituva, Boituva-Iperó, Iperó-Porto Feliz e Itu e de lá seguia para São Roque. Ele afirma ainda participa “*de tropeada assim, de quinze anos em diante. Fui trabalhar pro governo, mas sempre tive meus burros e tenho até hoje, sempre gostei de mexer e nunca deixei de ter minhas mulinhas*” (MINEIRO, 2013). Hoje, Roberto Mineiro faz parte da comitiva “Caminho dos Tropeiros de Tietê”, e afirma que agora que se aposentou do serviço público pretende dedicar mais tempo aos eventos de resgate da cultura tropeira, pois ele acredita ser muito importante para a cultura da região.

Roberto Mineiro acredita, ainda, que a tropeada é importante e vem ganhando cada vez destaque. Afirma que a criação e comercialização do burro e da mula estavam acabando e que agora com as tropeadas isso está renascendo (MINEIRO, 2013). Importante notar que as tropeadas também fizeram com que o comércio desses animais também ganhasse novo fôlego, pois as mulas e os burros são os animais indicados para realizar essas tropeadas que passam a ocorrer em diversas áreas onde o tropeirismo foi outrora importante.

Quando perguntado se as tropeadas vêm se tornando cada vez mais presentes no estado e na região, ele afirma que sim. Ele mesmo participa de outras cavalgadas que menciona ser importante. Ele mesmo organiza uma cavalgada que sai de Descalvado, passa por Piracicaba, Rio das Pedras, Tietê, Cerquilha, até chegar em Sorocaba, pois é a estrada que ele conhece e que ele fazia no passado em sua época de comerciante de animais. Afirma, ainda, que após a série sobre o tropeirismo, levada ao ar pela Rede Globo, em 2006. Com a série,

*Aumento muito mais, o Egidio lá de Bragança tava junto, que tem uns 500 burros e negoceia. Antes não fala em burro, agora fala e começou a criar muito. O burro tinha parado de criar e agora ele vale muito mais. De primeiro tinha muito burro pra trabalho, hoje o burro é um lazer. Hoje é só pra sela. Esses dias mesmo venderam uma mula por 25 mil. Tá aqui a princesa, que eu comprei por 6 lá em Minas, que tá lá em Jundiá. Agora tenho duas mulas Apaluza, uma de três anos e outra de três anos e meio (MINEIRO, 2013).*

Como mencionado pelo entrevistado, a série deu um novo fôlego às iniciativas de resgate da tradição e cultura tropeira, principalmente no que diz respeito à realização dessas tropeadas. Levando, ainda, a consequente aumento pela procura desses animais que percorrem longas distâncias e sua valorização no mercado.

Por fim, Roberto Mineiro afirma que por realizar essa atividade no passado, por ter sido importante para ele, acredita ser fundamental esse resgate. Ainda, nota que os jovens estão se interessando também nessas atividades tropeiras, o que faz com que a perspectiva para manutenção dessas iniciativas seja mantida. Roberto Mineiro, Tropeiro de criação e funcionário público é um dos que participam dessa tropeada com o intuito de resgatar a memória tropeira construída ao longo de seu trabalho com comercialização de animais, vendo na tropeada uma possibilidade para fortalecimento dessa memória.

Ainda em Itararé, conversamos com o empresário Jeferson Sanches, de 40 anos, nascido na cidade de Tatuí – SP, mas mora atualmente em Cesário Lange – SP. Jeferson participa da tropeada há cinco anos e pela primeira vez trouxe o filho de 20 anos. De acordo com o entrevistado, apesar

de ser a primeira vez do seu filho fazendo esse caminho, este já possui experiências trabalhando com burros e mulas e também já fez cavalgadas menores pela região. Para ele, o importante de participar da tropeada, além de ser um esporte e lazer, é resgatar a tradição tropeira na região, sendo que ele também faz parte de uma comitiva chamada por ele de particular, “os Muladeiros de Cesário Lange”. Apesar de seu intenso envolvimento nas atividades de cavalgadas e trabalhos com os animais, ele afirma que não conhece ninguém que hoje exerça o trabalho de tropeiro na região, sendo que essas iniciativas seriam, então, apenas para lembrar e fortalecer a memória tropeira, principalmente nesse caminho que era o antigo caminho das tropas.

Importante ressaltar que além dessa cavalgada, Jeferson Sanches participa ainda da cavalgada de Cesário Lange a Bom Jesus de Pirapora. Essa ele faz há 18 anos, sendo que quem começou foi seu pai e hoje é ele e mais um grupo de amigos que levam.

Quando perguntado sobre se o número de participantes vem aumentando, ele mencionou que.

*Ele vem diminuindo, precisava ter um apoio maior. Esse ano mesmo, em comparação ao ano passado, diminuiu bastante. O número de participantes na Tropeada diminuiu bastante. Eu não sei se eu sou o primeiro que está te falando, mais estou há alguns nos participando, mais o número de participantes da Tropeada eu acho que está diminuindo a cada ano (SANCHES, 2013).*

Como verificado em sua fala, o entrevistado apresenta uma tendência oposta de dizer que o número vem aumentando a cada ano. Assim, para ele já foi maior o número de participantes, sendo que da edição anterior para essa

essa diminuição foi bastante expressiva. Cabe ressaltar, de início, que um dos motivos que também levaram a uma diminuição da participação nessa 8ª tropeada foi o fato de que poucas semanas antes foi confirmado casos de mormo, uma doença que acomete os equinos e muares. Dado essa descoberta do mormo no interior de São Paulo, foi necessário proceder com exames em todos os animais que participariam do evento, ficando a cargo dos participantes, donos dos animais, todo o pagamento dos exames e apresentação dos mesmos para inscrição. Dessa forma, nem todos que participariam tiveram condições e tempo para proceder com essa exigência de última hora, deixando assim de participar dessa edição.

Terminada essas conversas iniciais, teve início a solenidade de abertura da 8ª Tropeada paulista. Os muladeiros se posicionaram em frente ao palco onde estavam autoridades que iniciariam seu discurso, mas antes, foi entoado o hino nacional brasileiro. Terminado, teve início os discursos, sendo que Orailson Pereira, organizador do evento foi o primeiro a falar, apresentando a tropeada e ressaltando sua importância para região e as possibilidades que se abrem com o evento para o turismo em pequenas cidades. Em seguida, o deputado estadual João Caramês, representando o governador, discursou ressaltando a importância que o tropeirismo teve para São Paulo e mencionando o fato de ele ter colocado o evento na agenda oficial de Turismo do Estado de São Paulo. Posteriormente, foi a vez da Prefeita de Itararé, Maria Cristina Ghizzi discursar saudando os participantes e mostrando-se disposta a melhorar as instalações para recepção dos participantes no próximo ano. Terminados os discursos, a guarda municipal conduziu os

muladeiros para um desfile pelo centro da cidade e logo após partiram com destino à Agrovila III – Engenheiro Maia, em Itaberá – SP.

A tropeada partiu em duas frentes. Primeiramente saíram os cavaleiros com destino ao centro da cidade e depois tomando o caminho para o próximo pouso. Após a saída dos muladeiros, a guarda municipal seguiu a caravana de caminhões e caminhonetes de apoio até o início da rodovia, de onde seguiria por estrada asfaltada até o bairro onde seria o pouso da tropa. Por segurança, a organização não permitia que carros e animais seguissem pelos mesmos caminhos, sendo que os animais iriam por estradas de terra, caminhos bem menos utilizados para o transporte motorizado.

A caravana chegou na Agrovila III por volta de 11:50 da manhã e lá permaneceram a espera dos cavaleiros. Observou-se que ainda, naquele momento, as comitivas e associações permaneciam pouco enturmadas. Apenas um bar nessa localidade concentrava pessoas de grupos diferentes, onde conversavam e trocavam informações sobre animais, sobre as tropeadas, etc. Orailson, organizador, seguiu junto com a caravana enquanto deixou um encarregado responsável por guiar e dar suprimento à tropa durante o percurso até o local.

Por volta de 14:50 horas, começaram a chegar os primeiros animais no pouso. Esses eram liberados de suas selas e alimentados pelos seus donos, que levavam ao piquete, local onde era amarrado e deixado para descanso até o dia seguinte. Tivemos a informação de que saíram de Itararé cerca de 160 mulas/tropeiros e que já chegaria nesse primeiro pouso com um total de 190 mulas.

Durante todo o período, os caminhos e carros estavam com seus aparelhos de sons ligados. A música sertaneja tocava desde o início da chegada da caravana, sendo que os membros já desde o início se aglutinavam em torno do bar. Desde o momento da chegada ao pouso, o consumo de cerveja era bastante intenso. À noite esse consumo se intensificou, pois foi organizado um baile no bairro que reuniu tanto participantes da tropeada, quanto moradores das redondezas. Nesse baile foi servida a janta por conta da prefeitura de Itaberá, seguida de um baile com música de raiz. A música encerrou por volta de 22:00 horas, sendo que a maioria seguiu para seus caminhos e caminhonetes para dormir e se preparar para a jornada do dia seguinte. Alguns poucos participantes continuaram a festa com o som de seus carros/ caminhos ligados durante a noite toda.

Nesse primeiro dia já era possível notar uma certa organização que passa a ser necessária nesses eventos de resgate da culturas tradicionais. O retorno à tradição só é possível dentro de certos limites que são, justamente, os impostos pelas necessidades, hábitos e costumes da vida moderna. Não é possível pensar em refazer esses caminhos como eram no passado, pois o espaço se transformou, novas tecnologias imperam absolutas, bem como as facilidades da vida moderna que levam esse resgate a um evento ligado às lembranças coletivas do passado que se busca refazer de modo encenado. Porém, essa iniciativa não deixa de ser importante para fortalecimento da identidade regional. Todavia, o evento deve se adaptar às necessidades e nuances da vida moderna, inclusive tornando-se economicamente viável.

#### 4.2.2. Itaberá – Itapeva – Sábado dia 18/05

Por volta de 6:00 horas da manhã já era possível ouvir algumas comitivas e associações com seus caminhões ligados e com música sertaneja tocando. Cada grupo participante já preparava seu próprio café da manhã, com equipamentos trazidos por eles para o evento. Logo em seguida, muitos se dirigiram para o Bar que se localizava ao lado do local destinado para pouso, pois ali já havia uma movimentação de pessoas que se concentravam esperando que esse abrisse suas portas e pudesse fornecer também café da manhã.

Um pouco depois, por volta das 7:00 horas era possível verificar que muitos dos cavaleiros e muladeiros estavam já se dirigindo até o piquete para buscar seus animais e prepará-los para a cavalgada diária. Foi possível notar que a maioria dos participantes alimentavam seus animais com complementos de ração e logo em seguida os selavam cada qual seu animal. Alguns participantes não possuíam tantas práticas para essa tarefa e eram ajudados pelos mais experientes que passavam o que já conheciam.

Em conversa com alguns participantes, foi possível verificar uma super valorização dos artigos para sela e trato dos animais. Alguns exibiam seus materiais de forma orgulhosa, pois diziam ser de épocas muito remotas o que demonstrava o valor de suas “tralhas”. Foi possível já verificar que ali havia uma diferenciação dos cavaleiros com relação às tralhas que possuem, sendo que há um valor maior para “tralhas” mais antigas e feita de materiais como ferro fundido.

Durante esse período, conversamos com alguns participantes que deram seus depoimentos.

Rogério Marins Alves de Lima, de 50 anos, morador da cidade de Sorocaba/SP, trabalha com a doma de animais e é frequentador assíduo de tropeadas e cavalgadas. De acordo com ele, esses eventos já são tradição em Sorocaba e ele participa desde criança, sendo que desta tropeada paulista (Itararé-Sorocaba), participa desde a primeira edição, pois faz parte da equipe fundadora dessa tropeada. Ele é membro da Associação Cultural Tropeira de Sorocaba e Região, equipe pioneira no caminho Itararé-Sorocaba e que aparentemente goza de bastante respeito entre os participantes da cavalgada. Rogério de Lima afirmou ainda que seus filhos já seguiram por outras áreas, desenvolvem outras profissões que não estão ligadas ao trabalho no campo e nem com os animais, mas que seus netos já apresentam interesse em permanecer com a tradição.

O entrevistado acima mencionando afirma que esta tropeada, feita por este caminho é importante por representar o trecho que levava as mulas e burros até Sorocaba, para a feira de muares. Portanto, como afirma em suas palavras, *“é o caminho das tropas, memorando as feiras de muares que vinha do sul, então esta é a caminhada paulista”* (LIMA, 2013). Continuando, ele menciona que o Brasil foi construído no lombo dos burros, pois estes carregavam todo tipo de mercadoria e se constituíam também em mercadorias para serem levadas por todos os lados.

Rogério de Lima afirma ser ele mesmo um tropeiro. Segundo ele, seu trabalho de domar e adestrar animais também pode o caracterizar como

tropeiro, pois está diretamente ligado com uma atividade que era feita pelos antigos tropeiros, que era o de doma de mulas e burros “xucros”.

Com relação ao trajeto, ele menciona sobre as partes do trajeto que considera mais importante. Afirma que “*o mais importante é a chegada. A saída e a chegada, porque é sinal que você venceu essa barreira e entre a saída e a chegada, é a emoção do passeio. Pensando avante, sempre avante*” (LIMA, 2013). Como podemos perceber pela passagem acima, o entrevistado preserva esse espírito aventureiro que impulsiona para a necessidade de cumprir determinada tarefa, vencer longas distâncias. Virtudes que foram atribuídas aos desbravadores, entre eles os tropeiros do passado.

Pelo sua história de vida, pelo trabalho que realiza, Rogério Marins Alves de Lima participa da tropeada como forma de resgatar a cultura tropeira, dentro da qual foi criado.

Outra entrevista realizada ainda nesse pouso foi com a jovem Bruna Regina Galante do Amaral. Apesar de sua pouca idade e de ser uma das poucas mulheres participantes, ele goza de bastante respeito entre os participantes da tropeada. Possui um grande conhecimento e experiência sobre o trabalho com mulas e burros, pois sempre esteve envolvida, desde criança, com a lida com esses animais. Bruna do Amaral possui 22 anos e desempenha a profissão de esteticista canina na cidade de Sorocaba/SP, onde nasceu.

Bruna do Amaral está em seu quarto ano de tropeada e em todas edições que participou fez o trajeto completo. Ele menciona que este trajeto todo, de Itararé até Sorocaba, só foi feito por ela e mais duas outras mulheres. Nessa edição, de mulher apenas Bruna realizou o trajeto todo. Quando

perguntada sobre a dificuldade que ela encontrava, por ser mulher, ela afirma que existem algumas dificuldades, mas como ela gosta muito dessa atividade, é um prazer fazer esse trajeto. Ele afirma que há uma diferença de tratamento por ser mulher, mas que isso vem melhorando. Mencionou que “*é um local que é respeitoso, mais tem algumas diferenças, tem alguma dificuldades, como tomar banho, essas coisas, mais para quem gosta; eu nunca me importei com essas coisas*” (AMARAL, 2013). Podemos pensar, aqui, que a baixa participação de mulheres nesse evento se deve ao fato de que o ambiente pode criar algumas dificuldades para sua participação. Como afirmou a entrevistada, muitos locais de pouso não possuem banheiros específicos para mulheres, o que torna difícil a as atividades que para um homem seria corriqueira. Também, podemos pensar numa dificuldade maior no trato dos animais e nas barreiras existentes durante o percurso. Apesar disso, ela nos disse que é um ambiente extremamente respeitoso. Bruna conta também que quando começou a participar notava um espanto maior dos participantes homens por ela ser uma mulher, mas que hoje eles já se acostumaram porque ela conseguiu mostrar que consegue desempenhar as tarefas como outros cavaleiros e muladeiros, tanto que ela é hoje vice-presidente da Associação Cultural Tropeira de Sorocaba e Região – ACT.

A entrevistada acima mencionada também afirmou que esse evento é muito importante e sempre busca reservar esse período para participar. Ela acredita que é um “marco histórico” e que essa tropeada nunca deve acabar para perpetuar a cultura e tradição tropeira (AMARAL, 2013).

Pela pouca idade da entrevistada, e pela inserção não tão forte de sua família no meio rural, é cabível pensar na maneira como o grupo na qual ela se

insere é capaz de fortalecer identidades através da memória. A entrevistada afirma que a tropeada é um “marco histórico”, lembrando o que já foi bastante comentado e compartilhado por membros desse grupo de tropeiros.

Logo após a selagem dos animais, por volta das 9 horas da manhã, a tropa começou a sair para tomar as estradas vicinais de terra em direção à Itapeva. Enquanto isso, os caminhões ainda permaneciam no pouso e ainda não estavam se preparando para deixar esse local. Somente por volta de 10 horas da manhã Orailson deu o sinal de alerta para que os caminhões, caminhonetes e carros se alinhassem para seguirem juntos em direção à Itapeva, no próximo pouso de tropas. A caravana, como de costume, chegou bem antes da tropeada, por volta de 10:30 da manhã. Logo que chegaram, cada grupo foi se estabelecendo em um canto do recinto do pouso que foi destinado, na pista de laço “no seco” rancho dos cavaleiros e muladeiros. Orailson Pereira, organizador, deixou a caravana e partiu para dar assistência à a tropa no meio da caminho.

Desde o momento da chegada da caravana, foi possível notar que estes grupos que primeiro chegaram já preparavam a comida para os membros que estavam acompanhando a tropeada. O local destinado para pouso contava com uma infraestrutura montada que podia atender aos tropeiros, com exceção do banheiro, que havia apenas um para todos os participantes, bem como um único chuveiro para uma grande quantidade d pessoas. Porém, o espaço era amplo e contava com uma venda, um salão para janta e festas, bem como espaço suficiente para estacionar os caminhos e carros e deixar os animais em segurança.

Somente após 13:30 horas é que os primeiros cavaleiros começaram a aparecer, anunciando que a tropeada já estava muito próxima do pouso. Esta chegou por volta de 14:00 horas. Os cavaleiros e muladeiros, desceram, tiraram as selas dos animais e os levaram para o piquete destinado a deixar a tropa descansar em segurança. Em seguida, cada um seguiu para seu grupo, onde foram almoçar. Enquanto isso foi possível verificar uma pequena discussão entre Orailson Pereira, organizador do evento, com seu encarregado de levar a tropas por entre o caminho. Nesse trecho, houve uma dispersão da tropa o que causou alguns inconvenientes na estrada, arriscando a ocorrência de acidentes mais graves.

Logo após o almoço, os a maioria dos participantes seguiu para seus caminhões para descansar, mas era possível ainda encontrar alguns poucos que permaneciam preparando tralhas e conversando entre eles.

Um desses, seu João Aparecido da Silva, de 62 anos, natural de cidade de Bofete/SP. Esse entrevistado foi um dos que ajudaram a elaborar o roteiro original da tropeada e que prestou assessoria para a série sobre o tropeirismo do Globo Rural, que percorreu o antigo caminho do Viamão. Sobre isso, ele nos conta que

*reabrimo o caminho das tropa, desde que os tropeiro pararam e tava fechado. Estava praticamente esquecido. Em 2004 eu elaborei esse grande resgate histórico dos tropeiro. Em 2005 nós iniciamo a viagem de Itararé à Sorocaba, e a globo acompanhou a gente por 15 dias em 2005, em 2006 ela fez uma viagem do Rio Grande do Sul à Sorocaba, esse grande resgate histórico (SILVA, 2013).*

Seu conhecimento sobre o tropeirismo e sobre a lida com os animais lhe permitiu elaborar essa proposta da tropeada. Quando perguntado sobre a tropeada hoje, se ela aumentou depois que foi realizada a reportagem da Globo, ele nos afirma que sim, que o tropeirismo hoje é conhecido no Brasil e em alguns países do mundo graças a essa reportagem feita pela emissora, mostrando a importância que essa atividade teve para o Brasil (SILVA, 2013).

O avô de João Aparecido Silva já era criador de muares, que como conta, fazia as vezes dos caminhões de hoje. Conta que seu avô chegou a ter 120 mulas que levavam até 240 sacas de 60 quilos cada saca, que seria a capacidade de um caminhão hoje. Por isso, diz que *“em nome do meu avô Paulo Pedro Ventura, que era o criador e deu exemplo pra família, então hoje levou a gente fazer esse grande resgate histórico”* (SILVA, 2013).

João também mencionou seu interesse em abrir esse caminho por ser do estado de São Paulo, e que pretende que cada estado também refaça seu caminho para promover esse resgate histórico. Também mencionou o fato de hoje ser muito mais fácil fazer esse percurso, pois segundo ele, difícil era naquela época em que esse trajeto era feito sem energia, sem motor, sem pontes, sem carro e caminhões de apoio. Afirma que hoje seria mais um passeio esse trajeto, ele seriam, de acordo com o entrevistado, como turistas aproveitando o passeio. Afirma que por eles terem reaberto esse caminho no passado, para eles, grupo pioneiro que elaborou o caminho, é mais fácil, pois já conhecem bem o trajeto (SILVA, 2013).

Com relação à disposição da tropa, João da Silva afirma que tem pouca experiência com relação à formação da tropa, como era no passado. Ele nos conta que nessa tropeada existe o Ponteiro, aquele responsável por guiar

e conduzir a tropa, que vai à frente com a bandeira; o Meeiro, responsável por manter a tropa unida e evitar que algum animal se perca; e o Culatreiro, que vai no final assegurando o ritmo e evitando que os animais fiquem para trás. João afirma que nessa tropeada já fez as três funções (SILVA, 2013). Cabe aqui uma observação com relação a essas funções. É de extrema importância a existência dessas funções e que quem as desempenhe estejam extremamente alinhados. São essas três funções que irão assegurar a movimentação sempre unida da tropa, evitando que esta se disperse, podendo se tornar uma ameaça a chegada dos animais no pouso como, no caso das tropeadas (resgate histórico), evitar que um animal se perca ou que a tropa fique muito desunida, o que pode levar a ocorrência de acidentes nas estradas e caminhos.

João Aparecido da Silva (2013) também afirma que a grande responsabilidade sua frente à Associação Cultural Tropeira de Sorocaba e Região é manter e participar dessa tropeada Sorocaba – Itararé. Porém, ele afirma que como hoje está envolvido em Sorocaba com lideranças locais, primeiro ele diz que é importante “preparar a casa”, para depois envolver-se em atividades em outros municípios. Seria a consolidação de Sorocaba como a capital do Tropeirismo. Quando perguntado, ainda, sobre a preparação para o evento ele segue dizendo que pede para

*quem vai acompanhar que se prepare um ano. Se ele estuda ele tem que estudar, se ele trabalha, ele tem que trabalhar, agora se ele preparar o ano inteiro, a casa dele, o animal dele, a viagem, ele tá preparado pra viajar com a gente. Se tiver algum imprevisto, é fácil de corrigir. Porque a gente fala que tropeiro não é só Tropeiro, é companheiro, pra todas as horas. O Tropeiro não é só aquele que viaja com você. Pra aquele que viaja é difícil, e pra aquele que fica, é pior. Fica ansioso pra ver o companheiro chegar (SILVA, 2013).*

Portanto, ele menciona que para aquele que pretende participar da tropeada com seu grupo, é necessário uma preparação durante o ano todo. Essa é no sentido de se organizar para poder ficar esses dez dias afastados e conseguir completar a jornada. Afirmou ainda que conversa e se dá bem com todos os participantes, de todas as comitivas e associações.

Para finalizar, ele que tem experiência tropeira que veio de sua família, acha muito importante esse resgate histórico. Afirmou ainda, em conversa, que já fez trabalho em escolas e bibliotecas divulgando o tropeirismo, contando o que foi e dando assessoria a órgãos e instituições que lhe procura.

Por volta de 19:30 horas a prefeitura de Itapeva forneceu no pouso a janta para os tropeiros. Essa contava com arroz, feijão tropeiro e vaca atolada, iguarias culinárias típicas de tropeiros. Na janta encontravam-se algumas autoridades do município, como o Secretário de Cultura e Abastecimento do município, que assegurava que tudo funcionasse durante o tempo em que a janta estava sendo servida. Logo após a janta, haviam alguns violeiros que começaram a tocar moda de viola no recinto onde a janta havia sido servida. Essa demonstração começou a atrair uma quantidade grande de participantes da tropeada, que por lá permaneceram bebendo cerveja, cantando e dançando enquanto as “modas” eram entoadas. Depois que as pessoas dispersaram, foi possível ver que alguns carros ligaram os sons e continuaram a festa, com destaque para o grupo de Sorocaba que levou um violeiro particular para tocar próximo de seu caminhão. Assim, as pessoas permaneceram em festa, conversando, cantando e contando causos até por volta de meia noite, quando se dirigiram aos seus locais de pouso para descansarem para o próximo dia de cavalgada.

#### 4.2.3. Itapeva – Taquarivaí – Domingo dia 19/05.

Por volta das 6:30 horas da manhã já era possível notar que alguns carros já ligavam o som, tocando sempre a música serteneja e vez ou outra moda de viola. Por essa hora, a movimentação ainda era pouca, pois noite passada a festa tinha se estendido até depois da meia noite.

Pouco tempo depois, foi possível notar que funcionários da prefeitura já chegavam para preparar o café da manhã que seria servido aos muladeiros antes de seguirem viagem. Porém, no recinto ainda os participantes começavam a acordar e se preparar, tendo uma movimentação bastante intensa em direção ao único banheiro do local.

Por volta de 07:15 horas, já estavam todos acordados e começando os preparativos com os animais. Já davam suas rações e começavam a preparar a tralha para selar os animais.

Um dos participantes, José Elisberto Bueno, de 49 anos, já estava próximo de seu caminhão preparando-se para partir. Natural da cidade de Sorocaba, Bueno contou que este é o terceiro ano que participa dessa tropeada junto com o pessoal de Sorocaba, mas que tem bastante experiência em tropeadas e cavalgadas, pois há 40 anos faz outra que sai de São Roque/SP e vai até Pirapora/SP. Ele afirma que participa por que, como mesmo diz, “*tá no sangue*”, além do que ele afirma ser um resgate histórico para a região e para Sorocaba que, segundo ele, é o berço do tropeirismo. Ele mencionou ainda a importância de trabalhar esse resgate histórico com crianças. Seus filhos também participam quando pode, sendo que o mais velho possui 32 anos, o do meio 28 anos e caçula 19 anos. Também seu neto de 5

anos já mostra interesse em participar e já vem inclusive andando sozinho no animal (BUENO, 2013).

Buenos conta que seus pais e avós eram tropeiros pela necessidade que se tinha na época, mas que hoje esses eventos são mais para turismo e lazer. Afirma que

*É, veja bem, antes meus pais participavam porque era necessidade, meio de transporte deles era isso. Hoje nós fazemos um turismo, porque a gente gosta, porque tá no sangue, mais não é um compromisso que a gente tem que fazer todo dia. Antigamente não, o meu avô trazia boiadas pra Sorocaba, o meu pai a profissão dele com o meu avô era cortar lenha no sítio e levar de carroça para a cidade. Levava carroça de lenha todo dia pra Sorocaba. Então, a nossa vida foi toda mexendo com criação, o meio de transporte era carroça charrete [...] Minha mãe levava a gente no posto de saúde, benzedeira na época era 16 km eu e minha irmã na garupa e no colo andando a cavalo (BUENO, 2013)*

Percebe-se que o entrevistado apesar de não trabalhar hoje diretamente com animais, procura sempre participar dessas atividades como forma de lembrar e manter viva uma cultura e tradição que foram importantes na sua formação.

Bueno também tem um projeto bastante interessante que leva para as escolas os conhecimentos acumulados sobre o tropeirismo e cotidiano dessa atividade. Ele dá palestras em escolas sobre o Tropeirismo, mostrando curiosidades sobre os animais, trazendo a diferença entre mula e cavalo, bem como levando tralhas e selas para mostrar para as crianças os artefatos tropeiros. Ele afirma que “a escola geralmente vai atrás da gente pra fazer. E como a gente tem uma bagagem, só de Romaria de São Roque são 40 anos. Até em Sorocaba já recebi o título de cidadão sorocabano por tá ajudando a

*cidade*". Ele nos contou que há um grande interesse por parte das escolas em conhecer o que é o tropeirismo, bem como por parte dos alunos que ficam encantados com essas histórias e curiosidades. Segundo ele, a importância do tropeirismo se deu também pelo fato de que estas tropas iam formando núcleos, que posteriormente se transformaram nas cidades da região, ao longo dos antigos caminhos das tropas.

Finalizando, ele mencionou que se prepara para sempre participar da tropeada, deixando funcionários treinados para exercer sua função durante os períodos que ele estiver afastado. Contou que para ele a saída da tropa de Itararé e a sua chegada em Sorocaba são os dois marcos mais importantes, pois a primeira representa a primeira cidade do estado ao longo do caminho e a segunda o ponto de chegada, onde havia a feira de muares, local que se tornou expressão do tropeirismo.

Após essa conversa, já estavam servindo o café da manhã. Logo em seguida, por volta de 8:45 horas, a tropa já começava a se deslocar em direção a Taquarivaí. A Tropa seguiu por estradas de terra que impossibilitavam o trânsito de caminhos e carros. A caravana permaneceu no recinto até os últimos animais desaparecerem no horizonte, saindo do recinto por volta de 10 horas da manhã. Seguimos pela rodovia asfaltada até a cidade de Taquarivaí, local onde seria o próximo pouso da tropa. Antes de chegar na cidade, a caravana parou no acostamento esperando alguns caminhões que se perderam por saírem atrasados do recinto. Dada a chegada desses últimos caminhos, os caminhões e carros seguiram desfilando pelo centro de Taquarivaí, onde grande parte da população dessa pequena cidade assistia a movimentação que se fazia.

Na cidade de Taquarivaí a prefeitura cedeu um espaço aberto do lado de uma escola que serviu de pouso para a tropeada. Esse local apresentava uma boa infraestrutura, contando com banheiros químicos suficientes para atender a todos participantes, bem como um recinto de festas com um palco para shows e eventos. Apenas o chuveiro para tomar banho não existia no local, sendo que para tanto deveríamos nos deslocar até a escola.

Por volta de 14 horas os muladeiros começaram a aparecer, anunciando a chegada de toda a tropa. Mais uma vez, os muladeiros desceram de seus animais, retiraram as selas do mesmo e levaram os animais até os piquetes para que estes pudessem comer e descansar. Em seguida, funcionários da prefeitura nos informaram que na escola seria servido um almoço para os Tropeiros. Nessa escola, toda a decoração estava preparada para receber a tropeada, contando com artefatos típicos do tropeirismo em exposição, como o Pilão, a sela dos animais, os facões, entre outros. O almoço servido contava com arroz de frango, carne, mandioca e salada. Tanto o prefeito, como alguns vereadores se encontravam na escola servindo o almoço, demonstrando a receptividade dessa cidade ao evento.

Em frente à escola onde estavam servindo o almoço havia um bar onde um grupo de jovens se encontrava para comemorar o aniversário de uma jovem moradora da cidade. Como estavam oferecendo cerveja gratuitamente nesse aniversário, muitos participantes permaneceram por lá, logo fazendo amizade com os locais. A comemoração do aniversário durou até cerca de 6 horas da tarde, quando os jovens se retiraram e os cavaleiros e muladeiros que por lá permaneceram retornaram ao recinto onde estava localizado o pouso da tropeada. Por volta desse horário, era possível notar que a maioria dos

participantes estava descansando, pois a prefeitura e a organização havia prometido uma grande festa para aquela noite em homenagem aos tropeiros.

Durante o período que os tropeiros estavam descansando, foi possível conversar com o senhor Valdecir Berto, de 54 anos. Ele é agricultor e comerciante na cidade de Laranjal Paulista, tendo muita experiência nos trabalhos do campo. Participa dessa tropeada sem interrupção desde 2005, ou seja, esteve presente em todas as edições. Afirma que a sua cidade possui tradição tropeira, foi fundada dessa forma, sendo que possui primos que ainda trabalham como comerciantes de animais. Seu avô, segundo ele, viajava com tropas nesse caminho do Viamão. Portanto, para ele tem um significado muito grande participar dessa tropeada, pois membros de sua família chegaram a percorrer esse caminho. Afirma que o tropeirismo foi importante para o Brasil, pois diz que *“o Brasil foi fundado pelos muares”* (BERTO, 2013). Pelo o que seus pais e avô contavam, acredita que hoje é bem mais fácil percorrer esse caminho. Segundo o entrevistado, há um esquema de apoio muito maior hoje, sendo que há socorro na estradas caso haja algum imprevisto, coisa que não existia naquela época.

Para o entrevistado, a saída de Itararé é muito importante para aquele que participam de todo o trajeto. Segundo ele,

*toda cidade que os Tropeiro passa, ele é recebido da melhor maneira possível pela cidade, eu acho que todos ponto é importante pra Tropeada, mais quando você vem pra participar lá do início, a gente sente emoção da saída de Itararé, você sai pra ficar onze dias fora, você larga da família, você larga do emprego, larga do seu serviço, você larga dos seus afazeres em busca da Tropeada (BERTO, 2013).*

Berto, como mencionado, aponta para a satisfação de ver a alegria das pessoas nas cidades por onde passa a tropeada. Portanto, apesar de apontar Itararé como ponto para ele mais importante, afirma que todas as cidades ao longo do caminho são importantes.

De acordo com o entrevistado, até a edição passada havia um aumento significativo dos participantes da tropeada. Porém, ele notou que esse ano diminuiu significativamente a quantidade de pessoas. Quando interrogado sobre os motivos dessa diminuição, ele afirma que o custo dos animais para viajar esse ano aumentou, pois houve problemas de saúde animal no interior do Estado, como mencionado anteriormente. Segundo ele, nessa edição houve um custo de aproximadamente duzentos reais por animal que participaria, inviabilizando a participação de algumas pessoas. Como saída, ele diz que a Secretaria e os órgãos públicos deveriam ajudar mais os participantes, pois isso aumentaria a participação e a visibilidade da tropeada. Apesar disso, ele disse que a prefeitura de seu município, Laranjal Paulista, deu todo o apoio necessário para que eles participassem.

Por volta das 20 horas já era possível ver certa movimentação ao redor do salão de eventos e do palco montado em seu interior. A festa em homenagem aos tropeiros já estava para começar. A estrutura do lugar era bastante simples, mas eficiente para receber os participantes da tropeada. Havia um espaço para o baile, do lado havia uma barraca vendendo comidas como salgados, lanches e pizza, além de bebidas como refrigerante e cerveja. Em frente ao salão haviam mesas e cadeiras para refeição.

As pessoas começaram a chegar por volta de 20:30 horas, quando houve uma homenagem do prefeito e vereadores aos participantes da tropeada.

Discursaram primeiramente o Prefeito, seguido de Orailson Pereira, organizador, e em seguida participantes locais da tropeada paulista. Todos ressaltando a importância do tropeirismo no passado para o Brasil e para a região e também agradecendo a participação e a passagem pela cidade de Taquarivaí.

Em seguida, se iniciou o bailão com a apresentação de violeiros e duplas sertanejas de Taquarivaí e redondezas. Havia um grande público para esse evento, tanto dos participantes da tropeada, quanto de pessoas da cidade e de outras da região que para lá se dirigiram. A festa durou até cerca de 1:00 hora, quando praticamente todos os muladeiros e participantes já se retiraram para seus locais de pouso a fim de descansar para a jornada do outro dia.

#### 4.2.4. Taquarivaí – Bairro Bom Retiro (Itapetininga) – Segunda-feira dia 20/05.

No dia seguinte, as 6:30 horas da manhã já começavam algumas movimentações nos arredores dos caminhões de apoio, porém a maioria dos participantes da tropeada ainda dormiam devido ao prolongamento da noite passada de festas. Somente depois das 7:00 horas da manhã, quando começaram a ligar a música nos carros e caminhões, é que todos levantaram e passaram a preparar seu café da manhã. Nesse pouso não houve de manhã o café que geralmente era fornecido.

Era possível notar que os participantes estavam conversando e comentando bastante sobre a noite passada, sobre a quantidade de bebida e o

que fizeram durante a noite. Nessas conversas, foi possível notar certo código de conduta e de ética entre os tropeiros. Este envolve laços de solidariedade, de ajuda e preocupação mútua entre os tropeiros/ muladeiros. Porém, muitas vezes, essa preocupação intensa é levada inclusive para questões pessoais, extrapolando os limites da participação na tropeada. Há uma preocupação em manter a integridade do companheiro, mesmo que esse esteja muitas vezes apresentando comportamentos considerados inadequados. Esse código parece ser tão forte que permite inclusive práticas ilegais ou não aceitas, desde que essa obedeça a determinados esquemas. Um exemplo é a prostituição, ou a traição dentro de um relacionamento, que apesar de condenáveis, percebe-se que no discurso são muitas vezes aceitos, já que os participantes, tropeiros, passam boa parte do tempo longe de seus lares. Todavia, como mencionado, essa deve obedecer a certos esquemas que garantam a integridade das pessoas envolvidas.

Até o momento da saída da tropa, foi possível conversar e realizar a entrevista com dois irmãos que possuem forte histórico tropeiro em sua família. Mario Magalhães e Celso Magalhães, ambos caminhoneiros da cidade de Sorocaba – SP. O histórico familiar desses dois participantes da tropeada é bastante marcado pelo tropeirismo. Segundo contam, seu Avô era tropeiro tradicional que fazia o caminho do Viamão, indo buscar mulas e burros no Rio Grande do Sul para vendê-los na feira de Sorocaba. Seu pai, apesar de trabalhar e comercializar burros e mulas chegou a fazer poucas vezes esse caminho, na companhia de seu avô. Mario e Celso Magalhães contaram que seu avô chegou a ser bastante entrevistado por pesquisadores do Instituto Histórico e Geográfico de Sorocaba, tendo inclusive dado depoimentos também

para o Jornalistas do Cruzeiros do Sul, Jornal da cidade de Sorocaba que já dedicou várias reportagens ao tropeirismo (ver capítulo 3)(MAGALHÃES e MAGALHÃES, 2013).

Mario e Celso Magalhães ainda conservam na memória histórias contadas pelo seu avô. A primeira que ele nos conta é sobre a “*pinga na bota*”, dizendo que seu avô ajudava a trazer tropas de mulas e burros do sul até Sorocaba para um senhor, dono da tropa e que contratava seu serviço. No entanto, esse senhor não permitia bebida durante a viagem dos tropeiros, pois essa poderia desviar a atenção do contratado, fazendo com que alguns animais se perdessem durante a viagem. Seu avô, que gostava de beber “pinga”, cachaça, não poderia ficar meses sem consumir essa bebida, então encontrou uma forma de fazê-lo sem ser notado pelo patrão. Escondeu uma pequena garrafa de pinga dentro da bota e a abastecia nos pousos. Mas um dia ele foi consumir sua cachaça e se afastou da tropa, sendo seguido pelo patrão, o dono da tropa, que o surpreendeu com a garrafa na mão. Dado o flagrante, o dono pediu a garrafa para tomar também um pouco de “pinga”, mas quando esse ia virar a cachaça na boca, olhou para ele e jogou a garrafa em uma pedra, quebrando-a e deixando claro que não seria permitido consumo bebida na viagem da tropa (MAGALHÃES e MAGALHÃES, 2013).

Tanto Mario quanto Celso Magalhães (2013), caminhoneiros, se consideram os tropeiros de hoje. Eles nos dizem que os caminhões fazem, hoje, o trabalho que os tropeiros faziam no passado, carregando cargas. Ele mencionam inclusive o fato da potência dos caminhões serem medidas em HP (Horse Power), ou seja, em cavalos. Se um caminhão possui de 500HP de potência, isso significa que ele faz o trabalho que seria feito por um total de 500

cavalos. Ainda, mencionam que os postos de gasolina hoje são analogias aos pousos de tropas do passado, pois é possível encontrar praticamente todos os elementos dos antigos pousos. Há lugares para estacionar o caminhão e dormir, lugar para comer (restaurantes ou preparação da comida pelo caminhoneiro), há comércio nos postos de gasolina e também, como menciona, prostituição que existe nos postos de gasolina e que segundo ele também existia nos pousos de tropas (MAGALHÃES e MAGALHÃES, 2013).

Mário Magalhães (2013) também nos relatou o trabalho de doma de mulas e burros que são mais difíceis. Apesar de ser caminhoneiro, tem experiência no trato com os animais, tendo participado de domas. Mencionou que a mula e o burro surgem do cruzamento entre o cavalo e o jumento e são estéreis. Esses dois animais são mais resistentes, seu casco pode suportar grandes viagens, porém, sua doma é sempre um desafio. Ele conta que primeiramente há que iniciar os animais com um arreio de pano, para que não machuque a boca, fundamental para a doma. De acordo com ele, se houver algum dano, a doma fica prejudicada. Logo em seguida, passa-se para o segundo estágio, o arreio de metal, que é colocado quando o animal já se acostumou com o de pano e somente depois, num terceiro estágio, é que se começa a acostumar os animais com sela e outras “tralhas”. É um trabalho bastante intenso e que necessita de grandes habilidades por quem o faz. Ele nos conta que os rodeios surgiram dessa atividade, pois mostra a habilidade do peão no trato do animal xucro. Seria, então, uma representação da doma de um animal.

Depois da conversa com os dois irmãos, toda a tropeada já estava preparada para deixar o local. Os participantes já se encontravam enfileirados

apenas esperando a ordem para saírem em direção ao próximo pouso. Isso aconteceu por volta de 8:30 horas da manhã, quando o organizador deu o sinal para que o ponteiro seguisse o caminho destinado a tropeada.

A caravana de carros e caminhões permaneceu ainda por mais uma hora no pouso, saindo em seguida por estradas e rodovias mais movimentadas. Primeiramente nos dirigimos até a cidade de Buri, onde passamos por muitas estradas locais até chegar a um bairro rural onde seria o pouso da tropa. Porém, o organizador resolveu mudar o local de pouso, pois aquele não apresentava as condições necessárias para receber a tropeada. Não haviam instalações suficientes para todos os participantes. Portanto, seguimos direto por entre estradas rurais vicinais até o local onde seria o próximo pouso. No entanto, a metade da caravana se perdeu por entre as estradas viciais, necessitando o retorno de alguns caminhões para buscar os que ainda encontravam-se parados sem saber por onde seguir. Por conta desse imprevisto, chegamos por volta de 14 horas no Bairro Bom Retiro em Itapetininga, local do pouso daquela noite.

O local para pouso no bairro Bom Retiro era bastante adequado. Tratava-se de uma propriedade particular, que contava com salão de festas, área ampla para estacionamento e pouso e no local havia, ainda, uma capela particular para celebrações religiosas. Tudo parecia estar preparado para receber bem a tropeada, pois haviam várias pessoas dando boas vindas e assegurando que todo o espaço fosse apresentado aos participantes.

As caravanas se instalaram num grande gramado destinado ao estacionamento e pouso da tropa. Ao lado havia uma área de piquete, o potreiro que estava destinado a receber os animais para que ali se

alimentassem com a grama e permanecessem em descanso até o próximo dia. Logo após a instalação da tropas, seguimos para a realização de mais duas conversas com participantes.

O primeiro naquele pouso a dar seu depoimento foi Marco César Cordeiro, de 42 anos e natural da cidade de Curitiba/PR. Sua família é do Paraná, mais precisamente da cidade de Ponta Grossa, que estava no caminho do Viamão e que possui forte tradição tropeira. Hoje Cesar Cordeiro vive na cidade de Ibiúna, no interior do estado de São Paulo. Apesar de sua família ter origem tropeira, ele é o único que participa de tropeada. Seus avós eram criadores e comerciantes de animais, tanto de muares, quanto de gado bovino. Vinham a São Paulo para buscar gado, e traziam também mulas para serem comercializadas. Quando perguntado sobre a importância que ele atribui a tropeada, segue dizendo que *“resgata a cultura do tropeirismo e deixa aberta a memória para aqueles que vem nas próximas gerações”* (CORDEIRO, 2013).

Marco César Cordeiro é um adepto das redes sociais e em sua página no “Facebook” ele posta fotos sobre o tropeirismo e as tropeadas. Também utiliza a internet para divulgar algumas histórias relacionadas a “desbravadores” do passado, como Raposo Tavares, como ele mencionou. Afirma que gosta de divulgar essas histórias desses personagens que foram importantes, são mencionados em monumentos, mas que poucos sabem quem eram e o que faziam e por que se tornaram referência hoje (CORDEIRO, 2013)

Após a breve conversa com Marco César Cordeiro, foi possível notar uma movimentação maior no pouso. Por volta de 15:00 horas, alguns animais e tropeiros já chegavam para o pouso, o que significava que a tropa já estava se

aproximando do local. Também no local já estavam preparando o almoço para os tropeiros que estavam a caminho.

Ainda antes da chegada da tropeada foi possível realizar mais uma entrevista. Cícero Eduardo de Oliveira, de 54 anos, nascido na cidade de Salto/SP, e hoje pastor evangélico na cidade de Laranjal Paulista/SP, deu seu depoimento.

Cícero Oliveira (2013) contou que sua família sempre esteve ligada ao trabalho no campo, sendo que participa de tropeadas e romarias desde os 9 anos de idade. Apesar disso, é a primeira vez que faz essa grande tropeada por ter sido eleito como Secretário pela comissão de Laranjal, destinada à realizar a tropeada. Apesar de ter sido colocado em um lugar de destaque, ele afirma que gosta sempre de não ficar em evidência e participar como um pessoa comum. Em suas palavras, ele diz: *“eu prefiro sempre ficar por detrás, e não ter nenhum lugar de destaque, pra que a gente possa fazer com mais tranquilidade, mas eu vejo que tem a necessidade de alguém assumir”* (OLIVEIRA, 2013).

Oliveira (2013) conta que sempre participa de tropeada, sendo que nesse ano de 2013, além dessa já participou de duas, além dessa tropeada. Essa é especialmente importante, pois segundo ele, *“todas as estradas que nós estamos passando foi por onde eles passaram”* (OLIVEIRA, 2013). Mencionou também a importância dessa tropeada por lembrar o que os tropeiros fizeram há muitos anos atrás e que foi importante para o desenvolvimento econômico e cultural da região. Como foi sua primeira participação na tropeada Itararé- Sorocaba, comentou que aguardava ansioso para chegar com a tropeada em Sorocaba, pois acreditava que na chegada iria

se emocionar bastante, fazendo com que as memórias tropeiras sejam reanimadas.

Como principal dificuldade enfrentada durante o percurso, ele aponta que foi o fato de trazer apenas uma mula. Por esse motivo, ele deixou de percorrer a cavalgada em alguns trechos, pois precisava poupar seu animal que não aguentaria vencer essa distância toda descansando pouco. O caminhão trazia seu animal durante esse percurso de Taquarivaí até o Bairro Bom Retiro. Em conversa, ele contou que as estradas de hoje foram construídas em cima dos caminhos dos tropeiros. Portanto, segundo ele, essa atividade foi de extrema importância para a ligação de diversos pontos do território brasileiro (OLIVEIRA, 2013).

Com relação à quantidade de participantes, ele também observa os problemas desse ano para a inscrição e vinda dos tropeiros. Menciona que até agora ouviu dizer que a quantidade diminuiu por dois motivos que são:

*o primeiro, teve problema de mormo em Avaré, aí exigiu-se que todos fizessem exame de sangue, e exame de sangue é R\$140,00 pra cada animal, então é R\$280,00 pra cada pessoa. Então a pessoas já ficou meio receosa. O segundo problema é o período de seca que a gente tá passando, uns tem medo que o animal não aguente. Mais eles deram um bom apoio na questão de água. De dez em dez quilômetros, o carro pipa tava esperando a gente, isso nos ajudou (OLIVEIRA, 2013).*

Apesar das dificuldades apontadas por ele e por outros participantes, Oliveira (2013) também menciona o esforço da organização em superar esses entraves. Diz que a organização colocou a disposição o “carro-pipa” para fornecer água para os animais, pois nesse ano choveu menos que nos outros, o que dificultou o abastecimento de água durante a tropeada. Ainda, comentou

sobre o número pequeno de participação de jovens que segundo ele tem hoje outras preocupações e não se interessam mais por esse resgate histórico. Contou que dos cerca de 150 cavaleiros participantes, apenas por volta de 20 eram jovens, o que mostra o desinteresse.

Ao terminar a entrevista com o pastor Cícero Oliveira já era possível notar que a tropa já havia chegado e encontravam os animais se alimentando com a ração. Os participantes já começavam a levar os animais para o piquete para que lá permanecessem. Logo em seguida foram almoçar cada um com seu grupo, já que os cozinheiros já os esperavam com as comidas prontas.

Os tropeiros e muladeiros permaneceram descansando até por volta de 18:00 horas, quando começaram os preparativos para a janta e para o baile. O jantar começou a ser servido cerca de 20:00 horas. O cardápio era de arroz com carne, feijão e salada. Enquanto acontecia o jantar estava se apresentando uma dupla sertaneja local, que permaneceu até o final do mesmo. Após o jantar o proprietário do local que foi cedido fez um pronunciamento agradecendo a passagem e mostrando-se solícito a sempre receber a tropeada. Em seu discurso era possível verificar a satisfação em ser escolhido como um local de pouso, bem como era possível notar o empenho feito para bem receber os tropeiros. Terminado o pronunciamento teve início o baile que durou até cerca de 23:00 horas. Em seguida, os peões retiraram-se para descansar para a próxima etapa da jornada. Foi possível, durante o baile, agendar uma entrevista para a próxima manhã com o proprietário do local.

#### 4.2.5. Bairro Bom Retiro (Itapetininga) – Recinto Expo-Agro (Itapetininga).

Terça-feira dia 21/05.

Cerca de 6:00 horas da manhã, após uma noite de festa no bairro Bom Retiro, os tropeiros já se encontravam praticamente todos acordado e se preparando para o café que seria servido aos participantes. Já era possível verificar um intenso movimento na cozinha e no salão de festas, onde várias pessoas já preparavam as mesas para que fosse servido o café. Durante esse tempo João Ramos, proprietário do local, estava bastante entretido com os afazeres do café, mas reservou um tempo para uma conversa e registro de seu depoimento.

João Ramos tem hoje 54 anos e é empresário na cidade de Capão Bonito. É nascido nesse mesmo bairro do Bom Retiro, local do pouso da tropeada. Sua família possui tradição tropeira, sendo que seus pais e avós realizavam comércio de animais na região.

Já no início da entrevista João Ramos procurou deixar claro que sempre gosta de preparar festa e bem receber as pessoas em seus eventos. Essa sua vocação hospitaleira foi possível ser verificada tanto na recepção da tropeada, quanto nos preparativos para a janta e festa do dia anterior, bem como para o café que estava prestes a ser servido. Com suas palavras ele diz:

*Já participo direto da Tropeada, de vários eventos de Tropeada, prova de laço a gente participa. Eu adoro festa. Faço um evento todo ano pro pessoal do asilo de Itapetininga. Faz 7, 8 anos que faço, no ano de 2012 veio mais de 80 idosos, vaio 2 ônibus de Capão e 1 de Itapetininga. Ligado ao Tropeirismo, inclusive semana passada eu estive em Apiaí pegando o pessoal de Sorocaba. Tem gente que vem e acha que é cada um pra si, e eu não tenho esse dom, o ano passado, chegando em Capela do Alto, nós estávamos em 120 cavaleiros. O Prefeito, não sei quem que organiza lá, tinha 1 chuveiro*

*frio pra 120 cavaleiros tomarem banho. Esse ano o que eu fiz. Eu prometi e dei janta pra turma, que ficaram aqui. Todas as pessoas da Tropeada foi o pouso dele aqui, o fundamento é acolher o pessoal, porque eu gosto de festa e tô sempre acolhendo, tô sempre fazendo (RAMOS, 2013).*

O entrevistado acima citado mencionou que esse é o segundo ano que a tropeada passa e pouso em sua propriedade. Na edição do ano anterior a escolha para o pouso na sua propriedade foi feita de última hora, sendo que teve pouco tempo para preparar. Nessa ele se programou para receber bem os participantes e afirma que agora pretende tornar sua propriedade um pouso fixo. Para João Ramos, essa passagem é motivo de festa e celebração. Ele afirma que deixa todo seu trabalho na empresa de lado para poder se dedicar à recepção e a festa em seu pouso do tropeiro. Afirma que antes também não existia capela no local, mas que agora está sendo construída por ele em sua propriedade. Também afirma que a amizade com os companheiros de tropeada é o ponto alto do evento, pois permite encontrar e passar momentos com companheiros que compartilham do mesmo gosto e da mesma tradição (RAMOS, 2013).

Sobre a importância do caminho Itararé – Sorocaba, ele afirma que é uma referência histórica. Segundo ele era o caminho por onde passavam os tropeiros, que permitia o encontro daqueles que desciam de Minas Gerais e iam até o Sul e vice-versa (RAMOS, 2013). É possível notar que tanto ele como outros entrevistados encontram-se alinhados com relação à importância atribuída a esse trecho de Itararé a Sorocaba. Assim, o evento passa a ganhar um significado ainda maior pois essa história passa a ser parte integrante da vida desses participantes.

Ramos (2013) acredita que a maior dificuldade que os tropeiros podem encontrar durante o caminho seja o fato de que nem todos os locais encontram-se adequadamente preparados. O entrevistado diz que não são todos locais que dão comida e nem infraestrutura mínima para atender os tropeiros/ muladeiros que passam longos períodos em viagem no lombo dos burros.

O entrevistado João Ramos, como mencionado, é o proprietário do recinto e organizador do pouso no Bairro Bom Retiro. Isso se deve ao fato de ele ter esse perfil hospitaleiro, de querer receber bem a tropeada que ele considera muito importante. Porém, foi possível verificar que nos outros pousos de tropas João Ramos encontrava-se bastante articulado tanto com líderes locais, como prefeitos e pessoas de referência na tropeada, quanto com membros organizadores do evento. Também era possível perceber que ele se caracterizava como uma figura de respeito para a comunidade do Bom Retiro, sempre circulando entre os participantes e a população local que participava massivamente da festa organizada por ele, em sua comunidade. A partir daí é possível lançar alguns questionamentos com relação às intenções locais desse entrevistado com relação à parada em sua propriedade e organização a festa para todos.

O entrevistado também contribuiu com outras questões pertinentes a esse trabalho e que serão retomadas no capítulo seguinte.

No fim da entrevista, por volta de 8:00 horas da manhã, o café já estava acabando de ser servido. Já era possível perceber a intensa movimentação no gramado destinado ao pouso, pois os animais já estavam se alimentando e praticamente selados e preparados para vencer a jornada diária

de caminhada. Por volta de 9:00 horas o ponteiro se preparou e a tropa se arranjou por detrás do mesmo, apenas aguardando o sinal para saírem em cavalgada. Dez minutos mais tarde a tropeada deu início a sua jornada diária, ficando no pouso apenas a caravana que ainda não havia terminado de recolher os instrumentos e se preparar para tomar as estradas em direção ao próximo pouso.

Somente 10:30 horas é que os primeiros caminhões começaram a deixar a propriedade em direção à cidade de Itapetininga, mais especificamente no recinto onde é realizada a exposição anual agropecuária, o recinto Expo-Agro.

A caravana de caminhões chegou por volta de 15:00 horas ao recinto de exposições. Nesse momento, os caminhões e carros começavam a se instalar, preparando-se para receber os tropeiros que já estavam a caminho. Nesse dia não foi oferecido almoço nem janta no pouso de Itapetininga, sendo que cada caravana ficou responsável por preparar sua própria comida.

Enquanto praticamente todos preparavam o almoço, foi possível realizar um breve recorrido por entre os caminhões de apoio e comitivas. Percebe-se que há uma diferenciação bastante grande entre eles, o que mostra que o grupo não é social e economicamente homogêneo. Havia muitos caminhões pequenos e antigos porém, alguns, se destacavam. Havia caminhões extremamente equipados que funcionavam como trailers com todas as estruturas e serviços fornecidos por um pequeno apartamento, inclusive, em um deles, um sistema portátil de televisão paga por satélite. Os animais também recebiam tratamento diferenciado nesses caminhões, sendo que

havia espaços destinados a levarem os animais separados sem que entre em contato entre eles, o que poderia causar danos aos mesmos.

Durante o período que os caminhoneiros e o pessoal do apoio ficaram estacionados, foi possível notar que eles tinham como distração contar histórias populares que eles conheciam. Mario Magalhães (2013), por exemplo, contava que numa vila rural na cidade de Itapetininga havia um galo da igreja local que era estimado pela comunidade. Esse animal ia todo ano para leilão e sempre que era arrematado pelo valor mais alto, aquele que deu o lance escolhia por não levar o galo para que esse continuasse sendo leiloado nos próximos anos. Dizia que o animal já havia rendido cerca de R\$ 15 mil reais para a igreja. Porém, naquele ano um senhor embriagado arrematou o galo e resolveu pregar uma peça na comunidade, matando-o no palco, na frente de todo mundo, em sinal de desrespeito aos que se afeiçoavam ao animal. Segundo Mario, logo que fez isso, a comunidade primeiramente ficou em choque, mas depois se juntaram para dar uma lição e espancar o senhor que, segundo ele, havia faltado com respeito com toda a comunidade e com a igreja.

A tropeada chegou ao recinto por volta de 15:30 horas e seguiram com os preparativos dos animais para levá-los ao piquete e depois se dirigiram para o almoço, cada qual com sua comitiva ou associação. Depois do almoço o grupo se dispersou bastante, pois o recinto de exposições era bastante amplo e localizava-se num acesso muito fácil à cidade de Itapetininga.

A janta fornecida pela prefeitura saíria bastante tarde, apenas após as 21:00 horas. Então, era possível verificar que algumas comitivas estavam fazendo seu churrasco e não tinham a intenção de jantar com os demais

participantes no salão. A janta seguiu até cerca de 22:00 horas, quando os últimos que estavam no salão passaram a se dirigir à suas comitivas e associações, onde continuaram a festa ao som de música sertaneja. Permaneceram em festa até cerca de 1:00 hora da manhã, quando grande parte do grupo retirou-se para dormir nas “cocheiras” do recinto da Expo-Agro.

Nesse pouso de Itapetininga a tropeada permaneceria por mais um dia antes de seguir com sua jornada, pois ali seria comemorado, no dia seguinte, o Dia Nacional do Tropeiro (22/05).

O dia 22/05/2013 foi estabelecido como dia de descanso da tropa e comemoração ao Dia Nacional do Tropeiro. Portanto não haveria viagem da tropeada, apenas algumas comemorações que seriam feitas no recinto.

Por volta de 7:00 horas da manhã os peões começaram a se levantar e a permanecer junto de seu grupo, sem a necessidade de pressa para preparo do animal da tralha para viagem. Como seria um dia de descanso, a movimentação de pessoas e animais estava mais lenta. Apenas por volta de 8:00 horas da manhã foi possível ouvir algumas músicas sertanejas que começavam a ser tocadas pelos carros e caminhões.

O café da manhã naquele dia foi servido depois de 8:30 da manhã. A prefeitura de Itapetininga se encarregou de levar os insumos para os tropeiros. Havia, no café, pão com margarina a vontade e café com leite.

Terminado o café da manhã no salão de festas do recinto da Expo-Agro, os participantes voltaram para seus grupos para esperar a missa de ação de graças que aconteceria por volta de 11:00 horas da manhã.

Ainda antes da missa foi realizada uma entrevista com Benedito Pereira - mais conhecido como Castelo - da cidade de Pilar do Sul – SP. Com

53 anos de idade, Pereira é domador de cavalos em sua cidade. É filho e neto de tropeiros, sendo que acompanhou pouco as viagens com seus ancestrais. De acordo com o que viveu e do que seus avós contam, afirma que a vida de tropeiros era bastante difícil, pois esses precisavam desbravar os locais por onde passavam e não contavam com muita assistência ao longo do caminho. Se algo ocorresse, eles teriam que resolver sem a ajuda de aparatos técnicos e de tecnologia que hoje tanto auxilia. Mencionou que

*A vida de Tropeiro é uma vida gostosa, mais muito sofrida. Agora, hoje a coisa melhorou, tem o celular pra você anda, entra em contato. Antigamente, você não tinha celular na mão, não tinha contato, andava no mata, improvisando, fazendo buraco no chão pra você cozinhar na estrada. Hoje facilita, tem o caminhão de apoio, antes era na cangaia, em cima da costa dos burros, descarregando as comida. Comprava carne seca pra colocar no lombo dos animais, porque não tinha geladeira, não tinha nada, pra charquear na estrada e fazer sua comida (PEREIRA, 2013).*

Ele afirmou que sempre participa de tropeadas e que esta é muito importante por refazer o caminho dos antigos tropeiros. Ele afirma que essa tropeada em específico deve sempre continuar existindo, pois ela é muito importante. Pereira menciona ainda que busca sempre incentivar e apoiar os jovens para que estes passem a se interessar pelo tropeirismo e a desenvolver o gosto para fazer essas tropeadas. Afirmou que na região de Pilar do Sul as crianças estão cada vez se interessando mais, isso pelo trabalho que é feito de incentivo. Com as palavras do entrevistado, ele diz que estão “*puxando eles pro lado da gente, principalmente a mulecada que tá meio desandada pro lado errado, a gente tá puxando ele pra uma coisa boa. Porque o tropeirismo é*

*companheirismo. Se um tropeiro fala que é tropeiro, ele é companheiro” (PEREIRA, 2013).*

Em seu depoimento, ele insiste sobre a necessidade de fazer trabalho com os mais jovens. Continua dizendo que

*Eu acho que Tropeirismo deveria ser cada vez mais forte pra puxar a criançada pra não deixar morrer uma coisa, uma raiz que tem que brotar cada vez mais. As criançada tem que sair das coisas ruim e entrar nisso daqui, porque isso daqui é uma educação que você não imagina. Tem que ser companheiro nas horas difíceis em nas horas boas. Então tropeirismo é companheirismo. Tem o Tropeiro e o atropelado. O atropelado que a gente fala é o cara que vai na Tropeada e fica sapecado correndo atrás da tropa, você vai pro percurso e ele fica lá atrás, ele judia do animal no caminho pra alcançar. O Tropeiro ele anda, ele cuida do animal. O atropelado é aquele que anda correndo atrás (PEREIRA, 2013).*

Como insiste o entrevistado, tropeiro é sinônimo de companheiro e por isso deve ser incentivado. Ele faz a diferença entre o que ele chama de “tropeiro” e “atropelado”. O último seria aquele que só atrapalha e faz com que a tropa fique dispersa. Aquele também que maltrata os animais em grande sinal de desrespeito com a tropa.

Pereira menciona que com a ajuda de Orailson Pereira, organizador do evento, eles conseguiram montar a Associação Tropeira de Pilar do Sul, cidade com forte tradição tropeira. Ele menciona que lá ainda é possível encontrar tropeiros ainda atuando como comerciantes de animais.

Na tropeada, Benedito Pereira foi com a função de “Dono ou patrão da Tropa”, ou seja, aquele que está encabeçando a tropa. Foi ele quem participou das reuniões para escolha do trajeto e para organização da tropeada. Também é Benedito Pereira o responsável pelo grupo de Pilar do Sul, devendo

assegurar que tudo ocorra bem com os pilarenses durante os dez dias de tropeada.

Benedito Pereira também aponta uma curiosidade sobre o trajeto. De acordo com ele, o itinerário das tropas era diferente desse praticado pela 8ª Tropeada Paulista. Ele afirma que a rota está desviando um pouco, pois depois de Itapetininga está programado pouso em Tatuí, Iperó (fazenda Ipanema) para depois chegar em Sorocaba. Ele afirma que Pilar do Sul fazia parte do antigo caminho do Viamão, sendo foco do tropeirismo e esse trajeto não está passando por lá. Diz que o caminho original saía de Itapetininga, passava em Sarapuí – SP, e seguia por Pilar do Sul, Salto de Pirapora para então chegar em Sorocaba. Esse trajeto estaria desviando para algumas cidades ao norte desse antigo caminho e que não possuem tanta tradição tropeira como esses mencionados por Benedito Pereira. Ele afirma que que isso se deu devido ao fato de em Pilar do Sul – e nas outras cidades do caminho – não existir ainda estrutura para recepção da tropeada, como piquete e local para pouso destinado pela prefeitura. No entanto, ele afirma que no próximo ano o município já estará preparado para se tornar um pouso da próxima edição da tropeada paulista (PEREIRA, 2013)

Finalizando a entrevista por volta de 10:45 horas, já era possível notar alguma movimentação em torno do salão de festas que agora estava preparado para a celebração da missa de ação de graças. Havia um padre católico para a celebração, já que a grande maioria dos participantes eram dessa religião, tendo no catolicismo popular sua fé maior.

Era possível notar que os participantes da tropeada levavam sua tralha para serem abençoadas pelo padre. Até esse momento não havia ocorrido

missa ou celebração religiosa, o que demonstra que a tropeada pouco está ligada com alguma crença religiosa. Somente essa celebração, até o momento, reuniu grande parte dos participantes em torno dessa fé. A missa foi organizada pelo pessoal do pouso de Itapetininga e foi filmada e fotografada por veículos de comunicação regional (Fotografia 3).



**Fotografia 3.** Missa no pouso de Itapetininga.  
FONTE: Trabalho de campo (2013).

Durante a missa as orações e sermões eram todos direcionados aos tropeiros e suas atividades. Destacando sua bravura e coragem para percorrer e vencer longos caminhos.

Logo após a missa foi oferecido um almoço para todos que estavam ali presentes. Como cardápio havia arroz e feijão tropeiro com farofa e salada. Logo após, grande parte dos participantes se retiraram para descansar com seu grupo, em seus carros e caravanas. Foi possível notar que os participantes tem na prática do “rolo” (negócios feitos através de trocas de equipamentos e animais) um grande prazer. Foi possível saber que até o momento alguns animais já haviam sido trocados e negociados entre os participantes, que se orgulhavam dos bons negócios que estavam fazendo ao longo do caminho.

Também haviam alguns comerciantes de “tralhas” (artefatos utilizados na selagem dos animais), que vendiam a preços bastante altos artigos do século XVII e XVIII. Esses despertavam bastante interesse dos participantes, pois eram visto como artigos que lhes daria maior respeito e status enquanto tropeiros, pois suas tralhas eram “originais” e únicas. Havia argolas de ferro fundido que chegavam a valer mais de R\$ 2.000 reais o conjunto, apenas por serem de épocas bastante remotas. Havia dois negociantes dessas tralhas que exibiam suas mercadorias em todos os pousos. De acordo com esses comerciantes, essas mercadorias eram compradas por eles pela internet (Fotografia 4).



**Fotografia 4.** Tralhas sendo comercializadas entre participantes da tropeada.  
FONTE: Saída de Campo (2013)

Depois de uma tarde onde foi possível verificar muitos negócios sendo feito entre os participantes, foi servida a janta por volta de 19:00 horas. Depois, os participantes voltaram para seus pousos para terminar a noite e descansar para o próximo dia que continuaria a viagem da tropeada. Nessa noite não houve baile ou festa organizada no pouso. Apenas algumas comitivas faziam seu próprio churrasco sem despertar muito a atenção dos outros, possibilitando o descanso dos participantes.

#### 4.2.6. Recinto Expo-Agro (Itapetininga) – Tatuí – Quinta-Feira dia 23/05.

Os muladeiros começavam a acordar no recinto por volta de 5:30 horas da manhã, quando já preparavam o café para enfrentar o caminho até o próximo pouso. Apesar de alguns preparem seu desjejum por conta, o pessoal responsável pela organização local forneceu também o café da manhã, que começou a ser servido por volta de 6:00 horas da manhã. Por volta de 6:45 horas já estavam todos se preparando para a cavalgada diária. Alguns já estavam com seus animais selados e preparados para seguirem, mas ainda haviam aqueles que nem com os animais estavam.

Portanto, no tempo que restava para que todos aqueles que iam participar da cavalgada se arrumassem, foi possível recolher o depoimento de Paulo Campos Leite, de 58 anos e natural da cidade de Tietê – SP. Hoje Paulo vive na cidade de Tatuí e desempenha a função de comerciante, tendo uma loja agropecuária na cidade. Paulo Leite também é um dos encarregados para organização da tropeada em Terra, ou seja, ele é quem prepara todos os serviços e atendimentos necessários para que a tropeada se desloque por terra, como o serviço de abastecimento de água para os animais, por exemplo.

Paulo Leite (2013) nos contou que esse é o 6º ano que ele participa da tropeada paulista, sendo que a considera a mais importante. Portanto, sempre separa esse período para permanecer fora de suas atividades na cidade de Tatuí e permanecer na tropeada durante 10 dias. Sua família tem origem e tradição tropeira e seus ancestrais levavam animais em vários pontos do estado para comercializar. Ele afirma que sempre tiveram criação de muares e

cavalares. Ele é incisivo quando afirma que só faz essa tropeada quem tem origem tropeira.

Além da importância histórica, ele menciona que a tropeada é também uma forma abstrair dos problemas diários. Comenta que

*Isso aqui é uma terapia, você esquece dos problemas. Estamos revivendo o passado. Não estamos igual aos tropeiros antigos, mas o percurso é o mesmo. Nós somos Tropeiros modernos, eles eram Tropeiros que nós tínhamos que tirar o chapéu, não tinha recurso, tinha que fazer a queima do alho pra vacinar, ele aumenta a imunidade no organismo (LEITE, 2013).*

Assim como outros entrevistados, Paulo deixou claro o respeito que tem com relação aos tropeiros do passado. Afirma que hoje é muito mais fácil, pois contamos com serviços e benfeitorias que não existia no passado.

O entrevistado menciona também a “queima do alho”, tradição nas festas e tropeadas que buscam resgatar a memória tropeira. De acordo com o entrevistado, o alho possui princípios que auxiliam a proteção do corpo contra doenças, então a queima do alho seria uma forma de vacina que o tropeiro encontrou, para proteger-se de doenças que pudessem acometer seu corpo.

O fato de ser um comerciante autônomo lhe garante certa flexibilidade em sua agenda, o que faz com que ele participe também de outras cavalgadas pela região. Apesar disso, ele menciona também que essa de Itararé a Sorocaba é a mais importante devido ao caminho percorrido por ela que é referência para o tropeirismo. Ele menciona que os caminhos abertos pelos índios, que logo serviram aos tropeiros, são os precursores das ferrovias e estradas que possibilitaram o aparecimento de vilas e cidades. Ao comentar

sobre isso, Paulo se refere ao Tropeiro como “Semeador de Cidades”, pois por onde passava demandava o aparecimento de serviços para abastecer os pousos e os tropeiros. Portanto, menciona que o tropeirismo foi de extrema importância para o Brasil e por isso deve ser lembrado e revivido (LEITE, 2013).

Apesar do que comentou sobre a importância do tropeirismo e da tropeada, ele afirma que o número de participantes vem diminuindo pois os jovens não se interessam mais pela atividade. De acordo com Paulo, grande parte dos jovens muitas vezes tem curiosidade e interesse, mas que isso não é desenvolvida. Segundo ele, ainda faltam incentivos e investimentos para que esse interesse desperte e possa levar a juventude da região a participar (LEITE, 2013).

Finalizando a entrevista, ele menciona que o trecho que ele considera mais importante e mais bonito é quando a tropeada passa por Buri em direção a Itapetininga. Nesse trecho há pouca transformação urbana na paisagem, o que a deixa mais marcada por elementos naturais. Portanto, ele comenta que nesse trecho é como se houvesse uma volta ao passado, nos tempos em que a tropa passava pelos campos e bosques ainda pouco explorados (LEITE, 2013).

Terminada a entrevista a tropeada estava já preparada e em posição para seguir sua jornada. Mais dez minutos se passaram e às 7:45 horas a tropeada se colocou em marcha em direção ao município de Tatuí. Porém, antes de chegar, os participantes da tropeada e as caravanas de apoio fariam uma parada no município de Alambari para almoço.

A caravana de carros e caminhos chegou por volta de 9:30 horas em um rancho particular no município de Alambari. O local estava bem equipado

para receber a tropeada, pois contava com um pequeno bar para vender e servir bebidas, um palco para discurso e apresentação, bem como várias mesas para atender a todos.

A tropeada chegou no recinto por volta de 11:45 horas da manhã. Seguiram para amarrar seus animais nas cercas da propriedade para evitar que esses escapem para a estrada. Logo após, todos seguiram para a fila do almoço que já estava preparado. Antes de começarem a servir o almoço algumas autoridades do município de Alambari discursaram agradecendo a presença e ressaltando a importância do evento para o município. Falaram o prefeito, a primeira dama e vereadores do município. Em seguida começaram a servir o almoço com cardápio tropeiro de arroz, feijão tropeiro, salada, carne e farofa.

Por volta de 14 horas a tropa já estava se preparando para seguir em viagem até a cidade de Tatuí. Saíram por volta de 14:15 horas em um dos únicos trechos que passava por estrada asfaltada (Fotografia 5).



**Fotografia 5.** 8ª Tropeada paulista se deslocando em trecho asfaltado  
FONTE: Saída de campo (2013)

A caravana de carros e caminhões permaneceu ainda no local por mais cerca de meia hora, quando saíram também na mesma estrada em direção a Tatuí – SP. Chegaram nesse município, no pouso, por volta de 16:00 horas. O local destinado ao pouso nessa cidade foi o Centro de Cultura Tropeira de Tatuí. O espaço era muito amplo e bastante equipado. Havia barracas vendendo comidas e bebidas, bem como palco para celebração de uma missa que estava programada.

Os primeiros muladeiros chegaram no pouso 18:15 horas e seguiram com o trato com os animais, levando-os até o piquete para descanso. Logo após todos estarem prontos e os animais já em seus locais de descanso, teve

início por volta de 19 horas uma missa em ação de graças aos tropeiros. Essa missa foi feita por um padre de uma paróquia de Tatuí. Poucos participaram da missa, pois o espaço para a mesma estava vazio. Essa área somente começou a receber um fluxo maior de pessoas quando começaram a servir a janta que foi organizada pela prefeitura.

Após a janta, apresentaram-se duplas sertanejas locais que animaram a festa até por volta de meia noite, quando grande parte dos participantes se retirou para descanso. Nessa festa a grande maioria dos que estavam presentes eram os próprios participantes da tropeada. A população do município pouco participou desse evento, ao contrário do que aconteceu em outros pousos.

#### 4.2.7. Tatuí – Fazenda Ipanema (Iperó) – Sexta-Feira dia 24/05

Logo pela manhã no pouso de Tatuí, por volta das 6:00 horas, quando iniciara o café da manhã nesse pouso, era possível verificar que haviam chegado outras comitivas da região não estavam durante o caminho percorrido até ali. O pouso de Tatuí foi um ponto de encontro para recepcionar algumas comitivas que vinham da região de Botucatu para participar do que restava da tropeada.

Durante o café era possível notar que a movimentação no trato com os animais já estava grande. Os organizadores já haviam deixado o recinto antes mesmo do café, pois no próximo pouso ocorreria, durante o toda manhã e

tarde, o “II Seminário Nacional Técnico-Científico de Tropeirismo e Turismo Rural”, na fazenda Ipanema no município de Iperó – SP.

Após a preparação dos animais para a jornada daquele dia, não tardou para que os tropeiros/ muladeiros deixassem o recinto do Centro de Tradições Tropeiras em direção à fazenda Ipanema. A caravana de carros e caminhões seguiu, então, em direção a Fazenda Ipanema por estradas asfaltadas da região.

A caravana de carros e caminhões chegou ao pouso por volta de 9:00 horas da manhã. Seguiram para se fixar num espaço aberto longe de onde ocorreria, dentro de instantes, o Seminário sobre o Tropeirismo. Portanto, o pessoal das caravanas de apoio não participaria desse evento, nem mesmo os tropeiros. A tropa chegaria apenas no fim da tarde no local, após o encerramento das atividades do Seminário, pois ainda passariam em uma propriedade no município de Boituva – SP, onde seria servido a eles um almoço.

Por volta das 9:30 da manhã ainda não havia começado o Seminário, mas estavam servindo um café da manhã para os participantes. No geral, os que ali estavam eram pessoas da região ligadas a entidades turísticas e que buscavam entender melhor o que era o tropeirismo e discutir as possibilidades turísticas desse resgate histórico.

Somente depois das 10:00 da manhã que se deu início ao evento, sendo que Orailson Pereira, organizador da tropeada, foi quem iniciou os trabalhos de abertura do evento, apresentando as autoridades presentes. Como representantes maiores estavam ali o Deputado Estadual João Caraméz e a Deputada Federal Iara Bernardes, bem como membros da Câmara de

vereadores de Sorocaba e Iperó. Apesar do apelo Científico que tentou-se dar ao evento, foi possível verificar que a preocupação maior foi a de discutir e avançar com ideia de transformar a cultura tropeira e as tropeadas em uma mercadoria turística, permitindo uma alternativa de renda aos pequenos municípios da região.

A mesa primeiramente foi composta pelas autoridades presentes que discursaram e em seguida receberam certificados e placas de homenagens por parte da organização da tropeada. Logo que foi desfeita a mesa de autoridades houve uma pequena pausa para lanche. Essa pausa durou pouco e logo a mesa foi novamente formada com pesquisadores e pessoas que trabalham com o turismo rural e com a possibilidade de inserção do tropeirismo dentro dessa preocupação.

Geraldo Bonadio, pesquisador do tropeirismo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba foi o primeiro a apresentar suas contribuições. Explanou sobre o ciclo do tropeirismo e sua importância para o Brasil, apontando para Sorocaba e a forma como essa foi produzida pela atividade tropeira. Em seguida, foi a vez de Ocílio Ferraz, que tratou do tropeirismo no Vale do Ribeira e suas semelhanças com o tropeirismo na região de Sorocaba, bem como apresentou alguns artigos artesanais ligados ao tropeirismo e que se tornaram um atrativo turístico na sua região. Em seguida seguiu Eleni Vieira explanando sobre o turismo rural e as possibilidades dessa modalidade.

Finalizando a mesa de pesquisadores e técnicos, foi a vez do Senhor Carlos Solera explanar sua preocupação em transformar o Homem Tropeiro como um Patrimônio Imaterial do Brasil e, posteriormente, Patrimônio Cultural

da Humanidade. Ele é presidente do NATA (Núcleo de amigos da terra e água), entidade que juntamente com a Universidade de Girona, na Espanha, encabeçam essa ideia. Ele apresentou os resultados obtidos no Seminário Internacional de Tropeirismo, realizado no distrito de Ipoema em Itabira – MG, que resultou na Carta de Ipoema.

A carta de Ipoema busca identificar as necessidades para a realização do projeto Tropeiro Brasil, que culminaria no reconhecimento do Homem Tropeiro como patrimônio. A figura 8 apresenta os passos necessários para consolidação do Tropeirismo e do Projeto Tropeiro Brasil

- a) conformar um Grupo de Estudos, Pesquisas, Promoção e Sensibilização sobre o Tropeirismo, formado por pessoas e instituições públicas e privadas, que possam dar o suporte necessário para a consecução dos objetivos do projeto Tropeiro Brasil;
- b) formar comissões de trabalho organizadas em TEMAS e/ou REGIÕES brasileiras, dos quais se destacam a cultura, o turismo, a educação (pesquisas em Escolas/Universidades), a iniciativa privada (formatação de produtos), meio ambiente, botânica e medicina, entre outros importantes legados do tropeirismo;
- c) considerar as particularidades e características das diferentes regiões brasileiras: Viamão – Sorocaba; Sorocaba – Diamantina; Diamantina – BA - Piauí, dentre outros;
- d) buscar apoio do Governo Federal, dos Governos Estaduais e Municipais, por meio de suas instituições;
- e) aliar a isso, também, entidades do Terceiro Setor e Iniciativa Privada;
- f) desenvolver o Plano Estratégico Tropeiro Brasil, a ser coordenado pela NATA;
- g) realizar mapeamento do tropeirismo no Brasil, identificando seus elementos culturais, materiais e imateriais;
- h) realização de seminários regionais sobre Tropeirismo;
- i) trabalhar regionalmente por meio de grupos de trabalho locais;
- j) realizar o levantamento de pesquisadores e pesquisas sobre o tropeirismo no Brasil, reunindo a bibliografia sobre o tema em um banco de dados integrado;
- k) promover um amplo inventário brasileiro sobre o Tropeirismo;
- l) valorizar e auxiliar o desenvolvimento de Museus e Casas de Memórias temáticas sobre o Tropeirismo;
- m) estimular o desenvolvimento de produtos diversos, como pedagógicos, turísticos, culturais, vestuário, documentários, publicações escritas, musicais, e outros mais, com temas relacionados ao Tropeirismo;
- n) trabalhar na definição de elementos que comporiam o que se poderia caracterizar como “festa tropeira”;
- o) buscar o apoio dos meios de comunicação para a divulgação do Tropeirismo;

**Figura 9.** Trecho da Carta de Ipoema.  
FONTE: Tropeiro Brasil (2010).

A iniciativa acima apresentada por Carlos Solera, presidente do NATA, foi bem vista e aceita. Reconheceu-se a necessidade de seguir os passos que estão expressos na Carta de Ipoema.

Terminada as apresentações, seguiram-se para a confraternização, onde pesquisadores, técnicos e autoridades conversavam sobre as possibilidades para o turismo na região. Há um consenso muito grande sobre a necessidade de atribuir o tropeirismo como a vocação turística para os municípios do sudoeste paulista, tendo Sorocaba como o centro, ou seja, seria a capital tropeira do estado.

Essa discussão sobre o turismo recai somente sobre as pessoas ligadas a organização e sua articulação com as autoridades. Apesar do benefício que o turismo pode trazer para divulgação e perpetuação da tropeada, essa discussão não está presente entre os participantes que a realizam apenas para resgate e fortalecimento da cultura e da memória tropeira.

As pessoas que estavam somente envolvidas no seminário deixaram a Fazenda Ipanema por volta de 16 horas. Somente uma hora depois é que os primeiros cavaleiros começaram a apontar no horizonte. Os muladeiros que iam chegando já seguiam para o local de pouso, afastado da sede da fazenda e da casa de armas que havia abrigado o evento. Em seguida, seguiam para suas comitivas e associações esperando a janta que seria servida no local do pouso por conta da Prefeitura Municipal de Iperó. Por volta de 19 horas começou a ser servida a feijoada que havia sido preparada.

Após a janta o local de pouso recebeu um caminhão de som que animava todos que já bebiam muito. A maioria dos participantes conversava e confraternizava com seu próprio grupo. Nesse local era possível verificar que haviam muitos jovens da região que apesar de não estarem participando da tropeada, para lá se dirigiram por apresentar esse interesse pela tropeada.

Durante o período após o jantar conversamos com Manoel Francisco de Sá, da cidade de Tatuí – SP. Médico de profissão, o entrevistado afirma que sua família possui origem e tradição tropeira. Apesar disso, ele é o único que participa desses eventos de tropeada. Seus avós faziam viagens para comercializar animais na região, portanto, ele menciona que há uma herança tropeira que o impele a participar.

É a primeira vez que ele participa dessa tropeada paulista de Itararé a Sorocaba. Apesar disso ele realiza cavalgadas menores como, por exemplo, a que vai até Pirapora – SP. Segundo o entrevistado *“a importância é reviver as nossas origens e fazer um círculo maior de amizade”* (SÁ, 2013). Afirma conhecer a importância dessa rota da tropeada, mencionando o fato de ser esse o trecho paulista que era parte do caminho que vinha do Rio Grande do Sul em direção a Sorocaba. Segundo o entrevistado, o caminho não é muito fácil, mas que lhe traz grande satisfação poder realizar todo o trajeto principalmente pela amizade que se faz durante essa jornada. A relação com o animal também é lembrada, sendo que relata que tanto homem como animal são interdependentes durante a tropeada. Sem um deles, o outro não consegue completar a percurso (SÁ, 2013).

Manuel Francisco de Sá (2013) afirma conhecer pessoas que ainda trabalham comercializando e levando animais pelas estradas. Disse que em Tatuí ainda existem alguns poucos que realizam essa tarefa, mas que o número vem diminuindo. Apesar de sua profissão de Médico não se ligar diretamente ao trabalho no campo, ele menciona que faz questão de se organizar para participar de tropeadas.

Terminada a entrevista já era possível notar que o movimento diminuía com relação há uma hora. Ainda estavam em festa os jovens da região que se dirigiram somente a esse pouso para participar da festa. A grande maioria dos participantes já estavam dormindo por volta de 23:30 horas. O som e as pessoas ainda permaneceram por mais uns 30 minutos, quando todos se retiraram para dormir. Os tropeiros/ muladeiros foram para seu pouso enquanto que os outros deixavam a área da Fazenda Ipanema.

No outro dia estava programada a chegada em Sorocaba, ponto final da tropeada em que haviam atividades e atrações agendadas ao longo de dois dias.

#### 4.2.8 Fazenda Ipanema (Iperó) – Sorocaba – Sábado dia 25/05.

No dia seguinte 25/05 os tropeiros/ muladeiros levantaram por volta de 6:00 horas da manhã, quando já estava sendo preparado o café para logo mais ser servido. Enquanto isso, os animais estavam sendo selados e preparados no gramado em frente ao local de café.

Naquele dia a tropeada ainda passaria pela cidade de Araçoiaba da Serra, antes de chegar a Sorocaba. Portanto, depois do café que foi servido as 7:00 horas da manhã, todos já começavam a se preparar para a saída e cumprimento da jornada diária.

Logo após a saída da tropeada, era possível ver que o pessoal que estava dando apoio às comitivas e associações permaneceram ainda limpando sua área a arrumando os equipamentos para que estes fossem alocados nos

carros e caminhões. Somente por volta de 9 horas da manhã é que iniciou uma movimentação para deixarem as dependências da Floresta Nacional de Ipanema.

Pouco tempo depois, todos já tomavam o caminho de terra que liga a Fazenda Ipanema até a estrada asfaltada que daria em Sorocaba. Já não havia participantes da tropeada nas dependências do pouso.

Os carros e caminhões chegaram ao pouso de Sorocaba por volta de 10:30 horas da manhã e seguiram para estacionar no local destinado que foi o antigo matadouro municipal de Sorocaba. Esse espaço era bastante amplo e asfaltado. Possui infraestrutura instalada de banheiros, área ampla de chuveiros para banho e também cozinha para atender a todos. Estava sendo preparado um churrasco de chão que seria servido junto com a janta daquela noite. Naquele dia a prefeitura não forneceu o almoço e distribuiu vale-refeição para os participantes que fossem jantar no local. Ali as caravanas de apoio permaneceram instaladas esperando a tropa que partira da Fazenda Ipanema.

Como mencionado anteriormente, antes de chegar em Sorocaba a tropeada passou pelo município de Araçoiaba da Serra, onde foram recebidos e homenageados por autoridades locais. Depois dessa breve parada, seguiram em direção a Sorocaba, chegando à área urbana do município por volta de 11:30 horas, quando seguiram para o Largo do Divino, local de referência para as antigas feiras de muares que eram realizadas no município. Lá receberam foram recebidos por um padre local que prosseguiu com oração e benção aos participantes da tropeada (Fotografia 6).



**Fotografia 6.** Benção aos tropeiros no largo do Divino em Sorocaba – SP  
FONTE: Saída de Campo (2013)

Logo em seguida as tropas tomaram novamente as ruas de Sorocaba, passando por vias que eram caminhos de tropeiros no passado até chegar ao antigo matadouro, local onde toda a caravana esperava. Seguiram para o trato dos animais que haviam cumprido essa longa jornada. Deixaram os mesmos no piquete improvisado ao lado da área asfaltada do matadouro, seguindo dali para o almoço com suas comitivas e associações.

Logo após o almoço os participantes puderam ficar um longo período da tarde em descanso, pois não havia tanta movimentação nas áreas comuns do matadouro. Foi possível notar que alguns grupos que realizaram a tropeada completa já haviam voltado para seus municípios, pois a meta de atingir Sorocaba fora cumprida. Porém, ainda restavam comemorações previstas até o próximo dia.

O movimento no recinto retomou apenas por volta de 19 horas, quando já começavam a organizar a mesa para a janta que seria servida. No cardápio havia arroz, feijão tropeiro com mandioca e churrasco de costela que ficara assando o dia inteiro no fogo de chão. Essa janta foi cedida pela prefeitura de Sorocaba, porém, era cobrado daqueles que não participavam da tropeada, ou seja, quem não estivesse ligado a uma comitiva ou associação. O movimento do jantar perdurou por cerca de uma hora.

Em seguida, um vereador e a primeira dama de Sorocaba discursaram no palco improvisado, anunciando uma dupla sertaneja e um coral de música caipira que iria animar a noite dos tropeiros. Porém, como ao lado do recinto acontecia a Festa Junina Beneficente de Sorocaba, a maioria dos participantes preferiu para lá se dirigir. O local durante as apresentações estava vazio.

Durante esse período mais tranquilo, Paulo Duarte dos Santos aceitou conversar e dar seu depoimento. Ele possui hoje 56 anos e é presidente da Associação de Cavaleiros e Muladeiros de Itapetininga. Ele afirma que sempre esteve em atividades de cavalgadas e tropeadas, sendo que fundaram o “Clube de Cavaleiros de Itapetininga” em 2004 que foi transformado recentemente na Associação de Cavaleiros e Muladeiros (SANTOS, 2013). Essa mudança insere-se no surgimento dessas associações que buscam resgatar o tropeirismo em todo o estado de São Paulo. Nota-se que esse fôlego tomado pelas iniciativas de resgate da cultura tropeira refletiu na criação dessas entidades que se articulam para garantir a realização desses eventos.

O entrevistado participou de todas as edições da tropeada paulista. Seu interesse nessa atividade se dá ao fato de que desde criança sempre esteve envolvido nesse meio criatório e de comercialização de animais. Seu pai

desenvolvia esse trabalho e ele, quando criança, sempre o acompanhava em suas andanças pela região. É uma tradição e um gosto que passa de pai para filho. Paulo também nos diz que seu filho também desenvolveu o gosto pelo trato com os animais, tanto que já participou dessa tropeada em edições anteriores. Porém, o trabalho de seu filho não lhe permite que esteja mais envolvido. Hoje já tenta transmitir o gosto e a tradição para o neto (SANTOS, 2013).

Ele afirma ter grande satisfação em realizar essa tropeada todos os anos. Segue nos contando que

*Sinceramente a gente volta pra casa e muda o comportamento, o temperamento da gente. Inclusive tem um amigo meu, que é da Associação da gente, que faz hemodiálise [...]Ele participa de carro ajudando, servindo bebida pra gente, colocando um sonzinho pra gente. Ele fez hemodiálise e hoje e o médico ficou bobo de ver o resultado e perguntou o que aconteceu. Ele disse que foi na cavalgada, tropeada, tomou cachaça, duas lata e meia de cerveja, feijão gordo e arroz de carreteiro. O médico disse: poxa vida, eu tenho que mudar o medicamento seu, e continuar com a receita desse remédio aí. É uma prova, portanto, que é bom pra gente também (SANTOS, 2013).*

Como observado, o entrevistado afirma que a tropeada funciona como uma “terapia”. Poderíamos pensar que o entrevistado estaria justificando a participação por meio dos benefícios que a cavalgada promove. Continua, ainda, dizendo que o companheirismo e as novas amizades que faz durante o trajeto são o mais importante no evento. Diz ainda que hoje é mais fácil, a tropeada seria uma “diversão”, mas que serve para lembrar que no passado a toda mercadoria circulava no lombo dos burros, o que demonstra a importância e a dificuldade que caracterizava essa atividade no passado (SANTOS, 2013).

Paulo Duarte dos Santos (2013) vê que o principal problema na organização da tropeada é com relativo à infraestrutura, principalmente com relação aos banheiros. Ele diz que em muitos pousos a quantidade dos banheiros é insuficiente e não possui condições adequadas para atender a tropeada. No entanto ele percebe que esforços estão sendo feitos para melhorar essa situação.

Ele também menciona que é necessário um maior investimento por parte das prefeituras para que participantes de seus municípios possam participar. Cita o caso de um conhecido da cidade de Pereiras – SP, que não conseguiu participar da tropeada por falta de apoio do município. Apesar disso, ele percebe que o interesse pela tropeada e por outros eventos ligados ao resgate da cultura tropeira vem aumentando a cada ano. Reflexo disso são as próprias associações que já existem e outras que estão em processo de criação (SANTOS, 2013).

Terminada a entrevista era possível verificar que já não havia tanto movimento no matadouro municipal. A maioria das pessoas já estava descansando para as atividades do dia seguinte.

No dia 26/05 era possível notar a partir das 7:00 horas da manhã um movimento para a preparação do café que seria servido. Logo em seguida, os participantes já fizeram fila ao lado da mesa para serem servidos com pão com margarina e café com leite.

Terminado o café seguiram para buscar e selar os animais, pois ainda restava o desfile pelas principais ruas e avenidas da cidade. Por volta de 9:10 horas da manhã aqueles que iam desfilar já se colocaram enfileirados esperando o sinal de saída que veio cerca de 30 minutos depois.

Primeiramente, a tropeada fez uma parada logo no parque das águas, ao lado do matadouro municipal, onde o grupo foi reforçado por cavaleiros e muladeiros de Sorocaba que não participaram da tropeada. Nesse local houve um discurso de Orailson Pereira, organizador do evento, bem como da primeira dama de Sorocaba, que ressaltaram a importância do evento e da semana do tropeiro que também estava se encerrando naquele dia.

Seguiram, posteriormente, para o centro de Sorocaba, passando pelo Largo do São Bento, marco inicial da povoação da vila de Sorocaba, descendo pelas ruas do centro até a Avenida São Paulo, importante rota dos tropeiros que seguiam para as minas, passando pela frente do monumento ao Tropeiro, de onde retornaram para o matadouro. O desfile não foi acompanhado por muitas pessoas nas ruas, pois não havia movimentação por conta da tropeada.

Ao retornarem para o matadouro era possível notar em todos a satisfação pela tarefa cumprida. Porém, o clima de despedida fazia com que muitos recordassem de todo trajeto, contando histórias que aconteceram durante a tropeada. No término do evento percebe-se que além do resgate histórico e do fortalecimento da memória coletiva daquele grupo, a ocasião também reúne indivíduos que partilham de uma identidade, que foram formadas e construídas no meio dessas atividades e que levam consigo grande satisfação de pertencer a esse universo tropeiro.

### **4.3 Reflexões sobre a territorialidade e a memória da 8ª Tropeada Paulista**

A 8ª Tropeada paulista foi um evento que reuniu indivíduos com identidades compartilhadas, criadas no bojo de sua convivência como grupo. Essa iniciativa concorda com o que Halbwachs (2009) afirma ao mencionar que um grupo bem definido, que convive em certas oportunidades, acaba criando memórias coletivas que se fortalecem na troca entre indivíduos. Situação essa que ficou bastante evidente nas falas reproduzidas no trabalho, quando situações de convivência e a valorização do evento se repetiam nos depoimentos.

Halbwachs (2009) afirma ainda que eventos e experiências compartilhadas por um grupo podem trazer as memórias coletivas para um primeiro plano. Segundo o autor

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com eles (HALBWACHS, 2009, p.51).

Portanto, esses eventos que reúnem indivíduos e possuem uma identidade compartilhada, mas vivem em grupos sociais distintos, permitindo a troca de informações e experiências, configurando a memória coletiva através desse intercâmbio.

Com relação ao evento, é possível afirmar que apesar de grande parte dos participantes manterem laços históricos e familiares com a atividade tropeira, muitos deles se identificam apenas pelo fato de estarem inseridos nesse grupo de convívio. Esse intercâmbio, mais do que fortalecer, permite

também a criação e incorporação de memórias que foram trabalhadas, construídas para dar significado ao evento. Além disso, grande contingente de participantes, na maioria jovens, acabam percorrendo o caminho ou parte deles com a finalidade maior de participar das festividades.

De certa forma, a tropeada paulista aparece como uma tentativa de resgate histórico do tropeirismo. Esse patrimônio cultural surge também como potencial à exploração turística na região, o que demanda também uma adaptação logística dos espaços utilizados para atender tal necessidade.

Importante destacar que na memória dos participantes fica marcada a importância do trajeto, do antigo caminho do Viamão, tomado pelos participantes como “marco histórico”. Portanto, a territorialidade da tropeada busca resgatar o tropeirismo através da marcação territorial feito pelo itinerário que é o símbolo maior dessa atividade no passado. Isso fica evidente na fala de Benedito Pereira, quando ele menciona que

*antigamente os Tropeiros fazia essas rotas. Essa cavalgada é muito grande e essa é a rota dos Tropeiros, e isso aqui nunca pode acabar, tem que dar continuidade, a gente vai ficando veio e um dia a gente vai parar, mais a criançada tem que ser incentivada pra isso aqui não morrer (PEREIRA, 2013).*

Há uma relação dialética entre memória e territorialidade expressa nesse movimento de reavivamento do tropeirismo no sudoeste paulista. O turismo como política pública surge não apenas no sentido de apropriação do evento, mas também procurando dar-lhe sustentação e permitindo que haja um reconhecimento desse patrimônio cultural.

## **CAPÍTULO 5. TROPEIRISMO E TERRAS DE USO COMUM NO ESTADO DE SÃO PAULO: UMA HIPÓTESE**

Quando se fala em territorialidade do tropeirismo, não é possível deixar de pensar nas áreas que surgiram com uma ligação muito estreita com essa atividade. Além das vilas e cidades que cresceram ao longo das rotas, uma série de outras áreas tradicionais acabou se ligando a atividade tropeira, pois esta garantia uma alternativa de renda para grupos/ comunidades localizadas às margens desses caminhos.

Partindo do pressuposto que atividades de subsistência servia, muitas vezes, como abastecimento para que atividades estruturais pudessem tomar corpo, a essa cabia um papel de coadjuvante dentro do cenário nacional. Como tal, não recebeu tanta atenção por parte daqueles que estudavam essa atividade central, importante e estruturante da economia nacional. Essa subsistência era característica de grupos que já ocupavam as áreas por onde passavam os caminhos e suas margens e muitas vezes eram feitas na forma de uso comum de terras e/ ou recursos naturais.

As terras de uso comum, dentre as quais os faxinais, se inserem dentro desse contexto. No Brasil existiram e existem muitas formas de Uso Comum de Terras e estão ligadas a grupos e práticas tradicionais onde as estruturas capitalistas de produção não se desenvolveram de forma tão intensiva. Além disso percebe-se que a ideia de propriedade e uso privado de espaços e recursos também não é tão presente nessas terras.

Cabe ainda ressaltar que muitas vezes esse uso comum favorece também a reprodução econômica e social de grupos menos favorecidos.

Possibilita, em muitos casos, local para criação de animais e acesso a recursos como lenha e madeira, por exemplo, além da possibilidade para desenvolvimento de “roças” para agricultura de subsistência. No entanto, grande parte das áreas de uso comum são fortemente utilizadas para apascentamento de animais (CAMPOS, 2000).

Por não se caracterizar como uma forma moderna de apropriação e utilização de terras, essas áreas de uso comum geralmente sofreram pressões para sua extinção. Almeida (1989) afirma que geralmente essas eram vista como formas residuais, sobreviventes de um modo de produção desaparecido e “configuradas em instituições anacrônicas que imobilizam aquelas terras, impedindo que sejam colocadas no mercado e transacionadas livremente” (ALMEIDA, 1989, p. 164). No entanto, o autor ainda afirma que nem sempre esse uso comum criou obstáculo ao desenvolvimento do capital. Ela pode estar intrinsecamente associada e até criar condições para que a atividade principal e estruturante da economia regional possa se desenvolver.

Nesse caso, cabe pensar que a exemplo do que aconteceu com os Faxinais no Paraná, que auxiliaram ao longo dos caminhos e pousos das tropas naquele estado, poderia em São Paulo ter existido uso comum de terras associados a essa atividade tropeira. Campos (2000) também menciona que em todo Brasil, essas formas de uso comum se transformaram e chegaram a desaparecer em muitas áreas que já sofreram grandes transformações impressas pelo capital. Em São Paulo, por exemplo, não é possível afirmar a existência de uso comum de terras no presente, mas há grande indício de que elas existiram e estiveram associadas e organizadas de forma a auxiliar e se integrar às atividades mais dinâmicas e viáveis para a região.

## **5.1 Tropeirismo e uso comum de terras no estado de São Paulo: possibilidades para novas pesquisas.**

Partindo do que foi acima exposto, é possível pensarmos que a agricultura de subsistência pudesse ser feita nos moldes tradicionais de produção. Evitando, a priori, mencionar a existência de Faxinais no estado de São Paulo, buscaremos levantar questões que indiquem a necessidade de pesquisas no sentido de revelar a existência no passado de Terras de Uso Comum no estado de São Paulo. Essas talvez tenham aparecido nos moldes do Sistema Faxinal.

Podemos pensar que toda essa região, foco desse trabalho, apresentou formas espaciais e de organização social que se assemelham às funções dos faxinais do sul. São regiões que foram intensamente marcadas pela atividade de criação de animais e atividade tropeira. As vilas e cidades que surgiram estavam interconectadas por caminhos de tropas e permeadas por capões de mata com Araucária. A paisagem criada por esse grupo nessa região é semelhante e fruto de processos que foram compartilhados.

A partir dessas referências teóricas e históricas, também das fontes orais, podemos pensar que se existiram terras de uso comum estreitamente ligadas ao tropeirismo nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (nesse ainda existem esses espaços), é possível que estas modalidades também se fizeram presente na região sudoeste do estado de São Paulo, onde o tropeirismo se desenvolveu mais fortemente e onde encontramos condições sociais e naturais para o desenvolvimento dessas forma de apropriação e uso das terras.

Não obstante, podemos encontrar nessa região sudoeste paulista municípios que apresentam comunidades rurais e até bairros que recebem o nome de Faxinal. É o caso, por exemplo, da comunidade rural de Faxinal dos Almeidas, em São Miguel Arcanjo – SP, próximo ao município de Itapetininga – SP. Caso também das comunidades Faxinal I e Faxinal II no município de Angatuba – SP, também próximo a Itapetininga. Inclusive mais ao norte entre os municípios de Porto Feliz – SP e Boituva – SP (região de Sorocaba – SP), existe uma comunidade denominada de Faxinal.

Durante a realização da 8ª Tropeada Paulista Itararé – Sorocaba, alguns participantes relataram que no passado já entraram em contato ou souberam de áreas que utilizavam a terra de forma comum. Segundo eles, estas estavam associadas ao pastoreio de animais pelos caminhos das tropas.

João Ramos da cidade de Capão Bonito relatou que no passado na região de Capão Bonito, onde ele reside, as terras utilizadas de forma comunal. Segundo o entrevistado, essas terras para criação e pastoreio de animais recebiam nome de “invernada aberta”, justamente por não possuir cercas fechando as propriedades.

No momento em que lhe foi explicado o que era um Faxinal do estado do Paraná, ele menciona que ali esse sistema recebia esse nome de Invernada aberta. Com suas palavras, ele diz:

*Pra você ter uma ideia, aqui os terrenos eram todos comuns, de parentes. Quem não fechou mais terra aqui, na época deles, era porque não tinha dinheiro pra comprar arame. O que você tá perguntando pra mim, eu tô respondendo de um outro jeito, mais é o que você tá perguntando. Aqui Faxinal a gente chamava de invernada; muita gente que eu conheci, é pessoas que não fechou porque o dinheiro não dava pra comprar arame pra cercar até lá (RAMOS, 2013).*

Pelo que podemos notar em sua fala esse sistema de “Invernada Aberta” estava associado às famílias com propriedades contíguas que optavam por não fechar com cerca a separação entre as propriedades, mas sim a do criadouro como um todo. Isso nos remete a alguns faxinais familiares do estado do Paraná, onde uma família cerca apenas o criadouro que contém, em seu interior, propriedades de membros de sua família que formam em conjunto uma grande área de pastagem. Portanto, em São Paulo essa lógica familiar parece também ter sido importante na estruturação dessas terras de Uso Comum que por ora chamamos e “invernada aberta”. O entrevistado também menciona que a área de roça era feita fora dessa área criatória, pois os animais poderiam causar prejuízo à lavoura.

Também Benedito Pereira da cidade de Pilar do Sul – SP menciona que já soube por meio de seus antepassados que havia na região áreas que faziam cercas improvisadas para pouso da tropa. Seriam campos destinados a apascentamento das tropas que vinham do sul, como forma de descanso da Tropa pelo tempo que fosse necessário. O entrevistado comenta que “era tudo aberto, que você tinha que improvisar com uma corda para amarrar sua tropa para ela não fugir de noite” (PEREIRA, 2013).

Portanto esses indícios apontam que deve ter existido no passado uma relação importante entre tropeirismo e as terras de uso comum. Essas serviam como auxílio, tanto fornecendo insumos necessários às tropas e tropeiros, quando proporcionando espaços para descanso dos animais.

Dessa maneira, lança-se aqui a hipótese que deve ser mais bem estudada a respeito da existência, no passado, de terras de uso comum ligadas ao tropeirismo, no estado de São Paulo. Indica-se a necessidade de investigações mais aprofundadas a respeito desse tema, apontando para possibilidades de projetos de pesquisa dentro dessa temática.

## CONCLUSÃO

Primeiramente cabe mencionar que o Tropeirismo foi uma atividade de grande importância para a região Sul do Brasil. Como mencionado ao longo do texto, apesar do transporte de animais e de carga aparecer em várias regiões brasileiras, essa atividade tomou grandes proporções na região sul do Brasil, mais precisamente no caminho de Viamão que liga o Rio Grande do Sul a Sorocaba. Apesar de não se configurar como a atividade econômica principal do período, o tropeirismo foi central para a economia das regiões meridionais e acabou por submeter áreas vizinhas aos pousos, e aos caminhos, à sua lógica de organização.

Dada essa importância, o espaço da região acabou sendo amplamente produzido e transformado pelo tropeirismo. As principais cidades nos estados meridionais, bem como as do sudoeste do estado de São Paulo, encontram-se localizadas ao longo dos antigos caminhos de tropas, em uma distância que era contada, muitas vezes, em um dia de cavalgada. Grande parte das cidades ao longo dos caminhos caracterizava-se como pousos que acabaram criando uma dinâmica para abastecimento das tropas. Esses pousos concentravam cada vez mais serviços e pessoas que se ligavam a essa dinâmica.

Assim também foi na região sudoeste do estado de São Paulo, mais especificamente na parte paulista do antigo caminho do Viamão, que vai de Itararé até Sorocaba. Essa região foi intensamente marcada pela tropeirismo e acompanhou, no passado, o fluxo intenso de movimentação de animais e pessoas que se deslocavam do sul em direção às feiras de muares de Sorocaba.

Cabe ressaltar que o espaço como um todo foi transformado pela tropeirismo, não apenas a paisagem. Deixou, também, marcas no imaginário e na memória da população desses locais. Isso significa que a cultura dessa região foi fortemente influenciada por essa importante atividade, que construiu o imaginário e a tradição tropeira que ainda é bastante presente no sudoeste paulista, mais especificamente ao longo desse antigo caminho.

A população da região sudoeste paulista ainda é bastante marcada pelas memórias do tropeirismo. Expressões dessas memórias são as tropeadas que são organizadas em todo o estado de São Paulo, mas que ganham maior notoriedade nessa região. Frente às transformações socioespaciais e culturais que a região vem sofrendo, essas iniciativas aparecem como uma reanimação e recriação de memórias tropeiras que são mobilizadas para fazer frente a uma tentativa de dissolução de identidades tradicionais. Notamos essa preocupação em resgatar uma cultura e tradição que estava ameaçada.

Na oitava edição da tropeada paulista Itararé – Sorocaba, que aconteceu do dias 17 ao 26 de maio de 2013, essa preocupação em resgate da cultura tropeira na região sudoeste de São Paulo era bastante presente. Nessa ocasião, era possível perceber que a maioria dos participantes tinha origem tropeira e mobilizavam memórias que atribuíam um significado bastante intenso ao caminho que estavam percorrendo. Através das entrevistas colhidas na oitava tropeada paulista pudemos perceber que a grande maioria dos entrevistados possui estreita ligação com a atividade no campo e com o comércio de animais. A herança tropeira se dá através dos antepassados que em muitos casos viviam do transporte de comercialização de animais e

transmitiram essa tradição que permanece ainda na memória dos participantes. A grande maioria entende a importância que o caminho que percorriam tinha no passado, bem como o a centralidade que Sorocaba tinha para a atividade tropeira. Também afirmaram a necessidade de perpetuação dessa atividade para que a história e a memória do tropeirismo não se percam com as gerações futuras.

Percebe-se, então, que são essas memórias do tropeirismo que levam a esse resgate cultural. As memórias tropeiras impulsionam um movimento das tropeadas pelos antigos caminhos das tropas. Essas obedecem a certa territorialidade, que pela memória, busca refazer e recuperar experiências ao longo desses espaços marcados pelo tropeirismo no passado.

É possível falar, então, em uma *territorialidade da memória*. Seria essa noção relativa às práticas espaciais que são impelidas pela memória. Diz respeito à maneira como as lembranças mobilizam a necessidade de transformar essa memória em prática, ou seja, em movimentos que buscam transportar experiências do passado em movimentos e expressões de territorialidade na época atual. Mais do que reconstrução de territorialidades, seria essa noção uma forma de transpor experiência do passado para a atualidade, permitindo que as próprias memórias sejam reforçadas e reconstruídas.

Cabe também considerar aqui a necessidade de colocar em evidência histórias e espaços que estiveram à margem dessa atividade que se desenvolvia no Brasil meridional. Muitas comunidades tradicionais, e muitos outros espaços para além dos pousos e caminhos tiveram, também, intensa relação com o tropeirismo. Isso é verificável quando analisamos o caso dos

Faxinais no estado do Paraná que apenas recentemente vêm recebendo atenção por parte de pesquisadores. Essas comunidades, como demonstrado no trabalho, estiveram ligadas à atividade tropeira, mas não se encontram referenciadas na bibliografia básica sobre o tropeirismo. São necessários mais estudos que procurem dar visibilidade a essa e outras formas de organização espacial.

Também lança-se a hipótese e considera-se importante a realização de estudos que procurem discutir a existência e organização de áreas de uso comum no estado de São Paulo. Estas possivelmente existiram no passado e estiveram ligadas ao ciclo do tropeirismo. Pelas transformações socioespaciais que o estado de São Paulo sofreu e pela pressão do setor agroindustrial, talvez não seja possível encontra-las em pleno funcionamento nos dias de hoje. Porém, podemos dizer que essa região faz parte da mesma formação espacial que produziu a organização espacial do Sistema Faxinal na região sul. Dessa forma, a região que apresenta dualidade entre matas e campos no estado de São Paulo provavelmente presenciou o aparecimento de comunidades tradicionais que utilizavam as terras e recursos naturais de forma comunal.

A realização do trabalho permitiu verificar a forma como uma atividade importante do passado é lembrada e encontra-se reforçada na memória de grupos que compartilham uma identidade. Essa memória residual levaria a uma pressão para reafirmação dessas identidades e pela realização de eventos para resgate da cultura e da memória tropeira. Essas memórias estimulam novas territorialidades ligadas a práticas do passado e buscam se reafirmar na atualidade.

Por último, é possível pensarmos, ainda, o “Homem Tropeiro” como um patrimônio cultural imaterial. As práticas estabelecidas hoje por meio dessas tropeadas reforçam a imagem e a tradição tropeira que é herdada por muitos dos que vivem nas áreas que no passado estiveram fortemente ligadas a essa atividade. Os participantes da tropeada paulista, bem como os que estiveram diretamente envolvidos na organização ou participaram pontualmente do evento, possuem como referência essa imagem do “Homem Tropeiro” que acaba por configurar a cultura da região.

Nesse sentido, existem hoje tentativas de patrimonialização do “Homem Tropeiro” como cultura imaterial. Estas iniciativas estão vinculadas a uma proposta turística para a região sudoeste paulista, buscando, de certa forma, a salvaguarda da cultura tropeira através da valorização do seu representante maior. Indicamos também a necessidade de aprofundamento de estudos e discussões a respeito desse processo de salvaguarda através da patrimonialização do “Homem Tropeiro” (Carta de Ipoema – Anexo A).

Terminamos mencionando que os “tropeiros de hoje” são construções feitas a partir das lembranças e das heranças dos “tropeiros de antigamente”. Suas práticas são tentativas de reconstruir simbolicamente um período e uma atividade ainda presentes no imaginário de um grupo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. Manual de História Oral. 3ª Ed. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2005.

ALMEIDA, A. **Memória Histórica sobre Sorocaba (I)**. Revista História de São Paulo., n. 60. São Paulo. 1964.

ALMEIDA, A. **Os caminhos do Sul e feira de Sorocaba**. Revista I.H.G.B. Rio de Janeiro, 1945.

ALMEIDA, A. **Sorocaba: 3 séculos de história**. Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Editora Ottoni. Sorocaba, 2002.

ALMEIDA, A. **Vida e Morte do Tropeiro**. Editora Martins – EDUSP. São Paulo. 1981.

ALMEIDA, A. W. B. Sistemas de Uso Comum na Estrutura Agrária. Cadernos do NEAE, n. 10. UFPA. Belém, 1989.

AMARAL, B. R.G. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista**. [17/05/2013]. Itaberá – SP, 2013.

ANTONIO FILHO, F. D. **O “Caminho Novo”**: O Vale Histórico da Serra da Bocaina – Opulência e decadência da sub-região paraibana paulista (reintegração de um espaço geográfico ‘deprimido’). Tese de Livre-Docência. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp/ Rio Claro. 2009.

APJ - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE JORNAIS. **Atlas de Cobertura da APJ**. Disponível em: <<http://www.apj.inf.br/atlas/atlas.php>> Acesso em 12/03/2013.

ASL – ACADEMIA SOROCABANA DE LETRAS. **Acadêmicos/ Patrônos e Textos dos nossos acadêmicos**. Disponível em: <<http://www.academiasorocabana.com.br/>> Acesso em: 14/03/2013.

BERGSON, H. **Matière et Memoire**. In. BERGSON, H. Oeuvres. Paris. PUF, 1959.

BERTO, V. A. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [18/05/2013]. Itapeva – SP, 2013.

BONADIO, G. Atualidade e importância do estudo do tropeirismo. In: Prefeitura Municipal de Sorocaba. **O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil**. 2. Edição. Sorocaba, 1999.

BONADIO, G. O tropeirismo e a formação do Brasil. In: **O tropeirismo e a formação do Brasil**. Academia Sorocaba de Letras. Fundação Umbaldino do Amaral. Sorocaba, 1984.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 15ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2009.

BLOG DE TROPEIROS. **Imagens e fotos antigas do ciclo do tropeirismo**. Disponível em: [http://blogdetropeiros.blogspot.com.br/2013\\_03\\_01\\_archive.html](http://blogdetropeiros.blogspot.com.br/2013_03_01_archive.html) Arquivo de 21 de março de 2013. Acesso em 15 de maio de 2013.

BLOG DO TROPEIRO. **8ª Tropeada Paulista**. Disponível em: <http://tropeadapaulista.blogspot.com.br/>. Acessado em: 10/05/2013.

BRANCHER, P; MAGALHÃES, R. **Estudo propositivo do Território Sudoeste Paulista**. São Paulo, MDA/SDT, 2005.

BUENO, J. E. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [22/05/2013]. Itapetininga – SP, 2013.

CAMPOS, N. J. **Terras de Uso Comum no Brasil: um estudo de suas diferentes formas**. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Geografia, USP, 2000.

CEZAR, A. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [03/03/2013}. Sorocaba – SP, 2013.

CORDEIRO, M. C. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [19/05/2013]. Taquarivaí – SP, 2013.

FAVARETO, A. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável Sudoeste Paulista (SP)**. São Paulo/ Itapeva, MDA, 2007.

FRIOLI, A. A Feira de Muas de Sorocaba In. BONADIO, G. (Org.). **Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba**. Cadernos da Academia Sorocabana de Letras. Sorocaba, 1983.

FRIOLI, A. A memória do tropeirismo nos bairros rurais de Sorocaba. In: BONADIO, G; FRIOLI, A; MATTOS, M; JOB, V. R; OLIVEIRA, S. C; VIEIRA, R; ZIMMERMAN, F. C. **O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil**. 2ª Ed. Prefeitura Municipal de Sorocaba. Sorocaba. 1999.

FRIOLI, A. O Quotidiano do Tropeirismo pelo Brasil. In: **O tropeirismo e a formação do Brasil**. Academia Sorocaba de Letras. Fundação Umbaldino do Amaral. Sorocaba, 1984.

FUA – FUNDAÇÃO UMBALDINO DO AMARAL. **História da Fundação Umbaldino do Amaral**. Disponível em <<http://www.fua.org.br/v2/historia.php>>. Acesso em 12/03/2013.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo. 29ª Ed. Companhia Edita Nacional. 1999.

GIL FILHO, S. F; CÔRREA GIL, A. H. Identidade Religiosa e Territorialidade do Sagrado: Notas para uma Teoria do Fato Religioso. In: ROSENDHAL, Z; ROBERTO, L. C. **Religião, Identidade e Território**. Editora EdUERJ. Rio de Janeiro (2001).

HADDOCK LOBO, R. **História econômica e administrativa do Brasil**. 15ª Ed. Editora Atlas. 1969.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2004.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. Editora Contexto. São Paulo. 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2ª Ed. São Paulo. Editora Centauro. 2006.

HOLANDA, S. B. de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo. 3ª Ed. Companhia das Letras. 2005.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censo Populacional de 2010**. Disponível em: <<http://http://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 10/02/2013.

IHGGS – INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E GENEALÓGICO DE SOROCABA. **Histórico do Instituto**. Disponível em: <<http://www.ihggs.org.br/index.php?option=content&task=category&sectionid=15&id=87&Itemid=98>> Acesso em 14/03/2013.

IPHAN (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL). **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial**. Decreto 3.551 de 4 de Agosto de 2000. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=201>. Acessado em 12 de Janeiro de 2010.

JOB, V. R. Algumas considerações sobre o ciclo do ouro e o tropeirismo. In: BONADIO, G; FRIOLI, A; MATTOS, M; JOB, V. R; OLIVEIRA, S. C; VIEIRA, R; ZIMMERMAN, F. C. **O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil**. 2ª Ed. Prefeitura Municipal de Sorocaba. Sorocaba. 1999.

JOB, V. R. Origens e Importância do Ciclo do Tropeirismo. In. BONADIO, G. (Org.). **Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba**. Cadernos da Academia Sorocabana de Letras. Sorocaba, 1983.

JOB, V. R. Tropas cargueiras na Hispano-América e no Brasil. In: BONADIO, G; FRIOLI, A; MATTOS, M; JOB, V. R; OLIVEIRA, S. C; VIEIRA, R; ZIMMERMAN, F. C. **O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil**. 2ª Ed. Prefeitura Municipal de Sorocaba. Sorocaba. 1999.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **História do Jornal**. Disponível em: <<http://www.cruzeirosul.inf.br/>>. Acesso em 12/03/2013.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Desfile de Cavaleiros abriu ontem a Semana do Tropeiro. Acervo Digital do Jornal**. Disponível em: <<http://paginasmemoria.cruzeirosul.inf.br:8081/paginas/1999/05/17/19990517027939loca0400cruz.pdf>> Acesso em 14/05/2013.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Notícias. Edição de 27/05/1975**. Sorocaba, 1975.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Notícias. Edição de 03/10/1976.** Sorocaba, 1976.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Jornal Cruzeiro do Sul. Notícias. Edição de 14/08/1977.** Sorocaba, 1977.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Notícias. Edição de 24/05/1979.** Sorocaba, 1979.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Notícias. Edição de 17/05/1999.** Sorocaba, 1999.

LECOQ-MÜLLER, NICE. **Função Econômica da cidade de Sorocaba.** Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia. Volume 3. Rio de Janeiro, 1952.

LEITE, P. R. C. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [23/05/2013]. Tatuí – SP, 2013.

LIMA, R. M. A. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [17/05/2013]. Itaberá – SP, 2013.

MAGALHÃES, M. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [19/05/2013]. Taquarivaí – SP, 2013.

MAGALHÃES, C. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [19/05/2013]. Taquarivaí – SP, 2013.

MATIAS, L. F; MASCARENHAS, R. G. T. Culinária tropeira e suas potencialidades no turismo dos campos gerais do Paraná: Uma análise nos municípios de Castro, Lapa e Tibagi. **Cultur - Revista de Cultura e Turismo.** Ano 02, nº 02, jul/2008, p. 18-46. <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo2.pdf>. Acesso em: 01/10/2011.

MATTOS, M. Fases de prosperidade e de declínio do Tropeirismo. In: FRIOLI, A; BONADIO, G; MATTOS, M; VIEIRA, R; OLIVEIRA, S. C; JOB, V. **O Tropeiro e a Formação do Brasil.** Academia Sorocabana de Letras. Sorocaba. 1984

MATTOS, M. **O tropeirismo e a identidade cultural da região de Sorocaba.** In. BONADIO, G. **Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba.** Sorocaba, 1983.

MINEIRO, R. A. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [17/05/2013]. Itararé – SP, 2013.

MONTEIRO, J. M. M. **De Índio a Escravo.** A transformação da população indígena de São Paulo no século XVII. In: Revista de Antropologia. Vol. 30. P 151-174. USP. São Paulo, 1987.

MONTEIRO, R. R. **Populações Tradicionais e Representações Sociais:** Reflexões a partir de uma comunidade faxinalense. Ponta Grossa, 2006 89 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

NEPOMUCENO, R. **Música Caipira: da roça ao rodeio.** 1ª Ed. Editora 34. São Paulo. 1999.

ODUM, H. T. **Ecologia.** Guanabara-Koogan. Rio de Janeiro, 1988.  
OLIVEIRA, S. C. O Tropeirismo Após as Feiras de Sorocaba. In. BONADIO, G. (Org.). Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba. Cadernos da Academia Sorocabana de Letras. Sorocaba, 1983.

OLIVEIRA, C. E. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [20/05/2013]. Itapetininga – SP, 2013.

OLIVEIRA, S. C. A Memória do Tropeirismo nos bairros rurais da Região. In: **O tropeirismo e a formação do Brasil.** Academia Sorocaba de Letras. Fundação Umbaldino do Amaral. Sorocaba, 1984.

PEREIRA, B. J. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [22/05/2013]. Itapetininga – SP, 2013.

PRADO JÚNIOR. C. **Formação do Brasil Contemporâneo:** Colônia. Companhia das Letras. São Paulo. 2011.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 23ª Ed. Editora brasiliense. 1980.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. Editora Ática. São Paulo. 1993.

RAMOS, J. V. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista**. [20/05/2013]. Itapetininga – SP, 2013.

ROLIM, G. S; CAMARGO, M. B. P; LANIA, D. G; MORAES, J. F. L. **Classificação Climática de Köppen e de Thornthwaite e sua aplicabilidade na determinação de zonas agroclimáticas para o estado de São Paulo**. Revista Bragantia. Vol. 66 n. 4. Campinas, 2007.

ROSS, J. L. S. Fundamentos da Geografia da Natureza. In: ROSS, J. L. S. (Org.) **Geografia do Brasil**. Edusp. São Paulo 2001.

SÁ, M. F. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista**. [23/05/2013]. Tatuí – SP, 2013.

SANCHES, J. O. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista**. [17/05/2013]. Itararé – SP, 2013.

SANTOS, P. D. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista**. [24/05/2013]. Tatuí – SP, 2013.

SAQUET, M. A. **Abordagens e Concepções de Território**. 2ª Ed. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2010.

SAQUET, M. A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1ª Ed. Editora Outras Expressões. São Paulo. 2011.

SILVA, J. A. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista**. [17/05/2013]. Itaberá– SP, 2013.

SOROCABA, PREFEITURA MUNICIPAL.. **Programa de Recuperação de Mata Ciliar e Nascentes de Sorocaba.** 2010. Disponível em: [http://www.meioambientesorocaba.com.br/sema/UserFiles/file/MC101%20sorocaba%20Prog\\_%20Rec\\_%20Mata%20Ciliar%20e%20Nascentes.pdf](http://www.meioambientesorocaba.com.br/sema/UserFiles/file/MC101%20sorocaba%20Prog_%20Rec_%20Mata%20Ciliar%20e%20Nascentes.pdf)> Acesso em: 30 de Abril de 2013.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C, C; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas.** 7ª Ed. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2005.

STRAFORINI. R. **No caminho das tropas.** 1ª Ed. Editora TCM-Comunicação. 2001.

TORTELLI, O. P. S. **Informação fornecida ao Autor por meio de entrevista.** [24/05/2013]. Sorocaba – SP, 2013.

TROPEIRO BRASIL (2010). Carta de Ipoema. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=carta%20de%20ipoema&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.tropeirobrasil.com%2Farea\\_publica%2Fcontroles%2FScriptPublico.php%3Fcmd%3DdownloadArquivo%26t%3Ddownload%26c%3D17%26d%3Darq&ei=33j6UdXZAonk9AS7ioDgdw&usq=AFQjCNFKYhXheHR8MbqIZ\\_\\_tFCEWMWDkg&bvm=bv.50165853,d.eWU](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=carta%20de%20ipoema&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.tropeirobrasil.com%2Farea_publica%2Fcontroles%2FScriptPublico.php%3Fcmd%3DdownloadArquivo%26t%3Ddownload%26c%3D17%26d%3Darq&ei=33j6UdXZAonk9AS7ioDgdw&usq=AFQjCNFKYhXheHR8MbqIZ__tFCEWMWDkg&bvm=bv.50165853,d.eWU)> Acesso em 05/06/2013.

UNESCO (CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA). **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris, 17 de Outubro de 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>> Acessado em 12 de Janeiro de 2010.

VIEIRA, R. A Feira de Mueres de Sorocaba. In: FRIOLI, A; BONADIO, G; MATTOS, M; VIEIRA, R; OLIVEIRA, S. C; JOB, V. **O Tropeiro e a Formação do Brasil.** Academia Sorocabana de Letras. Sorocaba. 1984

VIEIRA, R. O papel do tropeiro na integração cultural do Brasil. In: BONADIO, G; FRIOLI, A; MATTOS, M; JOB, V. R; OLIVEIRA, S. C; VIEIRA, R; ZIMMERMAN, F. C. **O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil.** 2ª Ed. Prefeitura Municipal de Sorocaba. Sorocaba. 1999.

**ANEXO A – Carta de Ipoema.**



## 6. A Carta de Ipoema

### CARTA DE IPOEMA Ipoema – Itabira – Minas Gerais

Os participantes do Seminário Internacional de Tropeirismo – Tropeiro Brasil – realizado em Ipoema, distrito do município de Itabira-MG, durante os dias 20, 21 e 22 de outubro de 2011, no Salão Paroquial e Museu do Tropeiro de Ipoema reconhecem e validam o TROPEIRISMO como fenômeno social, cultural e econômico brasileiro. Sua importância é percebida não só na formação e desenvolvimento das cidades e regiões brasileiras, mas também nos hábitos e costumes da sociedade, na integração nacional e no enriquecimento cultural e econômico do Brasil. Reconhecem, ainda, os benefícios ambientais ligados à sustentabilidade e ao manejo ambiental e também os benefícios sociais, saberes e fazeres, sobretudo na gastronomia, na medicina e na botânica, difundidos pelo movimento tropeiro a partir do século XVIII.

Por isso tudo, apresentam por meio da CARTA TROPEIRA DE IPOEMA, propostas e medidas necessárias para o reconhecimento do Homem Tropeiro brasileiro como Patrimônio Imaterial do Brasil, e, posteriormente, como Patrimônio Cultural da Humanidade através da Declaração da UNESCO. Para isso, identificam necessidades e atitudes em prol da manutenção da memória Tropeira e também, do Patrimônio Material e Imaterial do Tropeirismo brasileiro, que aqui vão elencadas:

#### IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES INICIAIS PARA O PROJETO TROPEIRO BRASIL

É necessário, para o desenvolvimento e consolidação do Tropeirismo e do Projeto Tropeiro Brasil:

- a) conformar um Grupo de Estudos, Pesquisas, Promoção e Sensibilização sobre o Tropeirismo, formado por pessoas e instituições públicas e privadas, que possam dar o suporte necessário para a consecução dos objetivos do projeto Tropeiro Brasil;
- b) formar comissões de trabalho organizadas em TEMAS e/ou REGIÕES brasileiras, dos quais se destacam a cultura, o turismo, a educação (pesquisas em Escolas/Universidades), a iniciativa privada (formatação de produtos), meio ambiente, botânica e medicina, entre outros importantes legados do tropeirismo;
- c) considerar as particularidades e características das diferentes regiões brasileiras: Viamão – Sorocaba; Sorocaba – Diamantina; Diamantina – BA - Piauí, dentre outros;
- d) buscar apoio do Governo Federal, dos Governos Estaduais e Municipais, por meio de suas instituições;
- e) aliar a isso, também, entidades do Terceiro Setor e Iniciativa Privada;
- f) desenvolver o Plano Estratégico Tropeiro Brasil, a ser coordenado pela NATA;
- g) realizar mapeamento do tropeirismo no Brasil, identificando seus elementos culturais, materiais e imateriais;
- h) realização de seminários regionais sobre Tropeirismo;
- i) trabalhar regionalmente por meio de grupos de trabalho locais;
- j) realizar o levantamento de pesquisadores e pesquisas sobre o tropeirismo no Brasil, reunindo a bibliografia sobre o tema em um banco de dados integrado;
- k) promover um amplo inventário brasileiro sobre o Tropeirismo;
- l) valorizar e auxiliar o desenvolvimento de Museus e Casas de Memórias temáticas sobre o Tropeirismo;
- m) estimular o desenvolvimento de produtos diversos, como pedagógicos, turísticos, culturais, vestuário, documentários, publicações escritas, musicais, e outros mais, com temas relacionados ao Tropeirismo;
- n) trabalhar na definição de elementos que comporiam o que se poderia caracterizar como "feira tropeira";
- o) buscar o apoio dos meios de comunicação para a divulgação do Tropeirismo;



- p) trabalhar a identificação de Tecnologias Sociais para auxiliar a divulgação e conhecimento sobre as atividades do Tropeirismo e sobre o Tropeiro, para a população de nosso país;
- q) criar uma rede de capacitação e metodologia própria para realização do inventário do patrimônio nacional do Tropeirismo (ofícios / atividades tradicionais do Homem Tropeiro); alguns pontos do patrimônio material também poderão ser trabalhados em seus aspectos, como por exemplo, o arquitetônicos; definir instituições parceiras (...) considerando as regiões (...);

#### RECOMENDAÇÕES:

Por meio das discussões e debates ocorridos no Seminário Internacional de Tropeirismo – Tropeiro Brasil, considerou-se pertinente que sejam recomendadas e sugeridas às autoridades públicas, empresários, dirigentes e formadores de opinião:

- a) que o tema Tropeirismo seja considerado conteúdo obrigatório nas matérias de História, Geografia e correlatas, na Educação Básica;
- b) que se possa levar as autoridades municipais e estaduais, proposições para criação de datas comemorativas ao Tropeirismo, em cidades que tenham essa cultura em sua origem e ainda não possuam essas datas definidas e oficiais;
- c) que seja feita a promoção da interação do projeto Tropeiro Brasil por meio de intercâmbio de estudos e pesquisas entre os diversos estados brasileiros, além da Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Peru, entre outros países do Cone Sul;
- d) que o termo de parceria com a UdG – Girona, possa ser fortalecido, ao tempo que busquemos também integrar a academia portuguesa;
- e) que se realize a articulação e a criação de uma rede de museus e de pesquisadores, por meio de um Banco de Dados virtual;
- f) que se criem materiais didáticos com o perfil e conteúdo adequado às escolas de Educação Básica;
- g) que haja a interação de outros projetos e práticas culturais existentes e relacionadas ao Tropeirismo, como por exemplo, o dos Cavaleiros da Cultura;
- h) criar o site, o “blog do Tropeiro Brasil” e posteriormente, o Portal do Tropeiro Brasil.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS DA CARTA TROPEIRA DE IPOEMA:

##### A NATA CONSIDERA QUE:

- a) É necessário atenuar o risco da perda de autenticidade e integridade do TROPEIRISMO e o da alteração de seus elementos históricos constitutivos e característicos, bem como sua memória. É preciso estar atentos para as pressões a que está submetido o Patrimônio Material e Imaterial brasileiro: processo de aculturação, crescimento da população, divisão de propriedades por herança, falta de sensibilização e do sentimento de pertencimento da sociedade;
- b) É preciso garantir um plano de gestão dos legados do TROPEIRISMO que contemple uma visão conjunta entre governo, a sociedade civil organizada e a iniciativa privada. Isso implica na certificação de que o futuro do TROPEIRISMO é parte de seu patrimônio e que a sua preservação passa necessariamente pela colaboração entre as partes implicadas;
- c) Que é possível conjugar tradição e modernidade, buscando-se desenhar mecanismos para alcançar esta conjugação, com especial atenção na preservação do Patrimônio Material e Imaterial;
- d) É fundamental promover o desenvolvimento de instrumentos que garantam os estudos e pesquisas acerca do fenômeno cultural, social, econômico e ambiental do TROPEIRISMO, sua conservação e aplicabilidade;
- e) É imprescindível fomentar iniciativas que contribuam para a sensibilização da população local, imperativo para a preservação do patrimônio do TROPEIRISMO, em especial na faixa etária da Infância e Juventude, por meio de projetos e programas de incentivo a



inserção desse público nos movimentos de preservação do patrimônio e da memória cultural brasileira. (Carlos Solera – presidente do Núcleo de Amigos da Terra e Água - NATA, Brasil)

#### A UdG CONSIDERA QUE:

La propuesta de la realización del Seminario Internacional de Tropeirismo, se tejió en el marco de la presentación del proyecto Tropeiro Brasil, oficializado en Sao Luiz do Purunã, Paraná, Brasil, hace casi un año (noviembre 2010); por parte de Carlos Solera, presidente de la NATA (Núcleo de Amigos da Terra e Agua, i, Silvia Grau, profesora de la Universidad de Girona (UdG), España.

El objetivo de este nuevo evento, ha sido la puesta en común de conocimiento, experiencias, personalidades del sector del turismo, la cultura, el patrimonio, los museos, etc. Así como también la búsqueda de alianzas estratégicas para conseguir la meta final del proyecto, que es la Declaratoria a Patrimonio de la Humanidad por la UNESCO.

Afortunadamente, se encontró en la Prefectura de Itabira, Minas Gerais, el apoyo (técnico y económico) necesario para la realización del Seminario Internacional de Tropeirismo Tropeiro Brasil – SIT Ipoema, que sumado a la buena aceptación por parte de las personas vinculadas con el fenómeno del Tropeirismo, se consiguió un importante y representativo número de palestrantes y participantes.

La programación del evento, ha sido diseñada para poder incluir en el proyecto Tropeiro Brasil, todo el patrimonio tanto material como inmaterial (música, indumentaria, gastronomía, etc.), con la finalidad de poder desarrollar productos y servicios pedagógicos, con la finalidad de darlo a conocer a través de actividades lúdicas y de turismo cultural.

La participación de profesores, investigadores, profesionales del sector de la cultura, el turismo, comercios, etc, ha sido enriquecedor para que el proyecto sea más completo e inclusivo para los agentes identificados en esta temática. Ya que a través de este encuentro se ha hecho una puesta en común de conocimiento, se han debatido temas de interés, y en definitiva se ha avanzado en conocimiento.

Por parte de la Universidad de Girona (UdG), la profesora y contraparte de este proyecto, Silvia Grau, asistió al evento, con la finalidad de compartir su experiencia en materia de desarrollo de proyectos de Turismo Cultural, tanto en Europa como en América Latina. En el marco del evento se impartió un taller, el cual según la profesora, fue muy fructífero y satisfactorio puesto que los participantes han sido profesionales del sector del turismo y el patrimonio que pueden aplicar los instrumentos del taller con la finalidad de desarrollar iniciativas emprendedoras en el área del turismo y la cultura local.

Una vez finalizado el evento y con la convicción de que el proyecto Tropeiro Brasil despierta interés a los agentes locales (sector público y privado) y tiene un fuerte potencial para el ámbito internacional, des de la UdG, se prevé seguir trabajando a través de formación de profesionales para trabajar en el ámbito del turismo cultural, generando productos y servicios para responder a las necesidades de los turistas; así como también apoyo en la creación de la ruta o itinerario; y finalmente se espera poder obtener apoyo (técnico y económico) de otras instituciones nacionales e internacionales para conseguir tejer la candidatura y conseguir así la declaratoria a Patrimonio de la Humanidad.

Para tal finalidad, será necesario organizar otros eventos, propiciar encuentros entre profesionales, llevar a cabo reuniones técnicas de trabajo y incorporación de nuevos profesionales para crear grupos de trabajo multidisciplinares, etc. Se espera para todo ello seguir contando con el apoyo del municipio de Itabira, así como de otros municipios del Brasil. De nuestra parte, continuamos el convenio y parcela de la NATA. (Silvia Grau - Profesora de la Universidad de Girona - UdG, España)

Assim, os participantes do Seminário Internacional de Tropeirismo Tropeiro Brasil, propõem que se promova a institucionalização deste Seminário com a designação de "SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TROPEIRISMO" com uma periodicidade anual ou bi-anual, além de outros Seminários e Semanas Culturais de Tropeirismo por todo o Brasil, dando-se especial ênfase aos eventos regionais.

E para constar seus devidos efeitos, acordam esta Declaração da CARTA DE IPOEMA no Distrito de Ipoema, Município de Itabira, Minas Gerais em vinte e dois de outubro de dois mil e onze.

**APÊNDICE A – Termo de anuência prévia para realização do projeto.**

O Termo de Anuência Prévia - TAP é um documento formal, elaborado em linguagem clara e acessível às populações interessadas, firmado pelas associações representativas ou lideranças tradicionais.

## **TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO**

### **“Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: O caminho paulista das tropas”**

#### **1 – Finalidade do estudo**

Levantar a memória do tropeirismo ao longo dos antigos caminhos das tropas no Estado de São Paulo, buscando evidenciar essas memórias no imaginário popular e, também, buscando ressaltar a memória no espaço enquanto formas e práticas desenvolvidas por aqueles que se encontraram nessas áreas dos antigos caminhos das tropas.

#### **Objetivos Específicos:**

- Levantar as lembranças com relação à atividade tropeira na população mais idosa que participará da 8ª Tropeada paulista;
- Levantar as lembranças e as tarefas específicas da população feminina que participa da tropeada;
- Entender as experiências e expectativas da população jovem com relação a Tropeada e sua perpetuação;
- Entender as práticas espaciais e a territorialidade da tropeada, buscando associá-la com as memórias do tropeirismo;

## **2 – Por que este estudo é importante?**

Porque os estudos sobre memórias do tropeirismo pode nos ajudar a entender os motivos que levam ao aumento, hoje, de iniciativas para resgate da cultura e da tradição tropeira. Ainda, permite identificar as lembranças e percepções dos participantes ao longo da tropeada paulista.

## **3 – O que se estudará?**

As memórias tropeiras dos participantes da 8ª Tropeada paulista.

## **4 – Da forma como se estudará?**

Através de trabalho de campo, acompanhando a 8ª Tropeada paulista. Nessa ocasião serão registradas algumas conversas (entrevistas), bem como fotografias.

### **Seleção da comunidade**

Serão realizados os trabalhos com os participantes da 8ª Tropeada paulista, sendo que os organizadores consentiram com a participação na pesquisa. Através de contato prévio por telefonema, foi possível o consentimento em participar.

### **Seleção dos Entrevistados e Número de Amostras**

Nas comunidades, serão selecionados indivíduos (homens e mulheres) a partir do seguinte critério: o foco de atenção das entrevistas serão os participantes mais idosos, por terem uma experiência de participação maior em eventos e atividades ligadas ao tropeirismo. Apesar disso, pretende-se também entrevistar mulheres para entender a forma como estas participam e as tarefas que estão designadas a realizarem. Finalmente, recai também a atenção nos jovens, para buscar entender suas experiências e expectativas quanto a realização e perpetuação da tropeada.

A pretensão inicial é esgotar o número de entrevistados, ou seja, entrevistar todos aqueles que forem indicados pelos próprios moradores segundo o critério destacado acima.

### **Entrevista**

Serão utilizadas neste estudo entrevistas informais, não-estruturadas e semi-estruturadas; além da observação participantes.

Durante as entrevistas semi-estruturadas serão abrangidas as seguintes informações, em forma de fichas de dados pessoais (nome, sexo, idade, escolaridade, há quanto tempo mora na comunidade, posição que ocupa no grupo),

### **Análise dos Dados**

Transcrição das entrevistas e seleção dos comentários e imagens captadas durante a realização da tropeada.

### **5 – O período de estudo e os locais de estudo**

De 17 a 26 de maio de 2013, durante a tropeada paulista que sairá de Itararé - SP, em direção a Sorocaba - SP

### **6 – A equipe de trabalho**

<b>Nome</b>	<b>Formação/Instituição</b>	<b>Função</b>
Rodrigo Rocha Monteiro	Geografo/ Unesp	Doutorando em Geografia

### **7 – Os recursos para a pesquisa**

Os recursos serão provenientes do próprio pesquisador.

### **8 – Dos impactos sociais, culturais e ambientais da pesquisa**

Espera-se que essa pesquisa possa ajudar a levantar e a entender as lembranças e experiências dos participantes da 8ª Tropeada Paulista, a fim de constituir um material de apoio para compreender esse novo momento dentro da tradição tropeira na região.

### **9- Resultados esperados**

Realizar um número de entrevistas que possibilite a construção de um material de apoio para realização da pesquisa em Memória do Tropeirismo. Espera-se poder construir uma narrativa a partir da experiência dos participantes do evento.

**10 – Informações referentes ao uso e destino das informações/materiais acessados, as formas de armazenamento e sua divulgação**

A análise dos dados obtidos neste estudo estará sob a responsabilidade de Rodrigo Rocha Monteiro, poderá ser inserida em bancos de dados do pesquisador e/ou ser publicada, caso seja pertinente e a Associação concorde com a divulgação.

**11 –Uso de imagens e sons**

A manifestação do Conhecimento Tradicional Associado(CTA) em campo pode ser fotografado, filmado e/ou gravado, caso os entrevistados concordem. Estes filmes serão mantidos em arquivos digitalizados como fonte bruta de informações de campo, não sendo utilizados em mídias ou publicações comerciais. As fotos, também digitalizadas, serão arquivadas e poderão ser utilizadas em publicações científicas a título de ilustração. Vale ressaltar que as fotos/vídeos somente serão utilizadas se e após a autorização dos detentores destas informações/imagens.

**12 – Dados para contatos**

Pesquisador(a) Responsável e Equipe: Rodrigo Rocha Monteiro e Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

Programa de Pós Graduação em Geografia

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

UNESP – campus de Rio Claro

Avenida 24 A, n.1515 – Bela Vista

Rio Claro – SP CEP13.506-900

E-mail: rodrigormonteiro@yahoo.com.br e bacco@rc.unesp.br

Telefone: 19-35269355

Pelo presente termo, atestamos que estamos cientes e que concordamos com a realização do estudo acima proposto; além disso, foi garantido nosso direito de recusar o acesso ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, durante o processo de Anuência Prévia.

Local: *SOROCABA*

Data: *17/05/13*



*24.641.218-5 SSP/SP*

Assinatura

RG/CPF

*ORAILSON PEREIRA*

*COORDENADOR TROPICAL PAULISTA*

*DETUR/SRC - STER-SP*

**APÊNDICE B – Termos de autorização para entrevista e  
gravação de voz.**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Roberto de Almeida Moraes depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

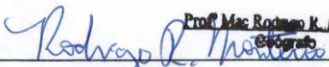
Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itanari  
LOCAL

17/05/13  
DATA

  
Assinatura do participante da pesquisa

 Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Jefferson de Oliveira Sanchez depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itarana

LOCAL

17/05/13

DATA



Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro Prof. Msc. Ruan...  
Geógraf

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

### Dados do Pesquisador:

Rodrigo Rocha Monteiro

E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)

Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Bruna Regina Galante do Amaral depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itaherá

LOCAL

17/05/13

DATA

Bruna Regina Galante do Amaral

Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro  
~~Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro~~  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

### Dados do Pesquisador:

Rodrigo Rocha Monteiro

E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)

Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, João Aparecido da Silva / João Ventura depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itaberaci  
LOCAL

17/05/13  
DATA



Assinatura do participante da pesquisa

Prof. Msc. Rodrigo Rocha Monteiro  
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigomonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigomonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Rogério Maurício Alves Lima, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

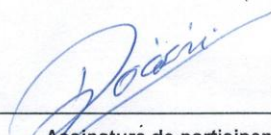
1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itaberá

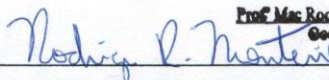
LOCAL

17/05/13

DATA



Assinatura do participante da pesquisa

  
Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

#### Dados do Pesquisador:

Rodrigo Rocha Monteiro

E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)

Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Marco César Caidano depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itaquaquecetuba

LOCAL

19/05/13

DATA

Marco César Caidano

Assinatura do participante da pesquisa

Pro<sup>o</sup> Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

### Dados do Pesquisador:

Rodrigo Rocha Monteiro

E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)

Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Maris Magalhães e Celso Magalhães depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Equipe  
LOCAL

19/05/13  
DATA

Manoel M. Filho

Assinatura do participante da pesquisa

Celso Magalhães  
celso m. magalhães

Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

### Dados do Pesquisador:

Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, João Venâncio Ramos, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ilapetununga  
LOCAL

20/05/2013  
DATA



Assinatura do participante da pesquisa

  
Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Coordenador

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ


Eu, Cícero Eduardo de Oliveira depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.


Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ilapetimingo  
LOCAL

20/05/13  
DATA

  
Assinatura do participante da pesquisa

  
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Benedito José Pereira depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itapetininga  
LOCAL

22/05/13  
DATA

Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro  
Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Antonio Aldemir Berto depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Itapira  
LOCAL

8/05/13  
DATA

[Assinatura]  
Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Jose Elisberto Bueno depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Jose Elisberto Bueno  
LOCAL

12/05/13  
DATA

Jose Elisberto Bueno  
Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro  
Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo  
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

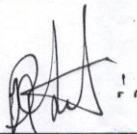
Eu, Paulo Roberto Campos Leite depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Tatuí  
LOCAL

23/05/13  
DATA



Assinatura do participante da pesquisa

Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
RodrigorochaMonteiro

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

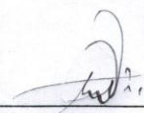
Eu Manoel Francisco de Sá depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

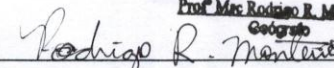
Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Tatuí  
LOCAL

23/05/13  
DATA

  
Assinatura do participante da pesquisa

Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo  
  
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Paulo Duarte dos Santos depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Tatu  
LOCAL

23/05/2013  
DATA



Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro  
Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Assinatura

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**Dados do Pesquisador:**  
Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Charlson Pereira da Silva Tortelli depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "Memória e territorialidade tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, o pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Rocha Monteiro e após esse período, serão destruídos e,
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Sorocaba

LOCAL

24/05/2013

DATA

Assinatura do participante da pesquisa

Rodrigo R. Monteiro Prof. Msc. Rodrigo R. Monteiro  
Geógrafo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

### Dados do Pesquisador:

Rodrigo Rocha Monteiro  
E-mail: [rodrigormonteiro@yahoo.com.br](mailto:rodrigormonteiro@yahoo.com.br)  
Telefone: (15) 32632030/ (15) 91430998